

MELISSA RODRIGUES DE ALMEIDA

A RELAÇÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E A CONSCIÊNCIA DE
CLASSE: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI SOBRE A
CONSCIÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação e Trabalho, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Claudia Barcelos de Moura Abreu

Co-orientador: Prof. Dr. João Henrique Rossler

CURITIBA
2008



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



PARECER

Defesa de Dissertação de **MELISSA RODRIGUES DE ALMEIDA** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR^a CLAUDIA BARCELOS DE MOURA ABREU, DR. JOÃO HENRIQUE ROSSLER, DR. NEWTON DUARTE e DR^a LÍGIA REGINA KLEIN argüiram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“A RELAÇÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE: UMA ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI SOBRE A CONSCIÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR ^a CLAUDIA BARCELOS DE MOURA ABREU		aprovada
DR. JOÃO HENRIQUE ROSSLER		reprovada
DR. NEWTON DUARTE		reprovada
DR ^a LÍGIA REGINA KLEIN		aprovada

Curitiba, 29 de agosto de 2008

Prof^a Dr^a Maria Tereza Carneiro Soares
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Dedico esse trabalho a todos os trabalhadores e trabalhadoras que, mesmo em condições de tão profunda alienação, produzem os embriões para a sociedade socialista. Dedico também a todos os militantes socialistas que dedicam suas vidas e esforços à luta pela superação da alienação e pela emancipação humana.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dra. Claudia Barcelos de Moura Abreu. Por envolver-se dedicadamente com meu trabalho, por orientar o caminho a ser seguido e me mostrar os árduos e prazerosos caminhos da pesquisa.

Ao Prof. Dr. João Henrique Rossler. Por aceitar prontamente o desafio da co-orientação, pelas enriquecedoras divagações, pelas sínteses fundamentais e pelas possibilidades abertas para um frutífero intercâmbio.

À Prof.^a Dra Ligia Regina Klein, com quem aprendi muito sobre a leitura marxista a respeito do ser humano. Pelas observações atentas e criteriosas e pelos questionamentos, que me guiaram até aqui.

Ao Prof. Dr. Newton Duarte. Pela importância que tem exercido em meus estudos sobre Vigotski e sobre a concepção histórico-social do indivíduo, principalmente por meio de suas produções teóricas e também pelas contribuições feitas durante a elaboração dessa dissertação.

Aos companheiros e militantes do Espaço Marx de Curitiba, com quem partilho da luta pela superação do capital e pela construção de uma sociedade socialista. Pela mediação em meu processo contínuo de apropriação das ferramentas do marxismo e pelo apoio e companheirismo.

Aos educadores do Núcleo de Educação Popular 13 de maio. Por me instigarem para a realização dessa pesquisa, pelas provocações e 'pirocações', por meio das quais comecei a apreender o 'movimento do movimento' do real.

Aos discentes de psicologia da UFPR, com quem partilhei minhas certezas e minhas dúvidas no último ano e meio. Por me exigirem dedicação, por me oferecerem um rico espaço de aprendizado e por me possibilitarem o exercício cotidiano da crítica.

Aos grandes amigos, Cássia, Diana, Sarita e Vitor, comprometidos com uma psicologia pela emancipação humana. Por permitirem as reflexões mais descabidas, e as coerentes também. Pelas acolhidas, pela poesia e pelas catarses.

A todos os amigos e familiares que de alguma forma deixaram aqui suas mãos, olhares, sorrisos e abraços. Por todo o apoio, incentivo e compreensão.

Ao meu grande companheiro Rogério, cúmplice de minha trajetória, de minhas forças e de minhas fragilidades. Pela paciência, pelo encorajamento e pela relação de companheirismo viva, intensa e carinhosa.

*Lento mas vem
o futuro se aproxima
devagar
mas vem*

*hoje está mais além
das nuvens que escolhe
e mais além do trovão
e da terra firme*

*demorando-se vem
qual flor desconfiada
que vigia ao sol
sem perguntar-lhe nada*

*iluminando vem
as últimas janelas*

*lento mas vem
o futuro se aproxima
devagar
mas vem*

*já se vai aproximando
nunca tem pressa
vem com projetos
e sacos de sementes*

*com anjos maltratados
e fiéis andorinhas*

*devagar mas vem
sem fazer muito ruído
cuidando sobretudo
os sonhos proibidos*

*as recordações dormidas
e as recém-nascidas*

*lento mas vem
o futuro se aproxima
devagar
mas vem*

*já quase está chegando
com sua melhor notícia
com punhos com olheiras
com noites e com dias*

*com uma estrela pobre
sem nome ainda*

*lento mas vem
o futuro real
o mesmo que inventamos
nós mesmos e o acaso*

*cada vez mais nós mesmos
e menos o acaso*

*lento mas vem
o futuro se aproxima
devagar mas vem*

*lento mas vem
lento mas vem*

Mario Benedetti (Lento mas vem)

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo analisar as contribuições do psicólogo soviético Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) na compreensão dos processos de formação da consciência de classe e da consciência individual. Vigotski teve importante papel no desenvolvimento de uma psicologia apoiada no referencial teórico marxista, postulando a historicidade da consciência humana. A investigação consistiu de uma pesquisa teórica que teve por base as obras do referido autor, bem como de outros autores do campo do marxismo. Foram abordados três processos que se articulam: 1) a formação da consciência social a partir das relações sociais de produção; 2) a constituição social e o desenvolvimento da consciência individual; 3) o processo da consciência de classe da classe trabalhadora na relação com seu ser social. Verificou-se que Vigotski traz importantes subsídios para a compreensão do processo analisado, especialmente no que diz respeito às mediações necessárias para a constituição da consciência individual, que são geradas na dinâmica das relações sociais de produção da vida e fixadas na consciência social. Dentre essas mediações destaca-se o sistema de conceitos, por meio do qual os modos de pensar, sentir e agir de uma sociedade são apropriados pelo indivíduo. Na sociedade de classes, a consciência social converte-se em ideologia e o sistema de conceitos passa a ser permeado pelas idéias universalizadas da classe dominante. No entanto, assim como a realidade movimenta-se por um jogo de contradições, a classe trabalhadora constitui-se também pela contradição de ser uma classe do capital, necessariamente integrada ao capital e uma classe para além do capital, por suportar os ônus dessa relação. Essa contradição faz possível o movimento da consciência da classe trabalhadora, de alienada à revolucionária. Contudo, sendo a consciência de classe expressão do ser social da classe, viu-se que tal movimento não é permanente, podendo ocorrer retrocessos e avanços, de acordo com o movimento do capitalismo e a luta dos trabalhadores. Procurou-se demonstrar, nesse sentido, a importância do choque de sistemas, o papel da apropriação pela classe trabalhadora da experiência prática e da teoria revolucionária acumulada pelo proletariado na busca pela superação do capital e da alienação.

Palavras-chave: Consciência. Consciência de classe. Vigotski.

ABSTRACT

The present research had the aim to analyze the contributions of the soviet psychologist Lev Semenovich Vigotski (1896-1934) to the comprehension of the processes of formation of the class consciousness and individual consciousness. Vigotski played an important role in the development of psychology supported by the Marxist theory, claiming the historicity of the human consciousness. The investigation consisted of a theoretic research which was based on the works of the mentioned author, as well as of other authors in the field of Marxism. Three related processes were approached: 1) the formation of the social consciousness from the social relations of production; 2) the social constitution and the development of the individual consciousness; 3) the process of class consciousness of the working class in the relation with its social being. It was verified that Vigotski brings important contributions on the comprehension of the analyzed process, specially when it comes to the necessary mediations for the constitution of the individual consciousness, that are produced in the dynamic of the social relations of production and established in the social consciousness. Amongst these mediations, it is prominent the system of concepts, through which the ways of thinking, feeling and acting of a society are appropriated by the individual. In the class society, the social consciousness is converted to ideology and the system of concepts is permeated through by universalized ideas of the ruling class. Although, as reality moves through a set of contradictions, the working class is also consisted by the contradiction of being a class in capital, necessarily integrated to it, and a class beyond capital, for carrying the burden of this relation. This contradiction makes possible the movement of consciousness of the working class, from alienated to revolutionary. However, being the class consciousness an expression of its social being, it was seen that this movement is not stable, being possible to occur retrocessions and advances, according to the movements of the capitalism and the worker's struggle. It attempted to demonstrate, the importance of the clash of systems, the role played by the appropriation by the working class of the practical experience and the revolutionary theory accumulated by the proletariat looking forwards to overcome of the capital and alienation.

Key-words: Consciousness. Class consciousness. Vigotski.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL (A nascente e o movimento do rio)	17
1.1 O SALTO ONTOLÓGICO DO ANIMAL PARA O HOMEM: A INAUGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA ESFERA SOCIAL.....	18
1.2 A PRODUÇÃO SOCIAL DA VIDA E A CONSCIÊNCIA SOCIAL.....	21
1.3 OS PROCESSOS DE HUMANIZAÇÃO E DE ALIENAÇÃO.....	24
1.4 AS RELAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS E A CONSCIÊNCIA SOCIAL NA FORMA DE IDEOLOGIA.....	33
2 A CONSTITUIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL (Os afluentes do rio)	40
2.1 A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DA PSICOLOGIA.....	41
2.2 DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS ELEMENTARES PARA AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES.....	42
2.3 A LEI GENÉTICA DO DESENVOLVIMENTO CULTURAL.....	47
2.4 O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO.....	48
2.5 O AUTODOMÍNIO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS E DA CONDUTA.....	55
2.6 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E A LINGUAGEM.....	59
2.7 A UNIDADE DE ANÁLISE DO PENSAMENTO VERBAL: O SIGNIFICADO.....	63
2.8 A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS.....	68
2.8.1 <i>Conceitos espontâneos e conceitos científicos</i>	70
2.8.2 <i>A unidade afetivo-cognitiva no desenvolvimento de conceitos</i>	72
2.9 O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DAS IDADES: A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E DA CONCEPÇÃO DE MUNDO.....	74
3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA (O encontro do rio com o mar)	78
3.1 O SISTEMA DE SIGNIFICAÇÃO COMO CONCEPÇÃO DE MUNDO.....	79
3.2 A CONCEPÇÃO DE MUNDO CONVERTIDA EM IDEOLOGIA.....	83
3.3 DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE COMO PROCESSO.....	86
3.4 DA CONSCIÊNCIA ALIENADA E FRAGMENTADA.....	94
3.5 DA REVOLTA INDIVIDUAL.....	100

3.6	DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE EM SI.....	102
3.7	DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE PARA SI.....	104
3.8	DA CONSCIÊNCIA PARA SI E SUAS CONTRADIÇÕES NO INDIVÍDUO.....	109
3.9	DA SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO.....	115
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
	REFERÊNCIAS.....	126

INTRODUÇÃO

O que vive
 não entorpece.
 O que vive fere.
 O homem,
 porque vive,
 choca com o que vive.
 Viver
 é ir entre o que vive.
 (...)

O que vive é espesso
 como um cão, um homem,
 como aquele rio.

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Em tempos de grande ofensiva ideológica em que se anuncia o fim das classes sociais, faz-se necessário retomar o debate acerca das classes no capitalismo. A partir dos anos 80, com a ‘reestruturação produtiva’ do capital, surgem teses que apontam para o fim das classes sociais ou para a perda de sua centralidade no mundo atual. Como consequência, teríamos o fim da luta de classes como centro da história, quando não o fim da própria história e o fim da totalidade. Tais teses estão baseadas em importantes mudanças no mundo do trabalho, como as novas formas de gestão e inovações tecnológicas que tem por objetivo a intensificação, isto é, eliminar os ‘poros’ do processo de produção, além de diminuir ao máximo as formas de trabalho improdutivo, ou seja, aquele que não produz mais-valia. Essas mudanças no processo produtivo repercutem no perfil da classe trabalhadora, que se desconcentra e é realocada em outros setores da economia e geopoliticamente. (GERMER, 2008; IASI, 2007b).¹

No entanto, percebe-se que, ainda que tenham ocorrido importantes mudanças no perfil e na localização geopolítica da classe trabalhadora,

a reestruturação produtiva não altera as relações de propriedade ou muda o caráter da grande propriedade monopolista, pelo contrário, aprofunda o processo de centralização e concentração da produção. As relações de trabalho se precarizam, cortam-se direitos, reverterem-se conquistas, quebra-

¹ Há extensos e ricos debates sobre a atualidade das classes sociais e da luta de classes, que fogem à alçada desse trabalho. Algumas referências para aprofundamento: ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* (ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho). São Paulo: Cortez, 1995. GERMER, C. M. *O proletariado ‘invisível’: a centralidade da classe trabalhadora e a transição para o socialismo*. Curitiba, 2008. IASI, M. L. *Classes sociais e a reestruturação produtiva do capital*. São Paulo, 2007b.

se o patamar organizativo anterior, completa-se a subordinação real do trabalho ao capital, mas seguem sendo relações assalariadas. (IASI, 2007b, p. 4)

Nesse sentido, nos somamos àqueles que partem de uma leitura marxista da realidade, entendendo-a como totalidade e que vivemos em uma sociedade dividida em classes sociais e antagônicas, que, a depender do momento do movimento em que se encontram, entram em luta, 'ora disfarçada, ora aberta'². Reafirmamos que o mecanismo de produção e distribuição da riqueza continua baseado na exploração do trabalho alheio e na produção de mais-valia, concentrando-se e centralizando-se cada vez mais nas mãos da classe capitalista e fazendo da grande massa da população cada vez mais uma classe de expropriados dos meios de produção. A sociedade capitalista ainda não foi superada e por isso é necessário estudá-la e conhecê-la cada vez mais para contribuir na organização de ações transformadoras que busquem a sua superação e a construção de uma sociedade sem classes.

Com a presente pesquisa, buscamos analisar o processo de produção da consciência de classe da classe trabalhadora na relação com a formação da consciência individual, na tentativa de contribuir com esse estudo. Tomamos como base o debate marxista e as contribuições de Vigotski.

Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), autor soviético que tem sua produção teórica localizada no contexto de consolidação da Revolução Russa e interrompida pela tuberculose aos 38 anos de idade, apoiava-se no referencial teórico marxista e pressupunha a historicidade do ser humano e, por conseguinte, de sua consciência, o que fica explícito na seguinte passagem:

O sistema de análise psicológica adequado para desenvolver uma teoria deve partir da teoria histórica das funções psíquicas superiores, que por sua vez se apóia em uma teoria que responde à organização sistemática e ao significado da consciência do homem. Essa doutrina atribui um significado primordial a: a) variabilidade das conexões e relações interfuncionais; b) a formação de sistemas dinâmicos complexos, integrantes de toda uma série de funções elementares; e c) reflexão generalizada da realidade na consciência. Esses três aspectos constituem, na perspectiva teórica que defendemos, o conjunto de características essenciais e fundamentais da consciência humana. (VIGOTSKI, 1999a, p. 193).

Uma vez que Vigotski não aprofunda diretamente os estudos sobre o objeto

² Referência à expressão utilizada por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista (2002, p. 45) para aludirem-se às formas de expressão da luta de classes.

de nossa pesquisa, qual seja, a relação entre a consciência de classe e a consciência individual, a abordagem do tema se deu pela busca de proposições e pistas em sua obra que pudessem iluminar a compreensão desse processo, bem como buscamos fundamentos em Marx e Engels e alguns autores marxistas.

De início, traçamos como hipótese, a existência de contribuições de Vigotski no estudo da consciência de classe e tínhamos como questão de investigação, em que sentido iriam tais contribuições. No decorrer do estudo, pudemos encontrar importantes chaves, com as quais foi possível se aproximar do fenômeno.

Para proceder a análise, partimos de alguns pressupostos, que localizam nossa pesquisa em um campo teórico específico. Partimos da concepção de ser humano segundo a qual o homem, para produzir sua existência, realiza uma atividade prática tipicamente humana: o trabalho. Assim, o homem se define essencialmente pela produção social de seus meios de vida, sejam eles materiais ou simbólicos. Essa atividade social humana produz certa consciência social, que é determinada, portanto, pelo seu ser social. Consideramos que os indivíduos internalizam, especialmente através da mediação do sistema de conceitos, a consciência social de sua época histórica, consciência essa que existe antes de cada indivíduo particular inserir-se em sua reprodução e transformação na forma de modos de pensar, agir e sentir. Entendemos a realidade social como histórica, em constante movimento e constituída de contradições, contradições essas que podem emergir à consciência dos indivíduos. Destacamos como uma importante contradição de nossa sociedade capitalista, a contradição entre o capital e o trabalho, expressa na luta de classes. A classe dominante constitui-se como classe material e intelectualmente dominante e que a partir dessa posição de dominação, consegue universalizar uma consciência particular, a de sua classe, convertendo-a em ideologia. Consideramos a consciência de classe como a expressão do ser social da classe, aquela que corresponde a determinado lugar nas relações sociais de produção. No caso da classe trabalhadora, sobre a qual se concentra nosso interesse, a consciência de classe possui um movimento próprio relacionado ao movimento cíclico da produção capitalista. Isso ocorre porque o ser social da classe trabalhadora se constitui com uma contradição: ao mesmo tempo em que a força de trabalho, única mercadoria de que os trabalhadores dispõem para conseguirem seus meios de vida, se constitui como a parte variável do capital, os trabalhadores como classe suportam os ônus dessa sociedade, levando a processos de reação e luta

contra esse sistema que os aliena da produção humana. Em certos momentos, o ser social da classe amolda-se à ordem vigente, o que em geral coincide com os períodos de crescimento e auge, quando as condições de vida ficam melhores para a maioria das pessoas. Nesses casos, a consciência da classe trabalhadora tende a permanecer imersa na alienação, seguindo o curso de seu ser social. Em outros momentos, em geral aliados às crises cíclicas periódicas, quando as condições de vida são rebaixadas, a classe trabalhadora tende a se movimentar, produzir instrumentos de luta, se organizar. Nesses momentos, a consciência de classe acompanha o ser da classe. Embora haja essa tendência, não queremos afirmar que necessariamente o amoldamento e a organização consciente da classe ocorram somente nos períodos correlacionados. Assim, a consciência da classe trabalhadora, realiza movimentos da consciência alienada à consciência revolucionária, bem como da consciência revolucionária à alienada, produzida de acordo com o ser social da classe. O ser social da classe trabalhadora constitui-se, portanto, como uma classe que por sua própria natureza está integrada ao capital e volta-se contra o capital. É uma classe do capital que deve ir além do capital, eliminando a si própria como classe.

Com base nisso, buscamos analisar as contribuições de Vigotski para entender através de que processos e mediações, a consciência social ideologizada incorporada pelo indivíduo pode se transformar em uma consciência de classe revolucionária. Alguns enunciados de Vigotski se destacaram por seu poder explicativo desse fenômeno, dentre as quais ressaltamos: o mecanismo da internalização das relações sociais na formação da consciência do indivíduo, o sistema de conceitos e sua mediação na constituição da consciência, a relação entre os conceitos espontâneos e científicos e seu papel na tomada de consciência dos processos psicológicos, o choque entre sistemas internalizados na forma de drama e o papel do motivo no processo de escolha.

Por advir da língua russa, que possui um alfabeto diferenciado, há diferentes formas de grafar o nome do psicólogo soviético: Vigotski, Vygotsky, Vygotski, Vigotskii. Ao longo do texto, optamos pela grafia mais corrente, Vigotski, usando outra apenas quando citamos referências em que seu nome está grafado diferentemente, como nas obras escolhidas em espanhol, em que encontramos Vygotski. Utilizamos, por vezes, citações longas, mas apenas quando julgamos necessário para um melhor entendimento e com o objetivo de preservar as idéias

dos autores.

As obras de Vigotski que foram utilizadas são as disponíveis em espanhol e português. Utilizamos também alguns textos de Leontiev e Luria que junto com Vigotski compunham o grupo de pesquisadores soviéticos conhecidos como *troika*³. Eles trouxeram importantes formulações para o campo da psicologia e buscaram delinear uma psicologia marxista.

É importante destacar que o acesso às obras de Vigotski tem se ampliado bastante, mas é perpassado por alguns problemas. Durante um longo período, seus textos deixaram de ser publicados na URSS, já que se privilegiavam visões mais positivistas do marxismo. Uma de suas obras, *Pensamento e Linguagem*, por exemplo, foi publicada pela primeira vez, postumamente, em 1934, proibida em 1936, voltando a ser publicada somente em 1956.⁴

Duarte faz importantes considerações sobre a substituição do que o Vigotski escreveu por traduções resumidas e censuradas ou por aquilo que escreveram seus intérpretes. Esse procedimento, aliado à assepsia realizada nas obras de Vigotski para depurar suas bases marxistas, seu distanciamento de Leontiev e o ecletismo nas interpretações, segundo Duarte (2004a, p. 166), “facilita a assimilação de Vigotski ao universo ideológico do capitalismo contemporâneo”. Cabe apontar que as traduções de algumas de suas principais obras publicadas em português, como *Pensamento e Linguagem* e *A formação social da mente*, foram editadas de acordo com seus intérpretes. O texto de *Pensamento e Linguagem*, por exemplo, possui atualmente duas traduções para o português. A primeira, lançada em 1987, foi traduzida da edição em inglês publicada nos EUA e chamada de *Pensamento e Linguagem* (VYGOTSKY, 1987). Já a segunda, lançada mais recentemente em 2001, foi traduzida diretamente do russo e denominada *A construção do pensamento e da linguagem* (VIGOTSKI, 2001a). Tal livro foi em partes escrito e em outras, ditado por Vigotski - em estado terminal de tuberculose - a seus colaboradores. Os tradutores norte-americanos argumentam que

a repetição excessiva e certas discussões polêmicas que seriam de pouco interesse para o leitor contemporâneo deveriam ser eliminadas, em favor de

³ *Troika* tem origem etimológica russa e significava originariamente um conjunto de três cavalos atrelados a um trenó ou a uma carruagem. Passou a significar também um conjunto de três pessoas ou coisas; trinca, trio. Fonte: Edição Eletrônica do Dicionário Houaiss.

⁴ BRUNER, J. S. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

uma exposição mais clara. Ao traduzir o livro, simplificamos e tornamos mais claro o estilo de Vygotsky, ao mesmo tempo em que nos esforçamos para reproduzir com exatidão o seu sentido.⁵

Através da nossa pesquisa, percebemos importantes diferenças entre as duas obras, além da evidente diferença de volume, cuja versão reduzida cortou mais de 60% da original. Como evidencia Duarte (2004a, p. 170), esses cortes tornam "o texto mais facilmente interpretável à luz de concepções não-marxistas do ser humano, da história e das relações entre indivíduo e sociedade. Nesse, sentido o autor é categórico ao afirmar que "Vigotski era bastante claro em sua posição: a psicologia não poderia desenvolver-se de forma efetiva a não ser como parte do processo de construção de uma sociedade socialista." (DUARTE, 2004a, p. 171).

Não pretendemos com essa sucinta discussão, esgotar esse tema, mas apontar para os problemas existentes nas apropriações dos textos de Vigotski.⁶

Nosso estudo pretende contribuir com o aprofundamento de uma compreensão marxista da constituição da consciência de classe e sua relação com a consciência individual. Dessa forma, coloca-se a importância de proceder a análise da consciência humana no momento histórico atual, caracterizado pela divisão social em classes distintas e antagônicas. Localizamos a psicologia de Vigotski dentro do campo marxista o que, por isso, traz preciosos subsídios. A escolha do tema se deu pela necessidade de iniciar a construção de um entendimento que estabeleça a relação entre a teoria de Vigotski com a consciência de classe. Sendo o início de uma trajetória que não se encerra nessa pesquisa, sabemos que permanecerá incompleta e inconclusa.

Concentramos nossos estudos fundamentalmente em três processos, que deram origem aos três capítulos. No primeiro capítulo, retomamos o debate marxista sobre a formação de uma consciência social a partir das relações sociais de produção da vida, a sua nascente e o seu movimento. Esse processo produz a humanização e, na sociedade de classes, produz também a alienação. Buscamos demonstrar que na sociedade de classes, a consciência social converte-se em ideologia, universalizando as idéias da classe dominante. No segundo capítulo, analisamos o processo de internalização do mundo na forma de uma concepção de

⁵ HANFMANN, E.; VAKAR, G. Prefácio à tradução inglesa. In: VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

⁶ Para aprofundamento nesse tema, recomendamos o livro *Vigotski e o 'Aprender a Aprender': crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana* de Newton Duarte (DUARTE, 2004a).

mundo e a formação e desenvolvimento, a partir disso, da consciência individual. Observamos o movimento da consciência social fluindo e constituindo afluentes, pois a partir da consciência social se produz a consciência individual, que passa a se incorporar e a produzir o movimento da consciência social. Procuramos destacar a importância do salto para as funções psicológicas superiores, do autodomínio dessas funções e da conduta na atividade consciente, da mediação do sistema de conceitos no processo de internalização e constituição da consciência individual. O terceiro capítulo aborda o movimento da consciência de classe, da passagem da consciência alienada para a consciência revolucionária e seus retrocessos, ou seja, como os vários afluentes unem-se em uma torrente e podem provocar um turbilhão em seu encontro com o mar, avançando ou sendo impelidos ao refluxo. Sublinhamos a mediação dos processos de significação na formação da concepção de mundo, o processo educativo presente na apropriação dos conceitos e a possibilidade de superação da sociedade alienada.

1 AS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL

(A nascente e o movimento do rio)

*Como todo o real é espesso.
Aquele rio é espesso e real.
Como uma maçã é espessa.
Como um cachorro é mais espesso
do que uma maçã.
(...)
Espesso
como uma maçã é espessa.
Como uma maçã é muito mais espessa
se um homem a come
do que se um homem a vê.
Como é ainda mais espessa
se a fome a come.
Como é ainda muito mais espessa
se não a pode comer a fome que a vê.
João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)*

Para entender o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado e sua relação com a formação da consciência individual, é fundamental recuperar o acúmulo teórico existente sobre o processo que leva à diferenciação da atividade e do psiquismo humanos em relação aos demais animais. Não temos o intuito de refazer esse estudo, visto que já foi bastante desenvolvido - inclusive pelos autores da psicologia soviética, Vigotski, Luria e Leontiev - mas trazer as principais contribuições para a compreensão de nosso objeto. Nesse capítulo, temos como objetivo mostrar que a produção da consciência social, entendida como os modos de ver, pensar e sentir de uma sociedade em relação a si mesma, sistematizados nas normas, regras e valores, está intrinsecamente ligada às formas de relações sociais dessa sociedade. A consciência social tem, portanto, sua nascente e seu movimento estreitamente vinculados ao movimento das relações sociais. Para isso, pretendemos apresentar os principais aspectos que caracterizam o trabalho como atividade social e histórica e sua conexão com os processos de humanização e alienação. Por último, buscaremos demonstrar que as relações sociais capitalistas, por dividir a sociedade em classes, convertem a consciência social em ideologia, isto é, na consciência da classe dominante.

1.1 O SALTO ONTOLÓGICO DO ANIMAL PARA O HOMEM: A INAUGURAÇÃO DA HISTÓRIA E DA ESFERA SOCIAL

*Como é mais espesso o sangue do cachorro
do que o próprio cachorro.
Como é mais espesso um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.*
João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Leontiev (1978, p. 60-62), em seu estudo sobre o desenvolvimento do psiquismo, argumenta que o psiquismo animal desenvolve-se estreitamente relacionado com sua atividade vital, definida como aquela atividade essencial e necessária à sua reprodução como espécie. De tal modo, quanto maior a complexidade da atividade, maior a complexidade do psiquismo que a orienta. No caso do animal, a atividade vital caracteriza-se por permanecer sempre dentro dos limites biológicos e instintivos, ou seja, é imediatamente natural. O exemplo dado por Leontiev é interessante para demonstrar essa tese: um triângulo pode se constituir como um objeto da percepção do animal, mas na medida em que não tenha para ele um sentido biológico, não se apresenta como estímulo à sua atividade.

Diferentemente, a atividade humana desenvolve-se transcendendo os limites biológicos e imediatos. Sobre isso, Luria (1979, p. 72) dá um interessante exemplo. Um homem, mesmo que sedento, não beberá a água de um poço que saiba envenenado. Isto quer dizer que ele é capaz de desprender-se das impressões imediatas, orientando-se não apenas pelo sentido biológico de sua necessidade.

A produção da vida humana ocorre pela atividade do trabalho⁷, caracterizada por ser uma atividade social em que os homens agem sobre a natureza com o objetivo de produzir os meios capazes de suprir suas necessidades. Por atividade social, entendemos não somente o fato de que os indivíduos vivem conjuntamente, mas que a produção de sua vida acontece de forma social. Ao

⁷ Marx, em *O Capital*, define o processo de trabalho como uma “atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais” (MARX, 1988, p. 146).

produzir os instrumentos de trabalho, por exemplo, o homem transforma a natureza para satisfazer suas necessidades e objetiva-se nessa transformação. O instrumento é um objeto transformado para servir a determinadas finalidades no interior da atividade humana, ganhando um novo significado criado pelo próprio homem. Duarte (1993, p. 34) apresenta essa idéia de forma esclarecedora ao dizer que: “O objeto em seu estado natural é resultante da ação de forças físico-químicas e, dependendo do objeto, de forças biológicas. Enquanto instrumento ele passará a ser resultante também da vontade e da atividade do homem.”

Em contraposição ao animal, cuja atividade é orientada por leis naturais, passa a ser a esfera social, a determinante na atividade humana. De acordo com Vigotski (2000b, p. 89, tradução nossa): “É a sociedade e não a natureza o que deve figurar em primeiro lugar como o fator determinante da conduta do homem.”

Além da compreensão do trabalho como atividade social, Marx e Engels (2007) propõem que a partir do trabalho a humanidade inaugura outra dimensão inexistente no mundo animal: a história. De início, em sua concepção de história, constatam que o primeiro pressuposto da história é a existência de seres humanos vivos, que para manterem-se vivos devem produzir os *meios* para a satisfação de suas necessidades. À produção desses meios, os autores chamam de primeiro ato histórico. Este é um importante aspecto, pois caracteriza a produção humana como atividade mediada pelos objetos (materiais e simbólicos) da cultura.

O modo de produção social da vida dependerá, antes de tudo, da natureza dos meios de existência já encontrados e que os homens precisam reproduzir. A satisfação de necessidades leva à produção de novas necessidades e à produção de meios não existentes na natureza e que permitem ampliar as capacidades humanas na produção de sua vida, levando ao desenvolvimento da história. Nesse movimento, os seres humanos, mesmo sendo parte da natureza e dependendo dela para viver, são capazes de distinguir-se em relação a ela, inserindo-a em sua atividade e transformando-a em seu *corpo inorgânico*. Em seus *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx (2004) aponta para a interconexão existente entre a natureza e o homem, mostrando que a natureza constitui-se como seu corpo inorgânico, o qual transforma continuamente em seu desenvolvimento histórico-social. A atividade vital humana constitui-se como objeto da consciência, fruto de sua genericidade. Como nos diz Marx: “O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital

mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente.” (MARX, 2004, p. 84).

Aprofundando a distinção entre a determinação de leis naturais ou histórico-sociais no comportamento animal e no comportamento humano, Duarte (1993) destaca a diferença entre espécie humana e gênero humano. Em primeiro lugar, entende o homem como um ser natural, ou seja, é parte da natureza e como ser vivo não pode viver sem a natureza (que se constitui como seu corpo inorgânico). Assim, é antes de tudo uma espécie animal, a *espécie humana*, que se constitui através das características biológicas herdadas da espécie. Por outro lado, isso não basta para definir o que é humano. Mais do que um ser natural, o homem é um ser genérico, uma vez que se constitui ainda por características criadas e desenvolvidas ao longo do processo histórico através do processo de objetivação e apropriação. O *gênero humano* constitui-se da objetividade das características humanas historicamente formadas, como os objetos, os instrumentos, a linguagem, a arte, a filosofia, a ciência, as relações sociais. Entende-se, portanto, como apropriação o processo em que o indivíduo se apropria das características do gênero e não da espécie. E é dessa forma que, ao se apropriar de uma objetivação, o indivíduo está se relacionando com a história social, mesmo que de forma inconsciente.

Graças ao desenvolvimento do gênero humano, o homem é capaz de suplantando suas características biológicas, passando a ser determinado ainda pela dinâmica das relações sociais e pela história da humanidade. Para ilustrar tal afirmação, vejamos alguns exemplos dados por Klein (2007). Os seres humanos, levando em conta suas características biológicas, não são dotados da capacidade de vôo. Assim, a espécie humana não lhes confere a característica de ser um animal capaz de voar. No entanto, o gênero humano produziu a possibilidade dos homens experimentarem o vôo, por exemplo, através do avião. Isso ocorre também com outras capacidades humanas na formação de órgãos sociais. O microscópio e o telescópio aumentam a capacidade de visão do olho natural, a escrita modifica e amplia radicalmente o processo de memorização, assim como o telefone amplia nossa capacidade de ouvir à distância, o ônibus aumenta a capacidade de andar dos pés e assim por diante. (KLEIN, 2007, p. 4). E tudo isso (microscópio, escrita, telefone, ônibus) foi produzido pelo conjunto dos seres humanos, através de sua atividade e como solução para os obstáculos que foram se colocando como entrave à realização de suas tarefas para satisfação de suas necessidades.

Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx (2004) ressalta que os sentidos e qualidades humanas tornaram-se humanas, tanto objetiva quanto subjetivamente.

O olho se tornou um olho *humano*, da mesma forma que o seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teóricos*. Relacionam-se com a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo própria e com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza *egoísta* e a natureza a sua mera *utilidade*, na medida em que a utilidade se tornou utilidade *humana*. (MARX, 2004, p. 109).

Isso quer dizer que os seres humanos se tornam humanos, humanizam-se à medida que se apropriam da genericidade. Sobre o processo de humanização advindo da dinâmica da objetivação e apropriação, trataremos a seguir, depois de pontuar outros pressupostos da produção da vida humana.

1.2 A PRODUÇÃO SOCIAL DA VIDA E A CONSCIÊNCIA SOCIAL

*Aquele rio
é espesso
como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,
onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

De acordo com MARX⁸, a produção da vida humana ocorre socialmente e, para isso, os homens estabelecem relações sociais necessárias e independentes de sua vontade. Isso quer dizer que, ao nascer, os seres humanos encontram relações sociais já desenvolvidas, nas quais se inserem para reproduzi-las e/ou transformá-las.

⁸ MARX, K. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política. [1859] Marxists Internet Archive, mar. 2007. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio_crit_eco_pol.htm> Acesso em: 20 set. 2007.

As relações sociais características de determinado modo de produção constituem-se baseadas no grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais de cada época. Como forças produtivas materiais, Marx (2001) define as forças que fazem parte do processo de trabalho: 1) o próprio trabalho humano, o homem; 2) o objeto do trabalho, ou seja, o meio natural e a natureza transformada por trabalho anterior; 3) os meios de trabalho, ou seja, os instrumentos e conhecimentos colocados pelo trabalhador entre si mesmo e o objeto de trabalho e que serve para dirigir sua atividade. À medida que há um avanço no grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais - crescimento significativo da população, grande avanço tecnológico e de conhecimentos, máquinas - aumenta também o grau de dependência entre os seres humanos nas relações sociais.

O ser humano, em sua atividade vital, o trabalho social, produz seus meios de existência e com isso faz desenvolverem-se as forças produtivas materiais. Isso quer dizer que o desenvolvimento das forças produtivas é intrínseco ao ato de trabalhar.⁹ Assim, as forças produtivas desenvolvem-se, impulsionadas pelo trabalho e esse desenvolvimento transforma as relações sociais de produção.

No desenvolvimento histórico, em um determinado momento, que não será por nós analisado aqui, por não ser o foco do presente estudo, essas relações sociais dão origem à propriedade privada, ou uma determinada forma de apropriação, que se cristaliza como conceito jurídico. Acontece que os seres humanos continuam trabalhando e, portanto, continuam desenvolvendo as forças produtivas. Com isso, desenvolvem-se também novas formas de apropriação, novos apropriadores e novas relações de trabalho, não contidas no registro jurídico, e que vão corrompendo as antigas. É então que surge uma contradição real entre as classes sociais representadas por cada um desses interesses, ou seja, a contradição entre as forças produtivas e as relações sociais de produção se expressa na luta de classes. O processo real de domínio da classe proprietária começa a erodir, embora essa classe tenha a seu favor uma instituição, juridicamente criada para mantê-la, o Estado. (GERMER, 2006).

Com a emergência e o desenvolvimento do capitalismo, as relações sociais e a propriedade privada dos meios de produção ganham contornos peculiares. Por

⁹ Cabe lembrar que o próprio Marx admite que na história é possível que momentos de catástrofes naturais ou sociais levem a um retrocesso, por exemplo, destruindo certo grau de desenvolvimento de forças produtivas.

um lado, as relações de produção capitalistas produziram um desenvolvimento das forças produtivas, nunca visto antes. Se pensarmos nas condições das forças produtivas do início do capitalismo e compararmos com as de hoje, perceberemos que o desenvolvimento não foi pouco. Da carroça ao trem-bala, da lamparina à microeletrônica, da enxada à colheitadeira, da baioneta à bomba atômica. Por outro lado, todo esse desenvolvimento, produzido socialmente, não é apropriado por toda a humanidade, ao passo que é propriedade privada de uma classe social e está subjugado ao processo econômico de produção de valor, isto é, à reprodução ampliada do capital.

Como vimos, a vida dos seres humanos se constitui pela forma como produzem socialmente sua existência, ou seja, pelas relações sociais de produção. Em seu *Prefácio à Crítica da Economia Política*, Marx¹⁰ aponta que “o conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social.” Ou seja, as formas de produção das relações sociais incidem na constituição da consciência dos seres humanos que fazem parte dessa formação histórico-social, que por sua vez, recairá sobre as relações sociais de produção, reproduzindo-as e transformando-as.

A consciência é, antes de qualquer coisa, um produto social e desenvolve-se baseada na complexidade da produção material humana. A forma como os homens produzem sua existência – a partir das relações que estabelecem entre si e com a natureza – é o que dá a base material para a produção de determinadas formas de consciência social. De acordo com o enunciado marxista: “Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência.” (MARX, *Prefácio à crítica da economia política*).¹¹

Tendo o agrupamento humano um caráter de interdependência, integração e modificação mútua, em sua atividade social, os homens passam a ter a necessidade de organizar as ações e a necessidade do intercâmbio com os outros

¹⁰ MARX, K. *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*. [1859] Marxists Internet Archive, mar. 2007. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio_crit_eco_pol.htm> Acesso em: 20 set. 2007.

¹¹ Conforme se aprofunda a divisão social do trabalho, transformada em divisão entre trabalho material e trabalho intelectual, a consciência pode imaginar que é mais do que a consciência prática existente, como se a representação do mundo estivesse emancipada do próprio mundo. Isso levará às concepções idealistas da sociedade e da história. (MARX e ENGELS, 2007, p. 35)

homens. A organização das intenções dessas ações passa a ocorrer internamente e ao buscar comunicar essa intenção, ou seja, na própria atividade produtiva, os homens produzem a linguagem. Marx e Engels afirmam que

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens. (MARX; ENGELS, 2007, p. 34 e 35).

A linguagem - ao abstrair, isolar, generalizar e analisar os objetos do real - produz uma consciência de duplicidade: a consciência passa a perceber a existência de um mundo externo objetivo e de um mundo interno subjetivo, que pensa tanto sobre o mundo externo como sobre o mundo interno. A linguagem permite aos homens operar com a representação do real na consciência, sem que necessariamente haja uma relação direta com o próprio real no momento em que se pensa. Ao se apropriar da linguagem, os indivíduos apropriam-se também de formas sociais de ver, pensar, sentir e agir no mundo. A consciência se forma pelos elementos que compõem o mundo exterior na atividade prática humana e dependem do processo real de vida do ser consciente. Vejamos então como ocorrem os processos de humanização e de alienação.

1.3 OS PROCESSOS DE HUMANIZAÇÃO E DE ALIENAÇÃO

*As coisas estão no mundo
Só que eu preciso aprender*
Paulinho da Viola (Coisas do mundo, minha nêga)

*Por me ostentar assim, tão orgulhoso
de ser não eu, mas artigo industrial,
peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem,
meu nome novo é coisa.
Eu sou a coisa, coisamente.*
Carlos Drummond de Andrade (Eu, etiqueta)

A inserção nas relações de produção da vida pressupõe a conquista de aspectos sociais para a individualidade. Esse processo denomina-se *humanização*.

Duarte (1993), baseado na teoria marxista, afirma que o processo de humanização caracteriza-se pela dinâmica da apropriação-objetivação, em que ao apropriar-se da natureza para inseri-la em sua atividade social e satisfazer suas necessidades, o homem a transforma e objetiva-se nessa transformação. Aqui também, evidencia-se o papel do trabalho, que ao produzir um salto ontológico no homem, possibilita o desenvolvimento de características que superam o que há de natural na espécie humana. É no e pelo trabalho que se dá o processo de apropriação e objetivação. Um bom exemplo é o da produção de instrumentos, que é tanto um processo de apropriação da natureza pelo homem, quanto um processo de sua objetivação. Para produzir um instrumento, é necessário apropriar-se de objetos da natureza e criar para estes, usos sociais. Nessa produção, os homens se objetivam, cristalizando no instrumento, mesmo em repouso, movimentos e gestos da atividade humana. Como instrumento, o objeto passa a ser portador de funções sociais, ganhando um significado social a partir dessa objetivação. O movimento histórico leva ao surgimento de novas necessidades. Nas palavras do autor

O que possibilita o desenvolvimento histórico é justamente o fato de que a apropriação de um objeto (transformando-o em instrumento, pela objetivação da atividade humana nesse objeto, inserindo-o na atividade social) *gera, na atividade e na consciência do homem, novas necessidades, novas forças, faculdades e capacidades*. Ou seja, a relação entre objetivação e apropriação na incorporação de forças naturais à atividade social, gera a necessidade de novas apropriações e novas objetivações. [grifos no original] (DUARTE, 1993, p. 35)

As novas necessidades, portanto, levam à produção de novas capacidades humanas. A partir disso, podemos concluir que, os homens caracterizam-se por possuírem capacidades e faculdades que podem ser ampliadas ilimitadamente, baseadas no processo de objetivação e apropriação. Mesmo a repetição da produção de um instrumento já existente, por exemplo, é também apropriação e objetivação podendo gerar a produção do novo.

As objetivações humanas são sociais e dão base a novas objetivações, geradas em um processo de acumulação e de superação (incorporação e negação). Assim sendo, cada geração deve se apropriar das objetivações produzidas pelas gerações passadas, o que leva ao desenvolvimento histórico. Apropriar-se das objetivações supõe apropriar-se das significações sociais engendradas nestas objetivações, ou seja, para apropriar-se de um dado instrumento, não basta fazer

uso do objeto, mas usar o objeto de acordo com a função social para a qual foi criado.¹²

Identificam-se ainda como objetivações a linguagem e as relações sociais. Além dos instrumentos, que servem de mediação na ação humana sobre a natureza, por meio do trabalho os homens desenvolvem a linguagem, que surge inicialmente como meio de comunicação na atividade, mas que se torna, no decorrer do desenvolvimento, um instrumento psicológico. Assim como as relações sociais, a linguagem se fixa como objetivação humana, sendo objeto de apropriação dos indivíduos ao longo da vida. (DUARTE, 1993). O papel da linguagem e dos instrumentos na atividade e na consciência humana é sempre destacado por Vigotski, como no trecho que segue: “É na linguagem que se encontra precisamente a fonte do comportamento social e da consciência” (VIGOTSKI, 1999a, p. 81).

O processo de apropriação-objetivação ocorre tanto no gênero humano quanto nos indivíduos, que para se inserir na história precisam se apropriar daquilo que as gerações precedentes produziram. Dessa forma, a produção histórico-social da humanidade, que permite ampliar suas capacidades, potencialidades, sentidos e fazem parte do gênero humano deve ser apropriada pelos indivíduos, para que estes possam dar continuidade à produção do ser genérico. Não devemos esquecer que os indivíduos se constituem como seres sociais, o que percebemos através do raciocínio de Marx (2004, p. 107):

O indivíduo é o *ser social*. (...) A vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas*, por mais que também – e isto necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais *universal* da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal*.

O homem é um ser social e o indivíduo, em sua concretude, apresenta-se como uma manifestação mais particular ou mais universal desse ser social humano. Quanto mais os indivíduos apropriam-se da genericidade humana, mais se aproximam do universal.

Conforme comentamos anteriormente, Marx (2004) nos mostra que mesmo nossos sentidos, herdados biologicamente, tornam-se humanos, ao modificarem-se pela relação com o gênero humano, de forma que o ouvido rude frui de forma

¹² Há casos em que a apropriação de um objeto social confere ao mesmo uma nova função social. É o caso, por exemplo, quando um utensílio ou ferramenta passa a ser usado como objeto ornamental.

diferente do ouvido humanizado. Segundo o autor,

os *sentidos* do homem social são sentidos *outros* que não os do não social; [é] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza *humanizada*. [grifos no original] (MARX, 2004, p. 110).

Sendo assim, o indivíduo, para aproximar-se do universal, deve reproduzir para si as habilidades humanas desenvolvidas historicamente pelo gênero humano, apropriando-se da cultura e tornando os órgãos histórico-sociais, órgãos de sua individualidade. (DUARTE, 1993).

É por isso que destacamos baseados em Duarte (1993), a relação de apropriação-objetivação como fundamental na atividade vital humana. É essa relação que caracteriza o processo de *humanização* e de apropriação das objetivações genéricas. O processo de humanização constitui-se fundamentalmente como um processo educativo, em que os aspectos sociais devem ser aprendidos pelo indivíduo através da mediação dos outros seres humanos e da linguagem. De acordo com a teoria de Vigotski (1998), o processo de aprendizado das características culturais criadas ao longo da história leva ao desenvolvimento das funções psicológicas. Esse processo ocorre tanto em termos do gênero humano como em termos do desenvolvimento de cada indivíduo. Iremos nos deter a isto no segundo capítulo.

Mas se o processo de apropriação e objetivação é o que gera humanização, como entender o impacto de relações sociais que impossibilitam que grande parte da humanidade acesse a produção genérica?

É então, que se faz importante lembrar que “a relação entre o indivíduo e o gênero humano se realiza no interior das relações sociais concretas e históricas nas quais cada homem se insere” (DUARTE, 1993, p. 111). Isso quer dizer que a genericidade se realiza no indivíduo, pela mediação da socialidade.¹³

¹³ Duarte (1993, p. 111) justifica a distinção das categorias genericidade e socialidade: “Por que então a utilização da categoria gênero humano na análise da formação do indivíduo, isto é, por que não analisar essa formação simplesmente como uma relação entre indivíduo e sociedade? Porque embora a forma concreta de existência da genericidade seja a socialidade, a apropriação de uma

OLIVEIRA (2005) complementa essa reflexão apontando que a relação entre o indivíduo e o gênero humano é mediada pela relação entre o indivíduo e a sociedade e mostra que

o gênero humano tem se tornado cada vez mais livre e universal, mas essa liberdade e universalidade não se têm verificado na vida da grande maioria dos homens singulares. Quer dizer, hoje já existem objetivações genéricas (objetivações do gênero humano) que resolveriam grandes problemas da humanidade, mas a estrutura da sociedade em que vivemos não permite que a grande maioria dos indivíduos tenha acesso a elas. Nesse sentido, esses indivíduos estão alienados frente a esses produtos da atividade humana. (OLIVEIRA, 2005, p. 31)

A partir dessa reflexão observa-se que sob relações em que imperam a propriedade privada dos meios de produção e relações sociais de assalariamento, que é o caso de nossa atual sociedade - a sociedade capitalista, o processo de humanização constitui-se ainda como um processo de *alienação*. Através da mediação da propriedade privada, segundo o argumento de Marx, o lugar de todos os sentidos humanos passa a ser ocupado pela alienação de todos os sentidos e substituído pelo sentido do *ter*. Pelas palavras do autor:

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o *nosso* [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habitado por nós etc., enfim, *usado*. Embora a propriedade privada apreenda todas estas efetivações imediatas da própria posse novamente apenas como *meios de vida*, e a vida, à qual servem de meio é a *vida da propriedade privada*: trabalho e capitalização. [grifos no original] (MARX, 2004, p. 108).

Nessa passagem, Marx ressalta que, com a mediação da propriedade privada, os seres humanos só sentem que um objeto é seu através do sentido da posse e que esse meio é o da 'vida da propriedade privada'. Sob essas relações, os homens têm sua 'essência'¹⁴ empobrecida, o que quer dizer que os indivíduos não podem se apropriar da riqueza da vida genérica. Então, pela mediação do sentido do ter em todos os aspectos da vida, formam-se seres 'mutilados', que estão impossibilitados de acessar os produtos da humanidade, especialmente por conta da mediação da propriedade privada. Temos assim uma vida individual cada vez mais

socialidade concreta do indivíduo não possibilita necessariamente a objetivação plena desse homem enquanto ser genérico, isto é, pertencente ao gênero humano."

¹⁴ É importante notar que ao falar em 'essência', Marx não se refere a uma essência a priori, estática e imutável, mas histórica, que está em relação com a genericidade.

voltada à reprodução de sua particularidade e cada vez mais alienada da genericidade. Retomando a questão da produção dos sentidos humanos, Marx (2004, p. 110) salienta que “O *sentido* constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido *tacanho*”.

Em uma sociedade dividida em classes, as produções humanas, fruto do processo de objetivação, são propriedade de uma classe. A sociedade capitalista constitui-se de relações sociais de produção e distribuição que se caracterizam pelo regime de propriedade privada dos meios de produção e por relações de assalariamento, de modo que a sociedade divide-se em duas classes principais: uma proprietária dos meios de produção e outra proprietária da força de trabalho¹⁵. Embora partilhem de uma mesma relação, essas classes estão em pólos opostos e com interesses antagônicos. A classe capitalista, proprietária dos meios de produção, vive da mais-valia produzida na valorização do valor, realizada pela classe trabalhadora. Por sua vez, a classe trabalhadora para sobreviver, detendo apenas sua própria força de trabalho, vende-a à classe capitalista como forma de obter um salário, em troca de que adquire seus meios de subsistência. Com isso, constitui-se uma relação de conflito entre os pólos, em que o aumento da mais-valia apropriada pelo capitalista significa aumento no grau de exploração do trabalhador.¹⁶

Para entender as bases da alienação produzida por essas relações, coloca-se como fundamental a compreensão de Marx sobre o tema, especialmente daquilo que corresponde à sua base material. Mészáros (2006), em sua obra *A teoria da alienação em Marx*, sistematiza essa categoria baseado principalmente na obra *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx. Segundo o autor húngaro,

O conceito de alienação de Marx tem quatro aspectos principais, que são os seguintes:

a) o homem está alienado da *natureza*;

¹⁵ Ressalta-se que estas são as classes principais, por estarem no centro da reprodução ampliada do capital, característica essencial da sociedade capitalista. Porém não são as únicas duas classes que constituem essa sociedade. Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, mostram que “A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, entretanto, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade inteira vai-se dividindo cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente opostas entre si: burguesia e proletariado.” (MARX; ENGELS, 2002, p. 46). No mesmo texto, mais à frente, indicam a existência de outras classes, como o lumpemproletariado e as camadas médias. (p. 55).

¹⁶ O aumento do grau de exploração se dá de forma absoluta ou relativa. No primeiro caso, é quando a mais-valia produzida aumenta absolutamente pela ampliação da jornada de trabalho, pela intensificação do ritmo de trabalho ou pela diminuição do salário abaixo do valor da força de trabalho. No segundo caso, é quando a mais-valia cresce relativamente pela diminuição no valor da força de trabalho, decorrente de avanços tecnológicos que aumentam a produtividade.

- b) está alienado de *si mesmo* (de sua própria *atividade*);
 - c) de seu “*ser genérico*” (de seu ser como membro da espécie humana);
 - d) o homem está alienado do *homem* (dos outros homens).
- (MÉSZÁROS, 2006, p. 19-20).

Como dissemos anteriormente, na produção de sua vida, os homens inserem a natureza em sua atividade social, transformando tanto a natureza como a si mesmos. Considerando que a natureza, o corpo inorgânico do homem do qual ele necessita para sobreviver, é também propriedade privada (como meios de produção ou matéria-prima, por exemplo), a natureza está por sua vez alienada desse homem. Disso decorre, uma relação de alienação do trabalhador com o produto de seu próprio trabalho, que se volta contra ele como um objeto estranho. Mészáros (2006) contribui com essa reflexão formulando os conceitos de mediações de primeira ordem e de mediações de segunda ordem. As *mediações de primeira ordem* são aquelas que ligam o homem à natureza, ou seja, o próprio trabalho e seus produtos, por exemplo, o instrumento. Há entre o homem, a natureza e a atividade produtiva uma reciprocidade dialética, já que o homem não apenas cria a indústria, mas é também produto dela, bem como é criador e produto da natureza.

Porém, quando a atividade produtiva se transforma em atividade alienada, a relação homem-natureza passa a estar interposta por *mediações de segunda ordem*, institucionalizadas na forma divisão do trabalho – propriedade privada – intercâmbio capitalista. O homem confronta-se com a natureza e com o homem de maneira hostil, no antagonismo entre capital e trabalho. (MÉSZÁROS, 2006).

Além da alienação em relação à natureza, há a alienação do trabalhador de sua própria atividade, como uma atividade não dominada e não dirigida conscientemente por ele. O trabalho torna-se para o trabalhador um *meio* de satisfação de necessidades e não a própria realização ou satisfação de uma carência. Desse modo, ao invés de o trabalhador afirmar-se no trabalho, humanizar-se, ele nega-se no trabalho, aliena-se. (MARX, 2004, p. 81-86).

O trabalho alienado faz ainda do ser humano genérico um ser estranho ao trabalhador, pois cada indivíduo está impossibilitado de fruir daquilo que a humanidade obteve como conquista em sua época histórica. Pelo caráter das relações sociais e pelo regime da propriedade privada, coloca-se a impossibilidade de apropriar-se de várias dimensões do gênero humano, estabelecendo-se uma relação de alienação pelos trabalhadores com aquilo que foi produzido socialmente.

Os seres humanos de nossa época conquistaram no decorrer do desenvolvimento histórico, objetivações humanas que geram novas necessidades. Por exemplo, para comer não basta a satisfação da fome. Comer de acordo com as conquistas do ser genérico de nossa época supõe sabor, cor, odor, utensílios. Ao satisfazer a fome comendo sobras do lixo, quem o faz não está realizando sua humanidade, mas aproxima-se de uma condição animal. Vêm nesse sentido os apontamentos de MARX (2004, p. 110), ao dizer que “Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento; poderia ela justamente existir muito bem na forma mais rudimentar, e não há como dizer em que esta atividade de se alimentar se distingue da atividade animal de alimentar-se.” Nessa passagem, além de destacar a aproximação do homem de uma condição animal, quando está impossibilitado de acessar o gênero humano, é possível tirar como consequência que, sob condições de alienação, quanto maior a riqueza social, ou seja, quanto mais desenvolvido o gênero humano; mais pobres são os indivíduos, já que não terão acesso a grande parte dessa riqueza, criando um imenso abismo entre a individualidade e o ser genérico.

Sobre isso Vigotski¹⁷ aponta que na organização capitalista da sociedade,

Cada novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade, alcançado à frente, não só fracassou em elevar a humanidade como um todo – e cada personalidade humana individual – para um nível mais alto, como a reconduziu a uma degradação mais profunda da personalidade humana e de seu potencial crescimento omnilateral.

O que faz com que os trabalhadores estejam impossibilitados de realizar plenamente as conquistas humanas, ou seja, de apropriar-se da genericidade, são relações sociais específicas, que subsumem a satisfação das necessidades humanas à lógica predominante destas relações. No caso da sociedade capitalista, há a subsunção de toda relação à reprodução ampliada do capital, ao processo de valorização do valor. No capitalismo, portanto, a humanização possível se dá circunscrita nos limites da condição de mercadoria da força de trabalho.

Com essa reflexão, tínhamos por objetivo demonstrar que a alienação não tem origem na consciência, mas na atividade material humana, que é a fonte da

¹⁷ VIGOTSKI, L. S. **A transformação socialista do homem.**

Disponível em: <www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.doc>. Acesso em: 25/01/2007. (Trabalho original de 1930).

consciência. A consciência objetiva-se e, na sociedade de classes, esses produtos tornam-se alienados e alienantes, provocando nos indivíduos uma relação de alienação em relação ao gênero humano. “A atividade produtiva é então a fonte da consciência, e a ‘consciência alienada’ é o reflexo da atividade alienada ou da alienação da atividade, isto é, da auto-alienação do trabalho.” (MÉSZÁROS, 2006, p. 80).

No debate sobre a alienação, Marx faz duras críticas à visão de Hegel, que dizia que a origem da alienação estaria na consciência e no fato dessa consciência se objetivar nos produtos históricos da atividade social. Com isso, captava de forma alienada o processo objetivo da alienação, com o entendimento de que a objetivação, característica da atividade humana, correspondesse à alienação, ou seja, já ao objetivar-se o homem produziria uma relação de alienação com suas objetivações. Duarte (1993) recupera a concepção marxista pelo reconhecimento da diferença entre a objetivação e a alienação:

A alienação do homem não resulta, portanto, do fato de que ele se objetive através de sua atividade. Essa objetivação não é um processo no qual a essência do homem, concebida por Hegel como autoconsciência, se aliene de si mesma. A objetivação não é a essência saindo de si mesma e se alienando no objeto, para depois retornar a si mesma superando a objetividade, que nesse sentido seria concebida como sinônimo de alienação. É verdade que a alienação tem origem objetiva, mas não decorre da objetividade das forças essenciais humanas, e sim do fato de que a objetivação e apropriação dessas forças ocorram sob relações sociais de dominação. (DUARTE, 1993, p. 72)

A partir disso, vemos que a alienação precisa ter como base as objetivações, ou seja, só é possível a alienação porque os seres humanos se objetivam. Os animais, pelo contrário, não podem se alienar de sua espécie, pois não se relacionam socialmente e, por conseguinte, não têm características além das herdadas biologicamente a serem apropriadas. Já os homens, como seres sociais, precisam apropriar-se e objetivar-se e com isso entram em contato com o ser genérico. Assim, o fato de produzir objetivações sócio-históricas que superam suas características biológicas é indicativo de que há do que se alienar. No entanto, diferente do que postulava Hegel, a alienação não é intrínseca à objetivação. Para haver alienação, é necessário que essas objetivações voltem-se contra o trabalhador como um poder estranho. Essa condição é dada pela divisão do trabalho, pela propriedade privada e pelo intercâmbio capitalista (mediações de

segunda ordem).

1.4 AS RELAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS E A CONSCIÊNCIA SOCIAL NA FORMA DE IDEOLOGIA

*Aquele rio
jamais se abre aos peixes,
ao brilho,
à inquietação de faca
que há nos peixes.
Jamais se abre em peixes.*

João Cabral de Melo Neto – O cão sem plumas, p. 74

A produção da vida é social e foi sendo constituída, ao longo da história, subordinada a certa divisão social do trabalho. Como ressaltaram Marx e Engels em *A ideologia alemã* (2007), a divisão do trabalho realmente se efetiva quando se dá a separação entre trabalho intelectual e trabalho material. A partir daí, a consciência pode imaginar que é mais que a consciência da prática existente, podendo emancipar-se do mundo, passando à formação de uma dita teoria ‘pura’. Nesse momento, alguns indivíduos passam a dedicar-se ao trabalho intelectual, enquanto outros se dedicam ao trabalho material. O que antes pertencia à atividade de toda a sociedade se fixa em uma ou outra pessoa. Em outras palavras, a divisão do trabalho entre material e intelectual e a distinção entre aqueles que se dedicam a um ou outro tipo de trabalho - uns produzem/ trabalham e outros gozam/ consomem - provocam uma mudança na consciência.

Cada ser humano individualmente não produz todas as coisas necessárias à sua subsistência, sendo cada produto humano fruto do trabalho de muitos seres humanos. Confirmamos isso ao observar a quantidade de trabalho utilizado para produção de um produto qualquer necessário à nossa vida - um parafuso, por exemplo - que está presente em uma infinidade de objetos que utilizamos diariamente. Para produzir um simples parafuso estão envolvidos trabalhadores como: minerador, siderúrgico, metalúrgico, motorista (que transporta o minério de ferro), carregador, vendedor; ou ainda, se formos mais longe, o agricultor – que vai produzir o alimento necessário a todos esses trabalhadores, o cozinheiro, o servente de limpeza – que prepara o ambiente para a produção, o professor/ instrutor – que

ensinará as técnicas para cada trabalho etc. Assim mesmo, não vivemos apenas de parafusos. Produzimos na história, necessidade de outra diversidade de objetos – desde a alimentação diária até o transporte ou a internet. São muitos os trabalhadores envolvidos em nossa produção cotidiana como seres humanos. Dessa forma, com o aprofundamento da divisão do trabalho, temos uma produção cada vez mais social e, logo, uma dependência cada vez maior dos seres humanos entre si.

Acontece que, no processo de trabalho capitalista, a divisão do trabalho é perpassada pela divisão da sociedade em classes, levando a uma especialização intensa e um processo de alienação material crescente, o que decorre também em uma crescente alienação da consciência.

Disso podemos concluir que a forma e o conteúdo das relações sociais, isto é, o *como* e o *que* os seres humanos produzem socialmente para sua existência darão base para a formação de uma determinada consciência social. Em uma sociedade de classes com interesses antagônicos, como é a sociedade capitalista, a consciência social se converte em ideologia, constituindo-se como reflexo das relações sociais dominantes, ou ainda, das relações de dominação de uma classe sobre outra. Dessa forma, a consciência social constitui-se como a expressão em idéias, valores e normas, das relações materiais dominantes em uma sociedade. Porque a classe dominante tem controle dos meios de produção e distribuição das idéias, tem o poder de transformar suas idéias particulares em idéias universais dominantes.

A classe dominante se apresenta como proprietária dos meios de produção material e intelectual. A materialidade dessas relações que produzem a alienação é expressa no universo das idéias como ideologia, ou ainda, a ideologia representa as relações materiais de classe concebidas como idéias, sendo a alienação terreno fértil para universalização da ideologia. Nas palavras de Marx e Engels:

As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. (...) As idéias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes apreendidas como idéias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as idéias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 2007, p. 47)

Chauí (1984, p. 85-87) sistematiza as condições materiais para existência da ideologia, algumas das quais já citamos anteriormente. A primeira é a separação

entre trabalho material e intelectual, a partir do que a humanidade pode supor que há uma independência entre as idéias e a realidade material. A segunda é a alienação, que torna objetivamente possível que a existência dos homens não *apareça* como produção humana. E a terceira é a luta de classes, a dominação de uma classe sobre outra, já que a ideologia cristaliza em verdades a visão parcial do real da classe dominante. Ainda segundo Chauí (1984, p. 10 e 11), um traço fundamental da ideologia é de que toma as idéias como independentes da realidade histórica e social, como se as idéias explicassem a realidade.

Posto isso, é importante lembrar que o processo de alienação e a ideologia são produtos da história, das relações humanas. A ideologia, como toda idéia, tem base no próprio real, mas coloca as idéias como autônomas em relação a esse real, servindo de base para construir um sistema teórico que camufla e justifica a dominação de classe. Nesse sentido é que Marx e Engels destacam que

A consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda a ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX; ENGELS, 2007, p. 94)

Para Chauí, a ideologia opera pela

criação de universais abstratos, isto é, a transformação das idéias particulares da classe dominante em idéias universais de todos e para todos os membros da sociedade. Essa universalidade das idéias é abstrata porque não corresponde a nada real e concreto, visto que no real existem concretamente classes particulares e não a universalidade humana. As idéias da ideologia são, pois, universais abstratos. (CHAUÍ, 1981, p. 95).

Embora a ideologia se transforme em instrumento de dominação, ao universalizar as idéias da classe dominante, não podemos deixar de destacar que os modos de pensar e sentir burgueses refletem o que são as relações sociais burguesas. Löwy (1987) mostra que o pensamento dos representantes científicos da burguesia não pode superar os limites que o próprio burguês não supera em sua vida. Não se trata de vontade, mas de possibilidade. Nesse sentido, Chauí (1984, p. 92) diz que as idéias dominantes não são as únicas, mas tornam-se a maneira pela qual todos os membros da sociedade irão pensar, sentir e agir.

A alienação dá a base para a ideologia naturalizar *uma* forma como *a* forma,

universalizar e estabelecer uma visão parcial e distorcida da realidade, mas que corresponde às relações de dominação. Assim acontece, por exemplo, quando a ideologia expressa idéias que tiram a historicidade das relações sociais, naturalizando as relações sociais capitalistas e colocando-as como lente para olhar para outras relações. Com isso, eterniza tais relações através da impressão do “sempre foi assim”, o que leva como consequência ao “sempre será assim”. Nesse momento, essas idéias funcionam como justificativas para legitimar determinadas situações, por exemplo, ao dizer que a pobreza sempre existiu, busca-se justificar a situação atual de pobreza da humanidade.

Faz-se necessário apontar que não pretendemos dar conta da riqueza do debate sobre a questão da ideologia, mas somente levantar algumas das questões relevantes à nossa temática. Devemos destacar que há, mesmo dentre os autores marxistas, diferentes abordagens sobre a questão. Lênin, por exemplo, adota ideologia como um conjunto de concepções de mundo ligadas às classes sociais, incluindo-se entre eles o próprio marxismo (LÖWY, 1987; IASI, 2007a). Iasi aponta que Lênin, assim como outros teóricos revolucionários (Gramsci, Rosa Luxemburgo, Trotski) utiliza o termo ‘ideologia proletária’ em contraste com a acepção de Marx do conceito. Seu argumento baseia-se no fato de que

A ideologia alemã só foi publicada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou no ano de 1932, assim mesmo incompleta, pois a primeira parte encontrava-se desaparecida. A publicação na íntegra aconteceu entre 1962 e 1966, a tradução para o inglês e para o alemão surgiu apenas em 1968 e 1969. (IASI, 2007a, p. 83)

Faz-se importante notar que Lênin morre em 1924. Assim, parece-lhe que “Os revolucionários marxistas da primeira metade do século 20 popularizaram um conceito de ideologia útil à luta que se travava como conjunto de idéias, mas que possui uma contradição, que não é pequena, com o conceito de Marx.” (IASI, 2007a, p. 83)

Löwy contrapõe-se à acepção tomada por Lênin e aponta o marxismo não como ideologia, mas como uma “visão social de mundo”. Para Löwy (1987, p. 12-13), a visão social de mundo “circunscreve um conjunto orgânico, articulado e estruturado de valores, representações, idéias e orientações cognitivas, internamente unificado por uma *perspectiva* determinada, por um certo *ponto de*

vista socialmente condicionado”.¹⁸

Löwy (1987, p. 11) defende que, na origem, Marx e Engels definem ideologia como “uma forma de pensamento orientada para a reprodução da ordem estabelecida”. Assim, parece-nos que a teoria marxista revolucionária estaria mais para uma “contra-ideologia”, que busca desvendar os aspectos histórico-sociais da realidade para entender e buscar intervir em seu movimento.

Como exemplo dessa luta, podemos citar o embate entre Marx e os economistas políticos, analisado por Mészáros. Tomando como pressuposto que a propriedade privada é um atributo essencial e natural do ser humano, os economistas políticos apontam o ‘egoísmo’ como característica inerente à humanidade. Avaliam, assim, uma característica humana produzida historicamente em determinadas relações sociais como uma característica natural e universal e, além disso, determinante na produção das relações tais como são.

Na visão de Marx, o homem não é, por natureza, nem egoísta nem altruísta. Ele *se torna*, por sua própria atividade, aquilo que é num determinado momento. E assim, se essa atividade for transformada, a natureza humana hoje egoísta se modificará, de maneira correspondente. (MÉSZÁROS, 2006, p. 137).

Assim, a natureza humana atual, embora seja egoísta, não é estática ou imutável. Pelo contrário, transformando-se o conjunto das relações sociais, transforma-se, em conseqüência, tal natureza humana. Se, como foi exposto, consideramos o homem como ser histórico, cujas características se produzem nesse processo, na sociedade capitalista, atual momento histórico, o homem apresenta algumas peculiaridades. Dentre elas, algumas se destacam: individualismo, liberdade, igualdade, propriedade¹⁹. Para transformar a natureza humana e superar a liberdade e igualdade como conceitos meramente formais, para superar a individualidade alienada e a propriedade, é necessário transformar a vida real dos homens, seu modo de produzir socialmente a vida.

Para que os seres humanos adquirissem essas características, foi

¹⁸ As visões sociais de mundo, segundo Löwy, podem ser ideológicas (quando servem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo), utópicas ou combinar elementos ideológicos e utópicos. Para o autor, “O pensamento utópico é o que aspira a um estado não existente das relações sociais, o que lhe dá, ao menos potencialmente, um caráter crítico, subversivo, ou mesmo explosivo.” (LÖWY, 1987, p. 12) Assim, não toma o conceito como um sonho imaginário irrealizável, mas um estado inexistente que pode vir a se realizar.

¹⁹ Em *O capital*, Marx ironiza com esses quatro princípios liberais que imperam na esfera da circulação das mercadorias. Ver MARX (1988. p. 141).

necessário um processo real de reificação do homem. A reificação é o processo pelo qual o homem ou, de forma mais precisa, sua força de trabalho torna-se 'coisa', de modo que possa ser vendida e comprada como mercadoria. Então, diferente do homem feudal, preso à terra de seu senhor, surge o 'homem livre' – livre para vender sua força de trabalho ao capitalista que mais lhe convier. Juridicamente iguais e igualmente proprietários: uns proprietários dos meios de produção e outros proprietários da força de trabalho. Os indivíduos vêem-se como seres isolados, entendendo a vontade e o esforço individuais como os determinantes de seus sucessos, fracassos e interesses privados. Com isso, perdem a dimensão de sua estreita interdependência com o social.

Assim, desde quando o ser humano reifica-se, torna-se possível se relacionar como possuidor da mercadoria força de trabalho. Portanto, na produção capitalista de mercadorias, "O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral." (MARX, 2004, p. 80).

Mas também, os limites impostos pela alienação, ao mesmo tempo em que mantêm o indivíduo alienado, podem trazer à consciência as contradições do real, com o que emerge a possibilidade de que o indivíduo passe a ter consciência de sua alienação. Como bem disse Mészáros (2006, p. 166): "A atividade alienada não produz só a 'consciência alienada'; mas também a 'consciência de ser alienado'".

Esse movimento isolado não leva à superação da alienação, embora a consciência da alienação seja fator importante para a sua superação. Em outras palavras, devemos lembrar que por mais que as contradições do real permitam que a própria consciência alienada tome consciência de sua alienação, a superação da alienação não pode acontecer no plano ideal, mas somente a partir da própria atividade material. A consciência da própria alienação pode levar o indivíduo a inserir-se em uma ação intencional coletiva que culmine na superação da sociedade de classes. Trataremos mais detidamente desse tema no terceiro capítulo.

Mészáros (2006, p. 253) nos traz outra reflexão também importante, quando mostra que a sociedade capitalista produz na relação indivíduo-sociedade um antagonismo, na medida em que a realização da humanidade no indivíduo tem como obstáculo as próprias relações sociais. Este antagonismo poderia ser superado através da aut mediação do indivíduo social, que pressupõe relações humanas não alienadas. Segundo o autor húngaro, o indivíduo tem capacidades enormemente

limitadas, enquanto a humanidade tem poderes praticamente ilimitados. Desse modo, não há transcendência da alienação numa esfera puramente individual, a possibilidade de transcendê-la é com e através da humanidade. A partir disso, ressalta alguns aspectos ontológicos e morais da alienação, como a realização da liberdade humana: “A liberdade humana não é a *transcendência* das limitações (caráter específico) da natureza humana, mas uma *coincidência* com elas.” (MÉSZÁROS, 2006, p. 149). Assim, a realização da liberdade humana é tida como a satisfação propriamente humana, e não uma abnegação ou subjugação das necessidades humanas. A superação da alienação e, portanto, sua negação é a negação das mediações de segunda ordem (divisão do trabalho – propriedade privada – intercâmbio capitalista).

De acordo com Marx,

A supra-sunção da propriedade privada é, por conseguinte, a *emancipação* completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado *humanos*, tanto subjetiva quanto objetivamente. (MARX, 2004, p. 109).

Ainda sobre a alienação, Marx e Engels (2007, p. 38-39) argumentam que só poderá ser superada diante de duas condições práticas: 1) é necessário que ela tenha feito da humanidade uma massa totalmente ‘privada de propriedade’, ao mesmo tempo em que há um grande desenvolvimento das forças produtivas, da riqueza e da cultura da humanidade; 2) o alto grau de desenvolvimento das forças produtivas deve ser universal, além de ser uma condição indispensável para que não se generalize a penúria.

De tal modo, a forma de superação dos ‘sentidos tacanhos’, que estão constringidos à carência prática rude, e a emergência de ‘sentidos humanos’ (MARX, 2004, p. 110) só ocorrem pela superação da propriedade privada e das relações sociais capitalistas, o que exige a transformação da atividade material humana e, por conseqüência, de sua consciência.

No próximo capítulo, nossa intenção é entender como se forma a consciência individual, a partir das contribuições de Vigotski, na relação com essa consciência social, atentando para o papel das mediações dos signos na internalização das idéias dominantes como concepção de mundo.

2 A CONSTITUIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL (Os afluentes do rio)

*Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
Como um cão vivo
dentro de um bolso.
Como um cão vivo
debaixo dos lençóis,
debaixo da camisa,
da pele.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

No capítulo anterior, buscamos retomar o debate marxista em torno da formação da consciência social a partir das relações sociais de cada época. Nesse capítulo, pretendemos abordar o processo de formação da consciência individual, isto é, o modo como a consciência individual flui da consciência social e constitui-se como afluente. É aqui que percebemos as contribuições de Vigotski, autor que dá um papel bastante importante para a mediação dos instrumentos e dos signos na atividade humana. Buscaremos trazer o entendimento da consciência como objeto da psicologia, o papel da cultura na passagem das funções psicológicas elementares para as funções psicológicas superiores e o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, com o objetivo de identificar os principais mecanismos psicológicos envolvidos no processo de internalização da consciência social, ou seja, como a consciência social se particulariza. Visto que não é o próprio mundo que é internalizado pela consciência, mas uma concepção de mundo, o processo de apropriação constitui-se sempre como um processo mediado pelo outro através da linguagem. Os objetos, os fenômenos e as situações do real são fixados em um sistema de conceitos, que serve como mediação na apropriação do mundo pelo indivíduo. Além disso, ao serem apropriados pelos indivíduos e serem elementos constituintes de sua consciência, passam a incorporar as objetivações desses indivíduos, que a partir de sua atividade podem reproduzir e/ ou produzir mudanças no meio social. Buscaremos na obra de Vigotski possíveis chaves para o entendimento desse processo.

2.1 A CONSCIÊNCIA COMO OBJETO DA PSICOLOGIA

Na década de 20, Vigotski é responsável pela retomada da consciência como categoria central da psicologia. Embora apareça como objeto de estudo da psicologia já em seu surgimento, nas últimas décadas do século XIX e no início do século XX, há fortes correntes que buscam negar a possibilidade de estudo da chamada 'psique', sistematizando formas de analisar a conduta humana segundo um enfoque estritamente objetivo. (VIGOTSKI, 1998a; FURTADO, 1992; LUNA, 1999).

No Prefácio da obra *A construção do pensamento e da linguagem*, VIGOTSKI (2001a) salienta que, diante dos estudos das diversas teorias do pensamento e da linguagem e dos estudos de seu grupo, o tema da relação pensamento e linguagem constitui-se como o cerne da psicologia humana, levando à concepção de uma nova teoria psicológica da consciência.

Segundo essa teoria, qualquer ação ou produção humana deriva da articulação entre condições objetivas e subjetivas e é determinada pelos movimentos anteriores e produtora de movimentos posteriores, que constituem a própria transformação histórica coletiva e individual. (VIGOTSKI, 1999a, p. 175).

O conceito de consciência passou por mudanças no decorrer da produção teórica de Vigotski, relacionadas com o contexto sócio-histórico em que vivia e com o contato com a produção existente no campo da psicologia, especialmente na própria União Soviética. Nas primeiras conceituações de Vigotski, em 1924 e 1925, evidencia-se a influência de Pavlov, ao considerar a linguagem como um segundo sistema de sinalização (diferente da simples sinalização sensorial) e a consciência como a interação de sistemas de reflexos. Ao buscar uma maior integração ao marxismo, esses conceitos iniciais vão se transformando e o autor passa a dar maior destaque ao papel dos instrumentos e signos no desenvolvimento da consciência. A palavra passa a ter novas funções, das quais se destaca a de autodomínio do comportamento através do signo, o que ocorre pela internalização do domínio do comportamento da criança pelo outro. (TOASSA, 2006).

Surge, então, um novo conceito de consciência. Para o autor soviético, a consciência é processo e produto; é um sistema estrutural e um sistema semântico, dotado de operações conectadas e de relações interfuncionais, que se *modificam*

pela mediação da linguagem, ou seja, na interação social. (VIGOTSKI, 1999a, p. 175). Aprofundaremos, nos itens seguintes, como se formam esses sistemas.

O que nos interessa ressaltar nesse momento é que, assim como Marx²⁰ entende que o ser social determina a consciência, Vigotski concebe a consciência como resultado das relações sociais e demonstra como as funções psicológicas superiores aparecem sempre primeiro no plano interpessoal para depois passarem a um plano intrapessoal.

Passemos agora à elaboração vigotskiana a respeito do desenvolvimento da consciência humana. Para isso, vamos resgatar a forma como se relacionam o processo histórico que a produz e o processo ontogenético que leva à formação da consciência nos indivíduos.

2.2 DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS ELEMENTARES PARA AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

Poderíamos ser questionados por que retomar o estudo das funções psicológicas superiores a partir das funções elementares. Vigotski justifica essa necessidade argumentando que para entender qualquer processo é fundamental buscar sua gênese. O desconhecimento da gênese leva a concepções metafísicas, afirmando a existência de leis eternas da natureza ou de leis eternas do espírito. Contra isso, devemos analisar as leis históricas, desde a origem até a morte de um fenômeno ou processo.

No caso das funções psicológicas, a superação das funções elementares por funções superiores dá origem a um processo qualitativamente diferente, presente somente nos seres humanos. Entenderemos como funções elementares aquelas consideradas naturais, herdadas pelos indivíduos da espécie a que pertencem e determinadas fundamentalmente por peculiaridades biológicas. E como funções superiores, as que nascem ou transformam-se com o desenvolvimento histórico-social do homem e reorientam toda a conduta humana. Há, por exemplo,

²⁰ MARX, K. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política. [1859] Marxists Internet Archive, mar. 2007. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio_crit_eco_pol.htm> Acesso em: 20 set. 2007.

algumas funções que são encontradas nos animais, como a percepção, atenção, memória, emoção, nas formas elementares, isto é, elas funcionam de acordo com o necessário para orientar a atividade vital animal. Essas funções passam por mudanças qualitativas importantes quando os homens desenvolvem a cultura a partir do trabalho, o que também contribui para a criação de funções antes inexistentes, como a imaginação.

No conjunto de sua obra, Vigotski traz à tona em vários momentos o papel da cultura na transformação das funções psicológicas. Afirma, por exemplo, que “a cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento.” (2000b, p. 34, tradução nossa)

Aqui, devemos abrir um breve, mas importante parêntese com relação ao termo cultura. Tendo em vista as atuais formas de emprego desse conceito, precisamos salientar as razões da manutenção desse conceito, bem como qual a concepção de que partimos e que acreditamos estar em consonância com a de Vigotski. Em primeiro lugar, trata-se de manter o termo cultura, pois é a palavra que aparece nas traduções mais aceitas e reconhecidas de Vigotski, ou seja, é o termo que originalmente o autor empregou.

Como já apontamos no primeiro capítulo, na produção do gênero humano, os homens ampliam constantemente sua apropriação da natureza, inserindo-a em sua atividade social. Nesse processo, são produzidas as objetivações humanas, que constituem o mundo da cultura (DUARTE, 2006b). Segundo Duarte (2006b, p. 611) o mundo da cultura é o mundo da riqueza material e intelectual do gênero humano.

No entanto, atualmente, os debates acerca desse tema apresentam algumas controvérsias. De acordo com Duarte (2006b, p. 609), o pós-modernismo²¹ aparece com a defesa do fim das metanarrativas e com a negação da universalidade da cultura. Ganham espaço as idéias do multiculturalismo e do relativismo cultural, com acento na existência, convivência e preservação de diferentes culturas para resistir a uma homogeneidade cultural.

²¹ Por pós-modernismo, Duarte (2004a, p. 77) entende uma postura, que aponta para uma crise da ciência, crise dos paradigmas e crise da razão, ainda que negada ou não consciente por aqueles que a efetivam. “Solipsismo, irracionalismo e fragmentação do conhecimento são marcas distintivas das concepções pós-modernas. As origens dessas características do pensamento pós-moderno devem ser buscadas na realidade do capitalismo contemporâneo.” (DUARTE, 2004a, p. 78)

Contrário a isso e apoiado em Marx, Duarte aponta para uma concepção de *universal*. Com o capitalismo, a humanidade rompe com as barreiras locais, através do mercado mundial e constitui uma produção social cada vez mais global. No entanto, permanece uma importante contradição, entre a universalidade da cultura e o esvaziamento do indivíduo diante dessa riqueza, provocada pela alienação da sociedade de classes. De acordo com Duarte,

Marx analisou com precisão e profundidade essa contradição entre, por um lado, a universalização da alienação, decorrente da universalização do valor de troca como mediação entre os seres humanos e, por outro lado, a criação de uma riqueza universal, de relações sociais universais e de capacidades humanas universais. (DUARTE, 2006b, p. 610)

Embora o capitalismo tenha possibilitado a universalização das relações sociais e a constituição de uma totalidade social de forças produtivas, tal fato ocorre por meio da universalização do valor de troca e do mercado, o que se baseia na propriedade privada (uma mediação de segunda ordem). Assim, para que os indivíduos possam se apropriar do gênero humano, da cultura universal é necessário a superação da alienação. (DUARTE, 2006b).

Com isso, esperamos ter ficado clara nossa posição de manter o termo 'cultura', por sua importância no acervo teórico de Vigotski, no sentido aqui apresentado e baseado em Duarte, da cultura universal, contrário ao entendimento dado pelo pós-modernismo de cultura como negação da totalidade e da universalidade.

Fechado o parêntese, voltemos ao processo de formação das funções psicológicas superiores. Convém lembrar que o desenvolvimento de novos níveis das funções psicológicas acontece em unidade com o desenvolvimento da atividade humana, o trabalho. No trabalho, os homens produzem e utilizam instrumentos, que servem de mediação na sua relação com a natureza e desenvolvem a linguagem, que media tanto a relação dos homens uns com os outros, como passa a mediar a relação do homem consigo mesmo. A objetivação nos instrumentos e na linguagem é uma característica propriamente humana, que dá origem à dimensão social e histórica na transformação das espécies.

Dessa forma, entende-se o comportamento adulto dos seres humanos inseridos na cultura como sendo o resultado de dois processos distintos: 1) processo biológico de evolução das espécies animais até chegar ao *Homo sapiens*; 2)

processo de desenvolvimento histórico: do homem primitivo até o homem mais desenvolvido atual. (VYGOTSKI, 2000b, p. 29).

Se na filogênese²² é possível perceber a distinção entre esses dois processos, na ontogênese, as duas linhas aparecem unidas, formando um processo único e complexo. Tal diferenciação só se revela pelo processo de abstração necessário ao conhecimento do fenômeno, mas no real encontram-se intrinsecamente unidas. Na criança, o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento cultural ocorrem simultaneamente e não um depois do outro. Assim também com as funções psicológicas, de forma que cada uma supera sua atividade orgânica, dando início ao desenvolvimento cultural a que o desenvolvimento biológico subordina-se.

Cada uma das funções psicológicas superiores deve ser entendida como a síntese de processos psíquicos e de processos fisiológicos, a que Vigotski (1999a) chama de processos psicológicos²³. Convém lembrar também que as funções psicológicas não se desenvolvem isoladamente, mas articuladas em um sistema interfuncional da consciência, em que as mudanças não ocorrem separadamente, mas afetam o sistema como um todo.

Ao relacionarem-se, as funções psicológicas constituem-se em sistemas que se modificam no decorrer do desenvolvimento – tanto quanto as próprias funções. Vigotski (1998a), através dos experimentos realizados por ele e seus colaboradores, demonstrou o quanto o desenvolvimento da linguagem provoca mudanças qualitativas na forma e no desenvolvimento de cada função e em sua relação com as outras. No texto *Sobre os sistemas psicológicos*, Vigotski (1999a) aponta que, no decorrer do desenvolvimento histórico, não mudam tanto as próprias funções, mas as relações, os nexos entre elas. Em outro texto, o autor esclarece ainda que “o desenvolvimento segue não para a socialização, mas para a *individualização* de funções sociais” (VYGOTSKI, 2000b, p. 28-29, tradução nossa).

²² A filogênese refere-se ao desenvolvimento da espécie e a ontogênese ao desenvolvimento de cada ser humano individualmente.

²³ Ao discorrer sobre a psique, a consciência e o inconsciente como objetos de diferentes abordagens da psicologia, Vigotski (1999a, p. 157) defende que “somente a psicologia dialética é capaz de indicar a saída [para o dualismo] ao afirmar que o objeto da psicologia não é constituído pelo fenômeno psicológico neutro, mas pelo fenômeno psicofisiológico integral único, que convencionalmente denominamos fenômeno psicológico”. O autor explica que os processos psicológicos são a síntese dos psíquicos e dos fisiológicos. A diferenciação entre psicológico e psíquico feita nesse texto se dá, em nosso entender, pela aproximação do termo psíquico à concepção de psique, da qual Vigotski busca se distanciar. No entanto, parece-nos que em outros textos o uso dessas palavras ocorre indiferenciadamente e no mesmo sentido, do fenômeno psicofisiológico integral único.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores supõe dois grupos de fenômenos em unidade, mas não em identidade. O primeiro grupo refere-se aos processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento, como a linguagem, a escrita, o cálculo, o desenho. O segundo corresponde aos processos de desenvolvimento das funções psicológicas superiores: a atenção voluntária, a memória lógica, a formação de conceitos, etc. (VYGOTSKI, 2000b, p. 29). Assim, para passar pelo processo de humanização, precisamos nos apropriar tanto dos meios externos de inserção na cultura (linguagem, cálculo, pensamento, escrita) como desenvolver as funções psicológicas superiores.

Além disso, esse desenvolvimento não pode ser entendido como linear, que segue etapas regulares no caminho da evolução. Vigotski define o desenvolvimento infantil como

um complexo processo dialético que se distingue por uma complicada periodicidade, a desproporção no desenvolvimento das diversas funções, as metamorfoses ou transformação qualitativa de umas formas em outras, um entrelaçamento complexo de processos evolutivos e involutivos, o complexo cruzamento de fatores externos e internos, um complexo processo de superação de dificuldades e de adaptação. (VYGOTSKI, 2000b, p. 141, tradução nossa).

Conforme o exposto, fica claro o caráter dialético do desenvolvimento, como um processo vivo de formação e de luta. O conceito de desenvolvimento inclui mudanças evolutivas e revolucionárias, retrocessos, falhas, movimentos em ziguezague, conflitos. A conduta cultural da criança se baseia em suas formas primitivas, mas supõe luta, deslocamento de estruturas velhas ou até sua total destruição. Além disso, expressa a contradição entre o natural e o histórico, entre o primitivo e o cultural, entre o orgânico e o social. (VYGOTSKI, 2000b, p. 303)

Baseado em algumas reflexões de Hegel, Vigotski (2000a; 2000b) apresenta três fases ou etapas pelas quais o desenvolvimento histórico-social da criança passa: em si → para outros → para si. No texto conhecido como *Manuscrito de 1929*, Vigotski (2000a, p. 25) ressalta como esse processo transparece na constituição da personalidade: “A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros.”

A constituição da personalidade e da individualidade se dá, por conseguinte, na própria relação social. E é somente na relação que o indivíduo passa a

reconhecer a si mesmo como pertencente à humanidade ou, melhor dizendo, ao gênero humano. Cada um de nós se reconhece como humano a partir da relação com o outro. Assim fica demonstrado na seguinte passagem de Marx:

O homem se vê e se reconhece primeiro em seu semelhante, a não ser que já venha ao mundo com um espelho na mão ou como um filósofo fichtiano para quem basta o 'eu sou eu'. Através da relação com o homem Paulo, na condição de seu semelhante, toma o homem Pedro consciência de si mesmo como homem. Passa, então, a considerar Paulo – com pele, cabelos, em sua materialidade paulina – a forma em que se manifesta o gênero homem. (MARX, 2001, p. 74-75).

2.3 A LEI GENÉTICA DO DESENVOLVIMENTO CULTURAL

(...) no movimento mais íntimo e pessoal do pensamento, do sentimento, etc., o psiquismo de um indivíduo particular é efetivamente social e socialmente condicionado.
Vigotski

A partir dessa nova compreensão do desenvolvimento humano, em que a natureza psíquica do homem é dada pelo conjunto de relações sociais trasladadas ao interior e convertidas em funções da personalidade e em formas de sua estrutura, Vigotski traça a lei genética do desenvolvimento cultural. Não devemos esquecer que, para Vigotski, todo cultural é social; a cultura é produto da vida social e da atividade social do ser humano e o próprio mecanismo das funções psíquicas superiores é uma cópia do social (VYGOTSKI, 2000b, p. 151).

A grande questão deixa de ser como uma ou outra criança se coloca na sociedade e em suas classes sociais, mas como a sociedade e os grupos sociais criam, em uma ou outra criança, as funções psicológicas superiores. E para responder a isso, Vigotski evidencia que toda forma superior de comportamento aparece sempre em dois planos: primeiro no plano social ou interpsicológico – quando a função está dividida entre duas pessoas, constituindo um processo psicológico mútuo; depois no plano intrapsicológico, em um complexo sistema de funções no sujeito. Com isso, o autor aponta que “a vertente individual se constrói como derivada e como secundária sobre a base do social e segundo seu exato modelo” (VIGOTSKI, 1999a, p. 82); só há reconhecimento do eu no reconhecimento do outro.

Para Vigotski (2000b, p. 35), o desenvolvimento cultural da criança corresponde ao processo de desenvolvimento psíquico que se produz com o desenvolvimento histórico da humanidade. Esse desenvolvimento cultural produz importantes mudanças também para o desenvolvimento do cérebro. Para o autor soviético, os centros inferiores passam a funcionar, de um lado, unidos aos superiores, como instâncias subordinadas às suas ordens; e, de outro lado, parte de suas funções se estrutura nos novos centros, não mantendo plenamente seu funcionamento primário (VYGOTSKI, 2000b, p. 145).

Embora consideremos o cérebro uma estrutura que dá base e possibilita o desenvolvimento da consciência humana, não é demais ressaltar que a gênese das funções psicológicas está nas relações sociais. Por isso, Vigotski (2000a) critica radicalmente aqueles que procuram centros especiais no cérebro para as funções psicológicas ou tentam explicá-las por ligações orgânicas, pois entende que as funções superiores não são estruturas naturais, mas construções sociais que passam de relações entre as pessoas para relações entre as funções.

2.4 O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO

Para entender o processo de formação e desenvolvimento das funções psicológicas superiores, é necessário compreender o processo de internalização. A *internalização* é definida como o processo que resulta na reconstrução interna de operações externas, ou seja, é a incorporação pelo indivíduo de atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas. A internalização seria produto de uma série de eventos que passam da dimensão interpessoal para a dimensão intrapessoal, quando o indivíduo passa a operar com as funções internalizadas, tendo como base os signos.

VIGOTSKI (1998a, p. 76) ressalta a internalização como o que vai distinguir a espécie humana dos animais: “A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana”. Isso porque é a partir da internalização que as funções elementares são superadas pelas funções superiores.

O processo de internalização ocorre necessariamente por meio da mediação social e não pode ser entendido como um processo contemplativo, em que o social é simplesmente absorvido pelo indivíduo. Pelo contrário, a internalização ocorre na atividade material e psicológica, no engajamento da pessoa no processo de apropriação e objetivação.

Através da internalização das relações humanas há uma ampliação das capacidades e potencialidades das operações psicológicas de forma ilimitada. Há duas formas de mediação que combinadas contribuem de forma determinante para esse salto das funções psicológicas, quais sejam, o instrumento e o signo. Vigotski chamará de *função psicológica superior* às funções que surgem da utilização de instrumentos e signos na atividade psicológica. Coloca-se, portanto, como fundamental compreender o papel, as semelhanças e diferenças entre instrumento e signo. Sua semelhança é que ambos encerram uma função mediadora, porém diferenciam-se na direção dessa mediação. O instrumento orienta o comportamento humano externamente, serve como condutor da atividade humana sobre um objeto que deverá necessariamente ser modificado, de forma a controlar e dominar a natureza. Já o signo orienta o comportamento humano internamente, ou seja, dirige e controla o próprio comportamento. Entretanto, ainda que sejam distintos, há um elo psicológico real entre instrumento e signo. Em primeiro lugar, porque há na consciência uma ligação entre o controle da natureza (pelo instrumento) e o controle do comportamento (pelo signo). Em segundo lugar, porque à medida que o homem produz transformações na natureza, transforma também sua própria natureza humana. (VYGOTSKI, 2000b, p. 92-95)

Assim como as funções psicológicas, o próprio signo se internaliza. Em sua história de desenvolvimento, o signo aparece primeiro como meio de comunicação, interpsicológico, uma vez que serve de mediação entre os seres humanos em sua atividade social. Transforma-se, depois, em meio de conduta, intrapsicológico.

Vigotski (2000b, p. 160-165) descreve mais detalhadamente como acontece esse processo. A criança, ao longo de seu desenvolvimento, assimila as formas sociais de conduta, aplicando-as depois a si mesma. Isso acontece também com os signos que são, de início, um meio de relação social, para depois transformar-se em um meio de influência sobre si mesmo. As relações entre as funções psicológicas superiores foram anteriormente relações reais entre os homens. Passo a me relacionar comigo, como as pessoas se relacionaram e se relacionam comigo. Num

primeiro momento, todas as funções psicológicas superiores passam por uma etapa externa, pois são sociais, ou seja, antes de tornar-se interna a função psicológica era uma relação social de pelo menos duas pessoas.

Sendo essencialmente formadas pelas relações sociais,

todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente; (...) *Elas são transferidas para a personalidade, relações interiorizadas de ordem social*, base da estrutura social da personalidade. Sua composição, gênese, função (maneira de agir) – em uma palavra, *sua natureza* – são sociais. Mesmo sendo, na personalidade, transformadas em processos psicológicos -, elas permanecem ‘quase’-sociais. O individual, o pessoal – não é ‘contra’, mas uma forma superior de sociabilidade. (VIGOTSKI, 2000a, p. 27).

Como vimos, Vigotski entende que o desenvolvimento ocorre de maneira dialética, isto é, as mudanças não ocorrem de forma gradual e lenta, mas há mudanças bruscas e essenciais (revolucionárias) no próprio tipo de desenvolvimento. Dessa forma,

Cada etapa sucessiva no desenvolvimento do comportamento nega, em parte, a etapa anterior, a nega no sentido de que as propriedades inerentes à primeira etapa do comportamento se superam, se eliminam e se convertem às vezes em uma etapa contrária, superior. (VYGOTSKI, 2000b, p. 157, tradução nossa).

Através disso, o autor busca demonstrar como a etapa anterior de desenvolvimento existe dentro da seguinte, mas de maneira modificada. Usa, para isso, o exemplo dos instintos, dos reflexos condicionados e das reações intelectuais. Ao mesmo tempo em que os instintos estão presentes de forma oculta nas formas mais superiores de comportamento, são modificados e de certa forma ‘negados’. O reflexo condicionado nega o instinto e a reação intelectual nega o reflexo condicionado. Ao dominar a própria conduta - característica das funções psicológicas superiores – a pessoa nega também o instinto.

Segundo Vigotski (2000b, p.160-164), o processo de internalização, que constitui o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, passa por quatro etapas. A primeira é a *etapa natural ou primitiva*, quando a conduta da criança é determinada pelo estado natural de seu aparato cerebral. A partir de sua inserção nas formas culturais das relações, a criança começa a desenvolver outras conexões. A segunda etapa é da *psicologia ingênua*, em que a criança começa a estabelecer nexos externos entre um estímulo e o meio, ainda de forma associativa. Acontece de

acordo com a experiência adquirida de forma direta, no emprego prático de signos adquire certa experiência psicológica. Segue a terceira etapa, da *utilização de signos externos*, quando a criança organiza estímulos externos para executar sua ação. Na tentativa de dominar sua reação, começa a dominar os estímulos, que servem de mediadores no autodomínio. Na quarta e última etapa, ocorre o *enraizamento*, que é quando a operação externa converte-se em interna, há um crescimento para dentro e o processo de internalização dos processos culturais se completa, enraizando no indivíduo.

O autor soviético destaca a existência de três tipos de enraizamento, isto é, dessa passagem de fora para dentro: 1) tipo sutura, análogo à sutura de um tecido vivo, em que se suturam dois lados com um fio, produzindo uma cicatrização, quando o fio pode ser retirado porque os tecidos já estão unidos sem a necessidade de uma união artificial. Com isso, quer-se dizer que a operação antes mediada passa a ser direta; 2) enraizamento completo, acontece quando se apaga a diferença entre estímulos externos e internos, por exemplo, depois de repetir muitas vezes uma reação, esta é transladada para o interior; 3) quando a criança assimila a estrutura do processo de utilização de signos externos, opera com mais facilidades com os signos internos e começa a utilizar estímulos verbais. (VYGOTSKI, 2000b, p. 165).

Para ilustrar o processo de internalização, tomemos como exemplo a memória. Sua etapa natural caracteriza-se por suas possibilidades de recordar diretamente. Na psicologia ingênua, etapa que segue, a criança começa a utilizar signos que a auxiliem a recordar, mas ainda sem tomar consciência de como atuam. Na etapa de uso de signos externos, a criança passa a compreender o mecanismo de mediação dos signos e os insere ativamente em sua atividade, com o objetivo de auxiliá-la. É quando, por exemplo, ata um barbante com um nó no dedo para lembrar-se de dar um recado. Finalmente, a etapa de enraizamento é quando o signo externo passa a ser desnecessário para a recordação por ter sido internalizado. O signo não deixa de existir, mas atua internamente, levando a pessoa a lembrar-se de algo que necessitava.

Como vimos, os signos têm um papel determinante na passagem das funções elementares para as superiores. Mas o que é o signo? Em princípio, o signo é sempre um meio de relação social e de influência sobre os demais, que serve de representação simbólica e que surge da necessidade de comunicação no processo

de trabalho, servindo de mediação e transforma-se depois em meio de influência sobre si mesmo. Nesse momento, pode-se dizer que os signos constituem-se como estímulo-estímulo artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica e que cumprem a função de auto-estimulação. (VYGOTSKI, 2000b, p. 83 e p. 146). No caso da memória, por exemplo, quando para potencializar o próprio processo de memorização de uma quantidade de objetos, se traça num pedaço de madeira um número de riscos que correspondem a certo número de objetos. Com isso, o indivíduo insere em sua atividade um estímulo artificial, um signo, na maioria das vezes apropriado por ele do meio social ou criado por ele com base em suas apropriações anteriores, que amplia sua capacidade de recordar.

O processo de significação constitui-se, assim, pela criação e emprego dos signos, sendo que o sistema de signos da linguagem é 'dominante' em relação a outros. Nas funções elementares, há um papel determinante do estímulo que provoca uma determinada resposta; enquanto nas superiores, o papel determinante é da auto-estimulação, isto é, do processo de significação. Um estímulo neutro assume a função de signo quando na realização de uma tarefa surge um obstáculo, que só pode ser transposto pela criação de estímulos artificiais. O signo e seu modo de uso passam a ser o foco de todo o processo. Todavia, não podemos deixar de lembrar que o processo de passagem das funções elementares para as superiores é de superação dialética, em que ao mesmo tempo anula e conserva o patamar anterior. Os processos elementares e as leis que os regem estão engendrados na forma superior do comportamento e aparecem nela subordinadas e ocultas. De acordo com Vigotski, "a análise demonstra que o fundamento e o conteúdo da forma superior é a inferior, que a superior aparece tão somente em uma etapa de desenvolvimento e volta a converter-se incessantemente em forma inferior." (VYGOTSKI, 2000b, p. 118, tradução nossa). Toda forma superior de conduta é impossível sem as inferiores, mas a existência das inferiores não esgota a essência da superior.

Nesse processo, fica evidente o importante papel da mediação. Os signos, como mediação na relação de apropriação do gênero humano pelo indivíduo, assumem uma posição definitiva no desenvolvimento do comportamento humano. São produtos do processo histórico e social da humanidade e estão em permanente construção. A criança entrará em contato com o mundo através da mediação de outras pessoas, que é justamente o que vai lhe dar possibilidade de se apropriar de

modos de viver, pensar e sentir daquele período histórico.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. (VIGOTSKI, 1998a, p. 40).

Um importante mecanismo para a apropriação da concepção de mundo e das relações sociais do adulto pelas crianças é a brincadeira de papéis sociais ou o brinquedo.

A brincadeira, segundo Vigotski (1998a, p. 122), surge quando a criança experimenta necessidades que não podem ser satisfeitas imediatamente, por exemplo, ser mãe e pela necessidade de agir em relação aos objetos e situações com as quais se defronta. Ao brincar de ser mãe, a criança envolve-se em uma situação imaginária, criada a partir do brinquedo e com isso começa a apropriar-se das regras sociais a serem seguidas por uma mãe, do lugar social dado para as mães, do como uma mãe deve se relacionar com os filhos e com os demais etc. De acordo com Rossler,

Ao brincar a criança nunca está, portanto, inteiramente sozinha, num mundo à parte do mundo dos adultos ou mesmo tentando fugir dele. A brincadeira não é uma atividade alucinatória. Ao contrário, brinca para poder dominar e penetrar nesse mundo, que é um mundo social. Brinca para ser um adulto. Direta ou indiretamente, o universo dos adultos sempre estará presente nas atividades lúdicas das crianças, determinando sua forma e seu conteúdo, interferimos nelas ou não. (ROSSLER, 2006a, p. 57)

Nesse sentido, a brincadeira exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança, especialmente na idade pré-escolar, mesmo não sendo a única fonte de desenvolvimento e nem sequer a atividade predominante da criança. Mas pelo fato de a criança, na situação da brincadeira, envolver-se em atividades que vão além daquelas próprias de sua idade, são criadas zonas de desenvolvimento proximal e por meio da brincadeira ela desenvolve formas de se relacionar com os objetos e com os outros.

Para Vigotski, o aprendizado é que promove o desenvolvimento²⁴, isto é, a

²⁴ Cabe salientar que essa concepção é contrária a de Piaget, por exemplo, que defendia a idéia que o aprendizado segue o desenvolvimento, ou seja, seria necessário que a criança atingisse um nível de desenvolvimento, em cima de que se torna possível produzir certa aprendizagem. Somente depois de um novo desenvolvimento, seria possível alçar novos níveis de aprendizado. Já para Vigotski

partir da apropriação de conhecimentos na relação com o outro, a criança desenvolve suas funções psicológicas superiores. A criança possui um nível de desenvolvimento real, que corresponde ao nível de desenvolvimento já atingido pela criança e que se constitui da solução independente de problemas. Além do nível real, a criança possui uma zona de desenvolvimento proximal (ZDP), correspondente às funções que estão em processo de amadurecimento. Com base na ZDP, a criança é capaz de realizar tarefas e solucionar problemas com a colaboração de adultos ou colegas mais desenvolvidos, em um processo de aprendizado. (VIGOTSKI, 1998a, p. 112 e 113).

Na produção de ZDPs, a brincadeira contribui fundamentalmente para a criação do campo simbólico na criança e para seu desenvolvimento. Como já foi dito, na brincadeira a criança cria situações imaginárias, a partir das quais se desprende das impressões mais imediatas e opera psicologicamente com os significados. Por exemplo, quando a criança toma uma vassoura por um cavalo. Ao fazer isso, desprende-se da percepção imediata da própria vassoura, de seu uso social, para operar com o significado de cavalo, os gestos e movimentos exigidos por este etc. Com isso, a brincadeira contribui para o desenvolvimento do pensamento abstrato.

Duarte (2006a) contribui com esse debate, trazendo elementos fundamentais para a análise da brincadeira na sociedade de classes. O autor lembra que, na sociedade capitalista, os papéis sociais são alienados e que

Se a brincadeira de papéis sociais for deixada ao sabor da espontaneidade infantil, o mais provável será que essa atividade reproduzirá espontaneamente a alienação própria aos papéis sociais com uma presença mais marcante no cotidiano da sociedade contemporânea. (DUARTE, 2006a, p. 95).

A brincadeira cumpre, portanto, papel fundamental no desenvolvimento infantil, ainda que sob relações sociais de dominação, para apropriar-se de papéis sociais alienados. Na brincadeira (bem como em outras relações com o mundo social), a criança passa a incluir o signo como mediação de sua atividade. E, como sabemos, a inserção dos signos nos processos psicológicos será fundamental para o salto qualitativo que diferencia o ser humano dos animais. Vigotski traz essa

(1998a), é o aprendizado que leva ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores e da consciência.

discussão em diversas passagens, mostrando o quanto o sistema simbólico traz mudanças qualitativas no desenvolvimento da consciência. Vejamos no trecho a seguir.

Como no caso da memória e da atenção, a inclusão de signos na percepção temporal não leva a um simples alongamento da operação no tempo; mais do que isso, cria as condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui elementos efetivos do passado, presente e futuro. Esse sistema psicológico emergente na criança engloba, agora, duas novas funções: *as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas*. Essa mudança na estrutura do comportamento da criança relaciona-se às alterações básicas de suas necessidades e motivações. (...) As premências instintivas predominantes dos animais tornam-se secundárias nas crianças. Novas motivações, socialmente enraizadas e intensas, dão direção à criança. (VIGOTSKI, 1998a, p. 48-49).

2.5 O AUTODOMÍNIO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS E DA CONDUTA

Como resultado do processo de internalização e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, podemos situar o autodomínio da conduta. Para discutir o autodomínio da conduta, Vigotski traz as observações de Engels sobre a liberdade, quando o autor equipara o domínio da conduta com o domínio sobre a natureza:

A liberdade não consiste em uma independência imaginária em relação às leis da natureza, mas no conhecimento dessas leis e na possibilidade, baseada em tal conhecimento, e obrigar sistematicamente a que essas leis da natureza atuem para determinados fins. Isto se refere tanto às leis da natureza exterior como as leis que regem a natureza física e espiritual do próprio homem. São duas classes de leis que somente mentalmente podemos dissociar, porém não na realidade. O livre arbítrio, portanto, não significa mais que a capacidade de tomar decisões com conhecimento do assunto. (ENGELS *apud* VYGOTSKI, 2000b, p.300).

Com isso, os autores trazem uma concepção de liberdade como a escolha, que supõe uma ação na realidade, baseada no conhecimento sobre as necessidades da natureza ou o domínio tanto sobre a natureza exterior como sobre a natureza interior. Apoiada nas reflexões de Vigotski, Toassa afirma que

Tornar-se livre é, portanto, assimilar um significado diferenciando-se dele – é tornar-se indivíduo humano que recria a realidade na consciência, constituindo um ativo conhecimento das determinações da conduta e, nesse

processo de conhecimento, modifica a realidade objetiva (natural e/ou social). (TOASSA, 2004, p. 5)

Assim, o domínio da conduta constitui-se como um processo mediado, que se realiza sempre através de certos estímulos auxiliares e que além de desenvolver o controle sobre as próprias funções psicológicas, desenvolve novas funções, como a imaginação e a vontade.

A vontade, como produto do desenvolvimento histórico-social da criança, é uma função essencial para a compreensão do domínio da conduta, pois significa o domínio sobre a ação que se realiza por si mesmo. São os meios que nos ajudam a dominar a ação.

Para melhor entender a temática da vontade, faz-se necessário diferenciar estímulo de motivo. O estímulo é entendido como uma excitação mais ou menos simples que atua diretamente sobre o arco reflexo, enquanto o motivo é um complexo sistema de estímulos relacionado com a estrutura, a formação ou a eleição de algum dos arcos reflexos. No processo de eleição volitiva, há na consciência do indivíduo uma luta entre motivos e não entre estímulos. Vigotski (2000b, p. 295) exemplifica essa distinção através da seguinte situação: eu decido não cumprimentar uma pessoa que perdeu minha estima. Isso se constitui como um motivo, já que é produto de um sistema complexo de estímulos. O estímulo é meu encontro com essa pessoa.

A vontade tem seu desenvolvimento influenciado pelo desenvolvimento dos processos de escolha complexa, que é característica do domínio da própria conduta. Segundo Vigotski (2000b, p. 285) Há três classes de eleição:

1) a que ocorre com ajuda da atenção: quando a eleição está condicionada principalmente a estímulos externos que devem ser discernidos e captadas as relações entre eles. Utiliza-se, por exemplo, a ajuda do dedo indicador.

2) a que ocorre com ajuda da memória: quando a eleição se baseia na memorização mnemotécnica (que faz uso de signos) de uma instrução dada, estabelecendo ou reforçando conexões cerebrais precisas. Aqui se determina previamente que certos estímulos correspondem a certas reações, cuja relação deve ser memorizada.

3) a eleição livre entre duas possibilidades que não estão determinadas de fora, mas de dentro, pelo próprio sujeito.

Quando Vigotski inicia o estudo das relações complexas de escolha, este

era baseado, de forma geral, em experimentos que consistiam na apresentação de certos estímulos ao sujeito aos quais correspondia uma determinada reação de escolha (levantar uma das mãos, apertar uma tecla em um teclado, etc.). Na análise das reações produzidas por tais estímulos, predominavam duas abordagens: uma que entendia a reação de escolha como a soma de uma série de processos elementares – o tempo de reconhecimento do estímulo, o tempo da discriminação do estímulo alvo, o tempo da escolha do movimento correto; e outra que se centrava na descrição de reações emocionais internas, pelo sujeito, quando este respondia ao estímulo. Para Vigotski (1998a, p. 86-91), as duas concepções estão equivocadas. A primeira porque entende a reação complexa como simples soma de processos elementares, sem considerar que as reações complexas quando mais automatizadas podem levar o mesmo tempo que as simples e que qualquer reação complexa reflete processos que dependem do processo de aprendizado como um todo e não apenas de processos isolados. A segunda ignora a dimensão objetiva da reação de escolha e substitui a análise e a explicação das respostas pela descrição dos sentimentos do sujeito durante o experimento, sem levar em conta que esses sentimentos devem ser apenas um componente da resposta, mas eles mesmos precisam ser explicados.

Para entender melhor esse processo, Vigotski e seus colaboradores desenvolvem um experimento que reproduz os processos de eleição, buscando mostrar seu desenvolvimento. O experimento era realizado com crianças e adultos de diferentes idades e consistia de algumas etapas, que buscavam captar a gênese e as relações dinâmico-causais das reações de escolha. Na primeira etapa, o experimentador apresentava algumas teclas que deveriam ser pressionadas de forma correspondente a certos estímulos visuais. Ao mostrar uma imagem, o sujeito deveria pressionar certa tecla. As reações entre as crianças e os adultos mostraram-se diferentes, por seu grau de apropriação da cultura e grau de desenvolvimento das funções psicológicas. Eram dadas várias instruções correspondentes a estímulos diferentes. Os adultos repetiam a si mesmos as instruções antes de começar, perguntavam sobre aspectos que esqueciam, buscavam dominar as relações como um todo. As crianças executavam a tarefa mais imediatamente e deparavam-se com as dificuldades em seu decorrer. Respondiam de maneira mais natural ou primitiva, operando tarefas complexas da mesma forma que as simples. Na segunda etapa, eram inseridos signos auxiliares nas teclas, de modo que os sujeitos pudessem

relacionar o estímulo visual com o signo da tecla. Os adultos usavam-nos imediatamente, enquanto as crianças usavam, mas no início do desenvolvimento de suas funções psicológicas, conseguiam estabelecer apenas relações prontas, existentes na realidade (pão-faca, por exemplo). Em seguida, as crianças passam a ser capazes de criar as próprias conexões, estabelecendo ativamente os signos externos como mediadores de sua atividade. Por último, dispensam o uso de signos externos, pois os internalizam.

A cada etapa, a criança não muda somente as respostas, mas realiza a tarefa de maneiras novas, gera novos instrumentos de comportamento, reconstrói seus processos psicológicos e reorganiza seus processos de escolha de acordo com os motivos que definem a tarefa.

Voltamos a falar aqui da categoria 'motivo' na atividade psicológica, para entender o processo psicológico da eleição. Este processo se constitui de três momentos: 1) a luta dos motivos se desloca no tempo: isto quer dizer que a luta de motivos presente no processo de escolha e a decisão relacionada com ela só são possíveis se precedem temporalmente a luta dos estímulos, ou então a luta de motivos se converteria em luta pelo campo motor geral. A luta se adianta, se desenvolve e decide antes da batalha; 2) há certa ilusão de que as únicas eleições consideradas volitivas são as que seguem o caminho da máxima resistência, quando elegemos o mais difícil. Para Vigotski, o que ocorre no ato volitivo é a transferência da luta a um plano novo, da luta de estímulos passa à luta de motivos. Assim, o estímulo mais forte pode se converter em um motivo mais débil e vice-versa. Vigotski exemplifica através da greve de fome que busca alcançar certo objetivo. Embora a fome seja um estímulo bastante forte, pode tornar-se um motivo débil à medida que um desejo não seja atendido. Um ato de vontade faz com que a pessoa renuncie à comida para alcançar um fim que julgue importante; 3) o caráter do estímulo auxiliar muda dependendo se é um meio auxiliar: na eleição estabelecida (quando o sujeito realiza uma instrução) ou na eleição livre (quando o sujeito cria a instrução), ou seja, na luta por um mecanismo de fechamento ou na luta por um mecanismo executor.

No desenvolvimento das funções psicológicas superiores, todos os processos são processos de domínio das próprias reações com ajuda de diversos meios. Os mecanismos de autodomínio da conduta e da eleição no ato volitivo serão importantes aspectos para compreender o processo de consciência de classe, como

veremos no terceiro capítulo.

2.6 O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E A LINGUAGEM

*Pensamento que vem de fora
e pensa que vem de dentro,
pensamento que expectora
o que no meu peito penso.
Pensamento a mil por hora,
tormento a todo momento.
Por que é que eu penso agora
sem o meu consentimento?*

Arnaldo Antunes e Arnaldo Brandão (Pensamento)

Vigotski dedica-se a um profundo estudo sobre a relação entre o pensamento e a linguagem, especialmente em sua obra *A construção do pensamento e da linguagem*²⁵. O autor entende que a relação entre pensamento e linguagem é o cerne da teoria da consciência, mostrando que tal relação tem origem e desenvolvimento calcados na atividade prática humana

As teses anteriores a Vigotski oscilavam entre dois extremos: por um lado, apontava-se para uma plena identificação e fusão do pensamento com a linguagem e por outro lado, para a plena separação e dissociação entre eles, que teriam apenas uma ligação mecânica externa. Para Vigotski, tanto uma como outra fecham o caminho para abordar a relação entre pensamento e linguagem, ao partirem de um método de análise equivocado: o da decomposição da totalidade psicológica em elementos. Ao buscar compreender a relação entre pensamento e linguagem, os adeptos desse método decompõem essa totalidade nos elementos pensamento e linguagem. Com isso, perdem-se as propriedades da totalidade, já que esta não é a simples soma de processos isolados. A analogia usada pelo autor soviético é a da análise química da água. Sua fórmula é H₂O (dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio). É essa totalidade que guarda as propriedades explicativas do que seja água. Ao dividir essa totalidade em hidrogênio e oxigênio, perde-se suas propriedades inerentes como totalidade, já que, por exemplo, a propriedade da água de apagar o fogo não se explica ao verificar que o hidrogênio é autocombustível e o

²⁵ Esse é o título da tradução para o português direto do russo pela Editora Martins Fontes publicada em 2001. O título original é *Pensamento e Linguagem*.

oxigênio conserva a combustão. O pesquisador não conseguiria explicar a relação entre eles. (VIGOTSKI, 2001a, p. 5-6)

Em contraposição, Vigotski propõe que o estudo seja feito através da decomposição da totalidade complexa em unidades de análise constituídas de partes vivas e indecomponíveis da unidade. Essa unidade mantém as propriedades do todo e é produto da própria análise. No caso da relação entre pensamento e linguagem, a unidade será o significado da palavra.

No entanto, para melhor compreender como o autor chega no significado como unidade de análise, é importante refazer a trajetória seguida pelo pensamento e pela linguagem no desenvolvimento humano.

No percurso da filogênese, percebe-se que o pensamento e a linguagem têm diferentes raízes genéticas e desenvolvem-se por linhas diferentes e independentes, estabelecendo uma relação não constante e desigual. Os clássicos estudos de Köhler com antropóides mostram que esses animais possuem um tipo de intelecto independente da linguagem, no emprego de instrumentos em sua atividade, e uma linguagem independente do intelecto, na expressão de estados emocionais e rudimentos de função social. É possível identificar uma fase pré-verbal no intelecto e uma fase pré-intelectual na fala. (VIGOTSKI, 2001a, p. 128).

Na ontogênese, percebem-se algumas semelhanças no início do desenvolvimento da criança, mas que a partir de sua inserção na cultura e nas relações sociais, tem o percurso de seu desenvolvimento alterado. Há também no desenvolvimento humano individual, diferentes raízes do pensamento e da fala. O emprego simples de instrumentos ocorre antes do desenvolvimento da linguagem. Na fase pré-verbal do pensamento, a criança pequena possui uma inteligência prática que lhe permite fazer uso de instrumentos; na fase pré-intelectual da fala, a linguagem (gritos, balbucios, primeiras palavras) cumpre a função de descarga emocional e do início de um contato social.

Num determinado momento do desenvolvimento, as linhas do pensamento e da linguagem se cruzam e dão origem ao pensamento verbal e à linguagem intelectual. A partir daí, os processos constituem-se sobre novos patamares: em uma unidade, a linguagem passa a organizar o pensamento e o pensamento a planejar a linguagem. (VIGOTSKI, 2001a, p. 133).

Ao remontar a história da humanidade, constata-se que a linguagem surge da necessidade de comunicação no processo de trabalho. Não sendo possível a

comunicação direta entre duas consciências, os seres humanos desenvolvem mediações para a comunicação. Comunicação pressupõe generalização e desenvolvimento do significado da palavra, ou seja, a generalização se torna possível se há desenvolvimento da comunicação. Por exemplo, para comunicar que estou com frio, posso fazer gestos e movimentos expressivos, mas a verdadeira compreensão e comunicação se dá quando realizo um movimento de generalização e nomeio o que estou vivenciando. Assim, situo o frio sentido por mim, em uma classe de estados conhecidos pelo interlocutor e trago novas possibilidades para o desenvolvimento da consciência.

A linguagem²⁶ é reconhecida pela psicologia sócio-histórica como uma das funções mais importantes no desenvolvimento cultural da criança. Ao apropriar-se da linguagem, a criança se insere em um nível de práticas sociais que lhe possibilita alcançar-se a novas dimensões do desenvolvimento do gênero humano.

No desenvolvimento do bebê, a linguagem desenvolve-se baseada em algumas reações inatas. No bebê, a reação vocal é o sintoma de uma reação emocional geral que expressa a existência ou a perturbação do equilíbrio da criança com o meio, ou seja, constitui-se como uma reação inata, um reflexo incondicionado. Nos termos de Vigotski, é ainda uma linguagem pré-intelectual, ou uma linguagem em si.

Nas primeiras semanas, passa a cumprir a função não só de expressão emocional, mas de contato social, transformando-se em reflexos vocais condicionados. Já nas primeiras palavras do bebê se produz o maior drama do desenvolvimento humano: o choque entre o natural e o histórico-social. (VYGOTSKI, 2000b, p. 169-171; 305). Começa, então, a se constituir como linguagem para outros.

O desenvolvimento do pensamento e da linguagem no homem não é a simples continuação do desenvolvimento animal, mas ocorre uma mudança no tipo de desenvolvimento: do biológico para o histórico-social. Tal mudança, reafirmamos,

²⁶ Ao investigar as raízes genéticas da linguagem, Vigotski refere-se a uma fase pré-intelectual da linguagem, presente tanto na filogênese quanto na ontogênese. Isso quer dizer que há certo tipo de linguagem não-intelectual, nos animais e nos bebês, que tem um desenvolvimento independente do pensamento. No chimpanzé e em outras espécies animais, por exemplo, “A linguagem não é só uma reação expressivo-emocional mas também um meio de contato psicológico com seus semelhantes.” (VIGOTSKI, 2001a, p. 127). No entanto, quando falamos do papel central da linguagem para as funções psicológicas superiores, referimo-nos, assim como Vigotski, à linguagem em unidade com o pensamento, à linguagem intelectual, fruto do desenvolvimento histórico-social e que se desenvolve nos indivíduos por sua mediação com o meio social.

fundamenta-se no desenvolvimento do trabalho. Também as formas de pensar e falar são social e historicamente determinadas.

Se retomarmos a lei genética do desenvolvimento cultural, temos que as relações entre as funções psicológicas superiores foram anteriormente relações reais entre os homens. A função primária da linguagem é comunicar, ou seja, é originariamente social. No desenvolvimento da criança, a linguagem passa a ter duas funções: comunicativa e egocêntrica. Embora ambas tenham uma aparência social, são diferentemente dirigidas, uma vez que a fala comunicativa é dirigida ao outro e a fala egocêntrica é dirigida a si mesmo. A fala egocêntrica é considerada por Vigotski uma forma transitória entre a linguagem exterior e a interior, que faz a mediação do social para o individual. Caracteriza-se pela fase em que a criança fala em voz alta para orientar sua conduta, como se falasse consigo mesma.²⁷ (VIGOTSKI, 2001a, p. 64-65) Através da fala egocêntrica a criança começa a apropriar-se de formas sociais de pensamento. O desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu grau de domínio dos meios sociais de pensamento - a linguagem. (VIGOTSKI, 2001a, p. 149).

A manifestação da linguagem egocêntrica é como a da fala social, externa; mas em termos funcionais e estruturais se distingue da social. Embora tenha semelhanças com a social – apresenta características de transição: ilusão de compreensão, aparente fragmentação, abreviação -, serve para orientar a própria atividade da criança. Percebe-se, por exemplo, que o coeficiente de linguagem egocêntrica aumenta muito com o aumento da dificuldade da atividade infantil. A linguagem egocêntrica prepara a passagem para outra forma de linguagem para si: a linguagem interior. (VIGOTSKI, 2001a, p. 427-438)

A linguagem interior não é simplesmente fala menos som, mas surge com uma função específica e original, na unidade com o pensamento. Tem uma sintaxe específica, pois tende a abreviar, omitindo o sujeito da frase, que já lhe é conhecido, e mantendo o predicado. A linguagem internalizada dá origem ao pensamento verbal e passa a assumir para a criança outras funções, relacionadas ao pensamento, como a de generalização.

²⁷ Piaget foi o primeiro pesquisador a identificar e nomear a fala egocêntrica. No entanto, o autor suíço pensa que a fala segue a trajetória da fala interior à fala egocêntrica, que se constituiria como expressão do egocentrismo infantil, que quando se extingue dá lugar à fala socializada ou exterior. Vigotski inverte essa trajetória mostrando que a fala egocêntrica é uma linguagem para si, assim como a interior, mas ainda com aspectos da linguagem social. (VIGOTSKI, 2001a, p. 46; 57; 426; 431)

Enquanto a linguagem exterior é, em sua maioria, dialógica; a linguagem interior é monológica. A discussão, que ocorre socialmente, com duas ou mais pessoas, internaliza-se na forma de reflexão, que nada mais é que uma discussão interna ou uma discussão consigo mesmo. A relação entre pensamento e palavra é um movimento do pensamento à palavra e um movimento da palavra ao pensamento. (VIGOTSKI, 2001a).

2.7 A UNIDADE DE ANÁLISE DO PENSAMENTO VERBAL: O SIGNIFICADO

Ao cruzarem-se as linhas do pensamento e da linguagem no desenvolvimento ontogenético, surge o pensamento verbal e a linguagem intelectual. O pensamento, em unidade com a linguagem, reflete a realidade na consciência de um modo qualitativamente diferente do que o faz a sensação imediata. A linguagem constitui-se como meio de comunicação social, enunciação e compreensão. Além da função comunicativa, ganha uma intelectual.

Como unidade de análise para o estudo desses processos, Vigotski (1999a; 2001a) chega ao *significado da palavra*, como aquele que conserva as propriedades do todo. Se fosse analisado apenas o som, as propriedades físicas e psicológicas específicas da fala humana, que a diferenciam de outros sons da natureza, se perderiam. A palavra sem seu significado é som vazio e deixa, portanto, de ser palavra.

Uma palavra nunca se refere a um objeto isolado, mas a todo um grupo ou classe de objetos e suas relações e compõe, por isso, um sistema de significação. Por ser uma generalização latente, é um excepcional *ato verbal do pensamento*. O significado é entendido como a unidade de compreensão do pensamento verbalizado, ou seja, o significado é ao mesmo tempo linguagem e pensamento. O significado é unidade do pensamento e da linguagem; é unidade da generalização e da comunicação. (VIGOTSKI, 2001a, p. 13)

Vemos, portanto, o papel fundamental da fala humana, que pode ser caracterizada como um aspecto sonoro com função de significação. (VIGOTSKI, 1999a).

Para evitarem-se concepções idealistas sobre o pensamento humano,

Vigotski (1999a, p. 182) demonstra ainda que “o pensamento não apenas se expressa na palavra mas nela se realiza.” Isso quer dizer que não há um pensamento verbal a priori que apenas tem sua expressão na palavra, pelo contrário, o pensamento se constitui e se desenvolve na relação direta com a palavra, se reestrutura, se modifica e se completa.

O significado é produzido nas relações sociais e passa a ser operado através dos signos. Ao nascerem, ganham corpo no signo. A cooperação entre consciências - as relações sociais ou interpsicológicas - é o que move e determina o desenvolvimento dos significados. Os significados são forjados, portanto, no processo de alteridade da consciência. Como esse processo de alteridade é movimento, os significados não são imutáveis e constantes, mas também estão em movimento. O movimento da palavra revela-se quando Vigotski a define como sendo “uma caixa de mosaicos onde há numerosos elementos diversos e onde ao combiná-los podem criar, graças a essa enorme multiplicidade de vínculos, cada vez novas integridades” (VYGOTSKI, 2000b, p. 275, tradução nossa).

Vigotski, no capítulo sobre o desenvolvimento da linguagem oral do volume III de suas Obras Escolhidas, apresenta de forma interessante a história da palavra. De início, ele explica que a função primária da linguagem é a indicação e não o significado. Diz o autor: “As palavras adquirem, em virtude de algum indício figurativo, uma determinada significação.” (2000b, p. 190). Não podemos deixar de mencionar que esses indícios figurativos são produzidos de acordo com determinada concepção de mundo, constituída nas relações sociais e permeada pela consciência social. Vemos, então, que as palavras não são simplesmente inventadas, mas surgem num processo de desenvolvimento relacionadas a uma imagem e dão origem a novas palavras segundo as leis do desenvolvimento psicológico. O surgimento de novas palavras ocorre pela transferência de velhos significados a novos objetos. Para a humanidade inventar um instrumento, tem que levar em conta as propriedades físicas do material utilizado. Dessa forma, ocorre também com o signo, que deve possuir certas propriedades psicológicas para ser usado como tal. Segundo Vigotski,

(...) no desenvolvimento de nossa linguagem, as palavras não se originam arbitrariamente, senão sempre em forma de signo natural relacionado com uma imagem ou uma operação; na linguagem infantil, os signos não aparecem como inventados pelas crianças: os recebem das pessoas que os rodeiam e tão somente depois tomam consciência ou descobrem as funções

de tais signos. (VYGOTSKI, 2000b, p. 179, tradução nossa).

Com isso, Vigotski esclarece que em primeiro lugar a criança reproduz o uso do signo, para somente depois compreender seus mecanismos e dominá-los. A palavra cumpre o papel de distinguir os diversos objetos, fraciona a conexão sincrética e analisa o mundo. Constitui-se como instrumento fundamental de análise, pois designar verbalmente um objeto – transformá-lo em palavra - significa separá-lo da massa geral dos objetos, dando-lhe destaque.

Visto que a palavra traz uma nova dimensão à consciência, não podemos deixar de citar a importante afirmação de Goethe, lembrada por Vigotski, de que no princípio era a ação, não a palavra. Coerente com sua concepção materialista, o autor lembra que a palavra é um reflexo generalizado da realidade, ou seja, a palavra é fruto da necessidade de nomear e comunicar que surge na ação humana sobre a realidade.

Outro aspecto relevante a ser considerado é a relação do significado com o inconsciente. Vigotski (1999a) considera lícito falar do conceito de inconsciente, mas como unidade do psíquico e do fisiológico, ou psicológico. Ressalta, porém - diferente de outras teorias, especialmente a freudiana - que o inconsciente é potencialmente consciente. Há o psicologicamente consciente e o psicologicamente inconsciente. O autor admite uma relação entre o inconsciente e o não-verbal e argumenta que: “Em geral, não existe signo sem significado. A formação de palavra é a principal função do signo. Há significado ali onde há signo. Esta é a faceta interna do signo. Mas na consciência há também algo que não tem significado.” (VIGOTSKI, 1999a, p. 182). Acontece que mesmo depois do cruzamento das curvas do pensamento e da linguagem, que dá origem à fala intelectual e o pensamento verbal, não deixa de existir uma fala não-intelectual e um pensamento não-verbal. No adulto, pensamento e linguagem não estão necessariamente interligados sempre. Dessa formulação, pode-se entender que há aspectos não significados, a que poderíamos chamar de inconscientes, mas que são potencialmente conscientes.

Leontiev (1978, p. 88) ajuda-nos a caracterizar a consciência na seguinte síntese: “(...) a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social. A consciência é o reflexo da realidade, refractada através do prisma das significações e dos conceitos *lingüísticos*, elaborados socialmente.”

A partir disso, podemos pensar que a consciência se constitui como reflexo da realidade. Entretanto, esse reflexo não ocorre de forma direta, imediata, mas mediada pelo universo de significações e conceitos lingüísticos produzidos socialmente e que dependem da natureza das relações sociais de que é resultado.

Como vimos, os significados não são estáticos e imutáveis, mas também se transformam. Na análise do desenvolvimento do significado, Leontiev traz uma valiosa contribuição. Ao remontar o desenvolvimento histórico da consciência, percebe que há uma estreita relação entre a estrutura da atividade e da consciência humana. Duarte (2005) analisa que Leontiev amplia sua unidade de análise para a relação entre o significado e o sentido, ou seja, a relação entre o motivo e o conteúdo da ação humana.

Para Leontiev (1978), o significado social de um objeto cultural, seja este material ou simbólico, está ligado à prática social e está acumulado na experiência histórica de muitas gerações. No processo de apropriação dos objetos culturais, os indivíduos reproduzem capacidades e aptidões humanas historicamente desenvolvidas. Para entender melhor aquela relação, traremos o clássico exemplo de Leontiev, sobre a atividade de caçada em uma tribo primitiva. A linguagem produz na consciência, a possibilidade de planejamento e de conexão consciente entre uma ação realizada individualmente e a atividade social como um todo. Os seres humanos conseguem conectar em sua consciência sua ação parcial com a atividade geral e o objetivo a ser conquistado. A atividade de caçada na tribo primitiva, por exemplo, constitui-se de várias ações, que são realizadas por diferentes membros do grupo. Nesse caso, um grupo que espera escondido em um lugar pré-estabelecido para onde a caça deve ser conduzida e outro grupo que espanta a caça para tal lugar. Pode haver ainda os que preparam o fogo para assar a caça ou os que preparam os instrumentos a serem utilizados no preparo. O motivo da ação de qualquer um envolvido nessa atividade é a fome ou, a necessidade de alimentar-se. No entanto, o conteúdo da ação varia de acordo com o grupo a que se pertence. O batedor deve espantar a caça e, portanto, o conteúdo de sua ação é constituído por aquilo que ele realiza – correr, gritar, acenar. O conteúdo da ação do outro grupo é abater a caça, usando os utensílios desenvolvidos naquela tribo.

O que interessa aqui é que o que dá sentido à atividade do batedor são as relações sociais que o ligam ao restante do grupo. Ou seja, o que conecta sua ação – que aparentemente pode parecer incoerente, por afastar o alimento de si – ao

motivo da ação é o fato de sua consciência captar a conexão entre sua ação e a atividade coletiva. Assim, Leontiev define ação como sendo o processo em que o conteúdo e o motivo não coincidem e afirma que: “A decomposição de uma ação supõe que o sujeito que age tem a possibilidade de reflectir psiquicamente a relação que existe entre o motivo objectivo da relação e seu objecto. Senão, a acção é impossível, é vazia de sentido para o sujeito.” (LEONTIEV, 1978, p. 79). O sentido é entendido como aquilo que liga o conteúdo da ação ao seu motivo na consciência do sujeito.

Duarte ressalta que essa relação que se produz na consciência ocorre tanto nos aspectos cognitivos quanto nos afetivos:

Quando ele vê os animais que poderiam satisfazer sua fome distanciarem-se velozmente dele, de maneira que objetivamente ele não poderia alcançá-los e abatê-los, seu estado emocional interior não será o de frustração se os animais se dirigirem para o local no qual os outros seres humanos integrantes do grupo estão à espreita. Na realidade o batedor antecipa em sua subjetividade a sensação eufórica que acompanha a caçada bem-sucedida. Tanto em termos cognitivos como em termos afetivos, a estrutura do psiquismo humano diferencia-se da estrutura do psiquismo animal, tal como ocorre com a estrutura objetiva da atividade. Na mente humana há, portanto, uma relação indireta, mediatizada, entre o conteúdo da ação e o motivo da mesma. (DUARTE, 2005, p. 35)

E o Leontiev não pára por aí. Ao remontar o desenvolvimento histórico da consciência, esclarece que com a divisão social do trabalho e com a propriedade privada sucede uma dissociação entre o conteúdo e o motivo da atividade, ou, uma ruptura entre o significado e o sentido. Nas relações sociais capitalistas, a alienação provoca o efeito de que o sentido do trabalho de um operário passa a ser o salário (relação com o trabalho abstrato), com o que obtém os meios de satisfação de suas necessidades e não a significação social de seu trabalho concreto, relacionado com a demanda social de tal ou qual produto. O exemplo dado por Leontiev é do tecelão. O sentido da tecelagem para o operário é dado por aquilo que o leva a tecer. Na sociedade capitalista, o único sentido é a obtenção do salário, e não as necessidades sociais de tecido. (Leontiev, 1978) Fica evidente a relação entre a atividade material do trabalho e a estrutura da consciência, que também dissocia o sentido da significação social.

Vigotski, em suas análises das relações entre pensamento e linguagem, diferencia o sentido e o significado da palavra. Para ele, embora o significado esteja em movimento, tem maior estabilidade que o sentido. O sentido é produto ou

resultado do significado, ou seja, faz parte do significado, mas não é fixado pelo signo. Nas palavras do autor,

[Paulham] Mostrou que o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. (...)

O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra. (VIGOTSKI, 2001a, p.465-466).

Há uma interpenetração na consciência entre o sentido e o significado, pois eles se autoconstituem.

VIGOTSKI (1999a) levanta algumas questões sobre o problema do significado: na medida em que a palavra, ao crescer na consciência, modifica todas as relações e todos os processos e o próprio significado da palavra evolui em função da mudança da consciência, qual a importância disso para a própria consciência? Como e por causa do que varia o significado?

Parece-nos que a resposta a essas questões leva a pensar no caráter das relações que produzem os significados e que há uma íntima ligação entre a transformação dos significados e a trajetória da consciência social e da ideologia. Antes de passar a esse campo, apresentaremos a questão do desenvolvimento dos conceitos.

2.8 A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DOS CONCEITOS

*Uma coisa é a coisa, par ou ímpar,
outra coisa é o nome, par e par,
retrato da coisa quando límpida,
coisa que as coisas deixam ao passar.*
Paulo Leminski (Nomes a menos)

A formação de conceitos é um processo vivo e complexo de pensamento com função de assimilar, comunicar, entender e resolver algum problema. Os conceitos nascem do próprio real; é o mundo material convertido em idéia. Conforme

Vigotski (1999a, p. 232), “inclusive conceitos puramente fictícios, não mais científico-naturais, mas matemáticos, são, no fim das contas, uma repercussão, um reflexo de relações reais entre coisas e processos reais (...)”.

O conceito pode ser considerado uma unidade do pensamento e da palavra: é fenômeno do pensamento na medida em que está relacionado à palavra e nela materializado; é fenômeno da linguagem na medida em que está vinculado ao pensamento. A forma específica de pensamento que se constitui como o pensamento por conceitos, além de se modificar no desenvolvimento da criança, também sofreu transformações na história da humanidade, tendo sido produzida sócio-historicamente.

Ao estudar a formação de conceitos no desenvolvimento ontogenético, Vigotski (2001a, p. 175-239) refaz, através de experimentos, a trajetória percorrida pela criança até chegar aos conceitos verdadeiros. Conclui que esse processo passa por três grandes fases:

1ª) de uma *pluralidade não-ordenada e sincrética*: quando o pensamento opera baseado em impressões desordenadas de objetos isolados. Os nexos são subjetivos e o significado da palavra serve como encadeamento sincrético, pois a criança associa numa primeira impressão elementos diversos e internamente desconexos, formando imagens sincréticas;

2ª) dos *complexos*: o pensamento se baseia em elos e relações objetivos e é possível estabelecer um vínculo concreto e factual entre elementos particulares. Pelo fato de a criança receber seus complexos no processo de comunicação verbal com os adultos (já recebe pronta a série de objetos concretos generalizada pela palavra), os complexos coincidem com os conceitos, colocando a possibilidade de compreensão entre a criança e o adulto. As palavras das crianças e dos adultos coincidem, pois se referem ao mesmo objeto, o que não coincide é seu significado. De forma a esclarecer o que seja um complexo, Vigotski (2001a, p. 195) cita a expressão metafórica de um autor que diz que “de maneira nenhuma pode ser tomada [o complexo] como signo de conceito. É antes um quadro, um desenho mental do conceito, uma pequena narração sobre ele.”

3ª) dos *conceitos*: nessa fase desenvolve-se a capacidade de abstração, síntese e análise, transcendendo o vínculo concreto e factual e passando a vínculos abstratos e lógicos. O conceito é a síntese dos atributos abstraídos que dão base ao pensamento e constitui-se como um novo meio para as operações intelectuais. Uma

vez que se desenvolve o pensamento por conceitos, não quer dizer que o pensamento por complexos desapareça, nos adultos há vários resíduos desse tipo de pensamento.²⁸

O processo de aprendizado é uma das principais fontes de conceitos. Através dessa trajetória, os homens desenvolvem um tipo de pensamento: o pensamento por conceitos. Portanto, conforme o enunciado de Vigotski (1998a) já citado anteriormente, o aprendizado de conceitos promove o desenvolvimento do pensamento verbal. O desenvolvimento de conceitos pressupõe o desenvolvimento de muitas outras funções intelectuais, como a atenção deliberada, a memória lógica, a capacidade de abstração, de comparar e diferenciar.

Na idade escolar, desenvolvem-se as funções intelectuais superiores, cujas principais características são: a *formação da consciência reflexiva*, isto é, a auto-percepção das diferentes atividades da mente, permitindo sua classificação, seu isolamento e controle; e o *controle deliberado* sobre essas funções.

Analisaremos agora a relação entre os conceitos espontâneos e os conceitos científicos e em seguida o desenvolvimento dos conceitos como processo que compreende uma unidade afetivo-cognitiva.

2.8.1 *Conceitos espontâneos e conceitos científicos*

Para melhor entender o desenvolvimento dos conceitos na idade escolar, Vigotski (2001a, p. 261) enuncia que o processo de formação de conceitos ocorre na relação entre dois tipos principais de conceitos: os conceitos espontâneos e os conceitos científicos. Os *conceitos espontâneos* ou cotidianos são resultado do aprendizado pela experiência pessoal, na espontaneidade do cotidiano. Os *conceitos científicos* são, em sua maioria, produto do aprendizado escolar formal e de um conhecimento sistemático que não se vê ou vivencia diretamente, mas se adquire através da mediação de outros conceitos. Por exemplo, o conceito de exploração, que precisa, para ser apropriado, da mediação de outros conceitos, enquanto o conceito de irmão é aprendido espontaneamente na vida da criança.

²⁸ Ver mais em Vigotski (2001a, p. 228-239)

(VIGOTSKI, 2001a). A principal diferença entre os conceitos espontâneos e os científicos é que nos primeiros há a ausência de um sistema, o que leva ao sincretismo, à justaposição e insensibilidade à contradição, enquanto os últimos estão inseridos em um sistema geral de conceitos, que possui certa hierarquia.

Embora distintos, os conceitos espontâneos e os científicos são parte de um processo único: o desenvolvimento da formação de conceitos. Nas palavras de Vigotski,

O desenvolvimento dos conceitos espontâneos e científicos – cabe pressupor – são processos intimamente interligados, que exercem influências um sobre o outro. (...) trata-se do desenvolvimento de um processo único de formação de conceitos, que se realiza sob diferentes condições internas e externas mas que continua indiviso por sua natureza e não se constitui da luta, do conflito e do antagonismo entre duas formas de pensamento que desde o início se excluem. (VIGOTSKI, 2001a, p. 261).

Embora façam parte de um único processo, um não se desenvolve como o outro, mas seguem direções contrárias. Os conceitos espontâneos têm um desenvolvimento ascendente, ou seja, ficam cada vez mais abstratos, afastando-se da experiência pessoal mais restrita e ampliando suas possibilidades de generalização. Já os conceitos científicos possuem um desenvolvimento descendente, tornando-se mais elementares e concretos ao serem permeados pela experiência pessoal. Os científicos desenvolvem-se apoiados em um nível de maturação dos espontâneos e ao constituírem-se não podem deixar de influenciar os espontâneos, mesmo os anteriormente constituídos. (VIGOTSKI, 2001a, p. 261)

De acordo com Vigotski (2001a, p. 243), “no campo dos conceitos científicos, ocorrem níveis mais elevados de tomada de consciência do que nos conceitos espontâneos.” Os conceitos científicos guardam relação, portanto, com a tomada de consciência e a arbitrariedade; é através deles que se desenvolve a consciência reflexiva. Sobre isso, Vigotski (2001a, p. 295) comenta: “Descobrimos que a tomada de consciência dos conceitos se realiza através da formação de um sistema de conceitos, baseado em determinadas relações recíprocas de generalidade, e que tal tomada de consciência dos conceitos os torna arbitrários.”

Nesse momento, não é demais lembrar que há uma relação do conceito com a realidade e, no caso dos conceitos científicos, com os fatos científicos. Baseado nisso, Vigotski postula duas teses:

- 1) Todo conceito científico-natural, por mais alto que seja seu grau de abstração em relação ao fato empírico, encerra também uma concentração, um sedimento da realidade concreta e real de cujo conhecimento científico surgiu, ainda que seja só em uma solução muito fraca. (...)
- 2) (...) todo fato científico-natural isolado, por mais empírico e pouco maduro que seja, já encerra uma abstração primária. (VIGOTSKI, 1999a, p. 232; 234)

Com isso, passamos à questão da unidade entre cognição e afeto no desenvolvimento dos conceitos.

2.8.2 A unidade afetivo-cognitiva no desenvolvimento de conceitos

*Pensar é um ato. Sentir é um fato.
(...) O fato é um ato?*
Clarice Lispector (A hora da estrela)

Todo o processo de formação de conceitos é constituído também por aspectos afetivo-emocionais, ou seja, mobiliza e constitui as emoções. Vigotski (1998b, p. 101) considera que as emoções produzem alterações não só na estrutura do psiquismo como em toda a diversidade de conteúdo da vida psíquica do homem e, nesse sentido, são fundamentais para a formação da estrutura da personalidade.

O autor realizou estudos e experimentos sobre as diversas funções psicológicas superiores e suas relações. Alguns desses estudos são especialmente interessantes para a reflexão da produção da consciência: as emoções e a imaginação. Para ele, há uma relação intrínseca entre o afeto e a cognição:

Quando falamos da relação do pensamento e da linguagem com os outros aspectos da vida da consciência, a primeira questão a surgir é a relação entre o intelecto e o afeto. Como se sabe, a separação entre a parte intelectual da nossa consciência e a sua parte afetiva e volitiva é um dos defeitos radicais de toda a psicologia tradicional. Neste caso, o pensamento se transforma inevitavelmente em uma corrente autônoma de pensamentos que pensam a si mesmos, dissocia-se de toda a plenitude da vida dinâmica, das motivações vivas, dos interesses, dos envoltimentos do homem pensante e, assim, se torna ou um epifenômeno totalmente inútil, que nada pode modificar na vida ou no comportamento do homem, ou uma força antiga original e autônoma que, ao interferir na vida da consciência e na vida do indivíduo, acaba por influenciá-las de modo incompreensível. (VIGOTSKI, 2001a, p. 15-16).

Nessa passagem, Vigotski além de afirmar a relação entre intelecto e afeto,

critica as abordagens que separam esses aspectos, mostrando que a explicação do pensamento pressupõe entendê-lo em suas múltiplas determinações: seus motivos, interesses, necessidades, o que está relacionado com a emoção. Da mesma forma, o afeto é também influenciado pelo próprio pensamento, modifica-se, como vemos a seguir:

Já dissemos que, como expressava corretamente Spinoza, o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo. O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção. (VIGOTSKI, 1999a, p. 127).

VIGOTSKI (2001a, p. 16) afirma, então, a unidade dos processos afetivos e intelectuais em um sistema semântico dinâmico, mostrando que “em toda idéia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa idéia”.²⁹

As funções psicológicas que se desenvolvem no homem são perpassadas por essa unidade afetivo-cognitiva. Dentre elas, uma que se destaca e contribui no entendimento do processo de consciência de classe é a imaginação. O desenvolvimento da imaginação está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento da linguagem. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites. Nesse sentido, configura-se como uma função e um processo fundamental

²⁹ Ainda nessa direção, podemos destacar a polêmica de Vigotski com Piaget sobre o desenvolvimento do pensamento. Para Piaget, o pensamento primário seria o autístico, que se caracteriza por ser movido pelo desejo, por ser individual e incomunicável pela linguagem. A ele, segue o pensamento egocêntrico, regido ainda pelo devaneio, pela brincadeira e que serve de transição ao pensamento realista, dirigido, adaptado à realidade e comunicável pela linguagem. Para Vigotski, esse seria um raciocínio idealista, que considera um pensamento autístico a priori, que age independente do real. O autor soviético afirma que tanto no pensamento autístico como no realista há uma síntese dos processos intelectual e emocional. No pensamento realista, o processo emocional desempenha um papel muito mais de acompanhante do que de diretor, mais subordinado do que condutor, ao passo que no pensamento autista ele tem o papel de direção. Apesar disso, o pensamento realista, quando está relacionado com uma importante tarefa ao indivíduo, provoca e desperta uma série de sensações emocionais de caráter muito mais considerável e mais intenso que o pensamento autista. Tanto a imaginação como o pensamento realista podem ser caracterizados por uma ‘elevadíssima emocionalidade’. (VIGOTSKI, 2001a).

para a compreensão da consciência humana.

Vigotski (1998b, p. 128-129) afirma que “É impossível conhecer corretamente a realidade sem um certo elemento de imaginação, sem se afastar dela, das impressões isoladas imediatas, concretas, em que essa realidade está representada nos atos elementares da nossa consciência.”

Até aqui, vimos que os conceitos têm papel fundamental na formação da consciência humana, pois a relação do indivíduo com o mundo não ocorre de forma imediata, mas mediada pelo sistema de conceitos produzido com base na unidade afetivo-cognitiva. Passemos agora à formação da personalidade e da concepção de mundo.

2.9 O DESENVOLVIMENTO CULTURAL³⁰ DAS IDADES: A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E DA CONCEPÇÃO DE MUNDO

Depois de analisar a formação e o desenvolvimento da consciência humana, podemos falar do desenvolvimento cultural. O processo de desenvolvimento cultural do indivíduo se define, por seu conteúdo, pelo desenvolvimento da personalidade da criança e de sua concepção de mundo.

Personalidade é um conceito social que abarca, para Vigotski, o que se sobrepõe ao natural; o que é histórico no ser humano. Desenvolve-se como totalidade e não é inata, mas surge como resultado do desenvolvimento cultural. (VYGOTSKI, 2000b, p. 328).

Para Martins (2004, p. 84-85), a personalidade remete ao plano da pessoa, da vida real dos indivíduos, a forma pela qual se constrói uma maneira particular de funcionamento: de fazer, de pensar, de sentir. A personalidade se produz na produção da humanidade e é entendida pela autora como

autoconstrução da individualidade por conquista de sua genericidade, ou seja, síntese de processos biológicos e psicológicos que em interação dialética com o meio transforma o indivíduo de maneira criadora e autocriadora graças à ação e consciência. (MARTINS, 2004, p. 86).

³⁰ Relembramos que o desenvolvimento cultural deve ser entendido como o desenvolvimento baseado nas condições sócio-históricas de produção do gênero humano, conforme explicado nas páginas 42 e 43.

Ao constituir sua personalidade, a criança desenvolve uma concepção de mundo, entendida por nós como essa maneira particular de funcionamento da pessoa, expressa em seus modos de pensar, sentir e agir. A concepção de mundo é, segundo Vigotski (2000b, p. 328), tudo aquilo que caracteriza a conduta global do homem, sua relação cultural com o mundo exterior; e não um sistema lógico refletido em forma de concepção consciente sobre o mundo e seus aspectos mais fundamentais. Convém lembrar que o que internalizamos, em nosso desenvolvimento cultural, não é o próprio mundo, mas uma representação do mundo, mediada por um sistema de significações fixado na linguagem e expresso nos modos de agir, pensar e sentir. Esse desenvolvimento começa desde o nascimento da criança, quando ela começa a relacionar-se com o meio social. Segue uma breve passagem sobre essa trajetória, produzida sócio-historicamente e que, portanto, não deve necessariamente seguir as idades com rigor, mas depende das relações sociais e do momento histórico em que se produz.

O recém-nascido pode ser considerado um ser natural no sentido mais completo e exato da palavra, por ser a etapa mais primitiva do ser humano. Algumas formas primitivas de conduta cultural, que já encontramos nos bebês, têm um caráter semi-orgânico, por exemplo, a reação à voz humana ou à presença de um adulto. A partir dos seis meses de idade, as crianças já fazem tentativas de realizar ações com a ajuda de objetos, mas é em torno dos nove meses que ocorre uma virada significativa. A criança começa a dominar as primeiras ferramentas, captar alguns nexos mecânicos e se formam as primeiras conexões sensório-motriz complexas, (VYGOTSKI, 2000b, p. 330-332).

Na criança pequena, há um período de transição da vida natural à cultural em que cada ação da criança constitui-se como uma mescla do animal (no sentido da espécie) e do humano (no sentido do gênero). Tem um caráter natural-histórico ou primitivo-cultural e sua concepção de mundo é mágica, baseada em sua experiência motriz produzida casualmente e repetida – movimento das mãos e braços - sem distingui-la de outros movimentos externos que não dependem dele – aproximação de outra pessoa, por exemplo. (VYGOTSKI, 2000b, p. 332-333).

O bebê não diferencia o 'eu' do mundo, para ele há uma coincidência entre a personalidade e a concepção de mundo, o que vai se manifestar em suas ações. O primeiro ano de vida é a pré-história do desenvolvimento cultural. Não temos

lembrança desse período porque não desenvolvemos ainda a linguagem, da mesma forma que não recordamos da pré-história da humanidade porque não há registros escritos.

Há duas mudanças fundamentais na próxima fase do desenvolvimento infantil. A primeira é orgânica, pois a criança passa a dominar a marcha vertical e a segunda é cultural, quando a criança começa a dominar a linguagem. Quando a linguagem passa a influenciar seu entorno, surge uma nova concepção de mundo: ela passa a estabelecer uma relação entre as palavras e os objetos. Por muito tempo, a criança tenta atuar sobre os objetos com as palavras, da mesma forma que atua sobre outras pessoas.

O momento decisivo no desenvolvimento da personalidade da criança é a tomada de consciência de seu 'eu'. Reforçando sempre que o conceito de personalidade é social, temos que o conceito de eu se desenvolve a partir do de outros. "A personalidade é o social em nós" (VYGOTSKI, 2000b, p. 337). A criança toma consciência de si a exemplo do que fazem os demais.

A esse momento, segue o que Vigotski chama de idade lúdica. Nessa idade, a criança atribui novo significado aos brinquedos e objetos; primeiro pelo gesto depois pelo signo. É uma fase bastante instável, já que a personalidade e a concepção de mundo mudam com facilidade. Na idade escolar, a criança é um ser muito mais socializado e individualizado. Forma-se pela primeira vez uma personalidade e uma concepção de mundo mais estáveis e mais consistentes. Sua base fundamental é a internalização da linguagem, a formação da linguagem interior.

Mas é a adolescência que é considerada a idade de enraizamento à cultura. Nela, o jovem inicia sua trajetória na atividade laboral adulta. É quando ocorre a formação da personalidade e a estruturação da concepção de mundo e o jovem toma consciência de seu próprio pensamento, podendo exercer um autodomínio sobre si.

A personalidade constitui-se, portanto, como uma síntese psíquica superior. As funções psíquicas superiores se caracterizam por um tipo de relação especial com a personalidade e representam a forma ativa das manifestações da personalidade.

Vimos, no decorrer deste capítulo, que Vigotski postula a gênese e o desenvolvimento da consciência individual em relação intrínseca com a consciência

social, uma vez que é a partir das relações sociais de produção que o ser humano se particulariza. A personalidade é considerada o conjunto das relações sociais encarnadas na pessoa, uma objetivação da individualidade. A apropriação das relações ocorre com a mediação do outro, tendo lugar privilegiado nessa relação, a linguagem. Vimos ainda que, se o sistema de significação é formado nas relações sociais, na apropriação dos significados que orientam a formação da concepção de mundo do indivíduo a partir de sua atividade, surgem sentidos pessoais, que passam a constituir suas objetivações. Através disso, fica claro que as relações sociais formam a consciência, mas que essas relações são formadas por indivíduos concretos que as compõem e as produzem, ainda que de forma não consciente. É dessa dialética que iniciaremos a análise no próximo capítulo.

3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA DA CLASSE TRABALHADORA

(O encontro do rio com o mar)

*Junta-se o rio
a outros rios.
Juntos,
todos os rios
preparam sua luta,
de água parada,
sua luta
de fruta parada.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Ao tratar da teoria do desenvolvimento histórico da sociedade, o marxismo buscou compreender as leis de seu movimento. Isso porque a concepção materialista supõe que os fenômenos sociais são produzidos por múltiplas determinações, das quais o grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais terá papel preponderante sobre a forma das relações sociais. Disso decorre que os fenômenos sociais não são determinados, como diria a tese idealista, por projetos de um indivíduo ou grupo social, mas que tais projetos expressam um movimento do real, baseado na contradição entre as relações sociais de produção e as forças produtivas, o que dá origem à contradição entre as classes que representam cada um desses pólos. É aqui que entra uma importante questão para nossa temática: até que ponto os projetos individuais ou coletivos podem levar à transformação social? Ou o movimento de transformação do real leva à formação de projetos que expressam uma transformação já em andamento?

Esse aparente paradoxo se resolve ao trazermos alguns aspectos que ajudam a iluminar nossa questão. Em primeiro lugar, devemos lembrar que as mudanças das sociedades resultam das mudanças das relações de produção social da vida entre seus membros. Mas que apesar de nos referirmos a seres humanos conscientes, essas mudanças não dependem simplesmente de uma intencionalidade deliberada ou vontade arbitrária do ser humano. (GERMER, 2006). Assim sugere uma das passagens clássicas de Marx (2002, p. 21), ao dizer que “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”

Mas a questão não pára por aqui. Apesar de não depender de uma intencionalidade arbitrária, Marx ressalta que quem faz a história são os próprios homens, ou seja, mesmo que de forma não consciente, os homens alteram e transformam continuamente suas relações sociais, o que fica comprovado pela análise histórica das transformações dos modos de produção. Sendo essas transformações determinadas por dadas leis, “se o ser humano puder identificar com precisão as leis de desenvolvimento de sua sociedade, será capaz de promover o seu desenvolvimento deliberadamente, o que não significa arbitrariamente, pois está sujeito aos limites impostos por estas mesmas leis.” (GERMER, 2006).

Assim, os projetos de uma classe social expressam um movimento real das contradições sociais e geram teorias do processo de trabalho e do conhecimento, resultando em projetos de transformação social. Justifica-se, portanto, o estudo da consciência de classe, entendida como expressão do ser social da classe e que conforme o momento de seu movimento pode produzir projetos e ações transformadores.

Nesse capítulo, temos por objetivo discutir o processo de emergência de uma consciência revolucionária na classe trabalhadora quando predominam relações sociais capitalistas e uma consciência social burguesa. Nesse sentido, discutiremos como o sistema de significação se constitui como concepção de mundo e esta, na sociedade de classes, toma a forma de ideologia. Trataremos das trajetórias possíveis ao processo de constituição da consciência de classe dos trabalhadores e buscaremos entender quais os mecanismos que possibilitam que o indivíduo que se apropria da consciência social sob a forma de ideologia, incorporada no sistema de significação, consiga perceber as contradições do real e engajar-se em processos de transformação da sociedade e superação da alienação.

3.1 O SISTEMA DE SIGNIFICAÇÃO COMO CONCEPÇÃO DE MUNDO

(...) na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na 'linguagem', está contida uma determinada concepção de mundo.
GRAMSCI (1983, p. 11)

Conforme dizíamos no capítulo anterior, o que internalizamos não é o próprio mundo, mas o mundo mediado pelo sistema de significações produzido

socialmente. Isso significa que mesmo nossas expressões, impressões e sensações objetivas, a partir de que se constitui nossa concepção de mundo, são orientadas pelas mediações do outro e pelos significados atribuídos histórica e socialmente aos objetos e fenômenos. Ou seja, nós não percebemos ou sentimos o mundo puramente, mas mediado por tais significações. Esses significados, não devemos esquecer, são resultado das relações materiais entre os homens. Vimos ainda, através do desenvolvimento dos conceitos, que Vigotski considera o significado da palavra como a unidade de análise do pensamento verbal e fator fundamental na constituição da consciência. Sendo assim, como entender o papel do significado na formação de um determinado tipo de consciência? Ou ainda, como analisar a relação entre o significado e o sentido na produção da consciência?

De início, retomemos alguns aspectos. O desenvolvimento da linguagem ocorrerá articulado com a atividade da criança, com os problemas objetivos com que ela se defronta e dependerá de sua apropriação dos instrumentos de pensamento e de sua experiência sócio-cultural. E o desenvolvimento do pensamento na criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. Mas a criança não cria uma linguagem própria, mas assimila a linguagem dos adultos que a rodeiam, ou seja, a linguagem com os significados construídos socialmente pela humanidade em sua história. De acordo com Vigotski (2001a, p. 192), “O discurso dos circundantes, com seus significados estáveis e permanentes, predetermina as vias por onde transcorre o desenvolvimento das generalizações da criança.” É claro que, embora não crie sua linguagem, a pessoa cria formas próprias de apropriação e de expressão, a partir dos sentidos e motivos das atividades que realiza.

Para o autor, toda a experiência do homem culto atual - a realidade externa e nossa realidade interna - estão representados em um determinado sistema de conceitos. Devemos ressaltar com isso que o conceito tem sua origem e seu desenvolvimento ligados à realidade que representam e no conceito evoluído encontra-se todo o conjunto de suas relações, seu lugar no mundo. (VIGOTSKI, 1999a, p. 121-122). Pensar com base em conceitos significa, portanto, possuir uma determinada forma de pensar. Por meio da linguagem e pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, apropriamo-nos dos modos de pensar, agir, sentir da sociedade. Internalizamos um determinado sistema de significação, que possui uma determinada concepção de mundo.

Por um lado, o pensamento por conceitos constitui-se como produto do desenvolvimento histórico do pensamento, ou seja, no percurso da humanidade se produziu uma forma de pensamento abstrato a partir dos problemas concretos que se colocavam como obstáculo à atividade humana. Essa se constitui como a forma mais desenvolvida de pensamento até o atual momento do gênero humano. Como dito anteriormente, o conceito é um sistema psicológico complexo e sua formação não é imutável e fossilizada. Sendo assim, entendemos que o sistema de conceitos é determinado pelas condições sócio-históricas de uma sociedade, que oferece uns e não outros problemas a serem comunicados, assimilados, entendidos e resolvidos. O modo de produção e organização de cada sociedade terá, portanto, papel fundamental sobre o desenvolvimento dos conceitos.

Um exemplo de como os sistemas psicológicos variam em sociedades com modos de produção e organização distintos é dado por Vigotski. O autor observa que o lugar ocupado pelo pensamento em nosso sistema psicológico, em certas tribos da África é ocupado pelo sonho. Embora seja possível afirmar que as leis biológicas do sonho ou do pensamento sejam as mesmas para qualquer ser humano, conforme sejam suas conexões e relações em um sistema psicológico, podem desempenhar papéis muito distintos. Em seus estudos, Vigotski (1999a, p. 114-117; 2000a, p. 33-35) se refere a observações de Levi-Bruhl sobre um cafre³¹, para quem o sonho teria a função que o pensamento desempenha para nós, ou seja, suas ações são orientadas pelos seus sonhos. Ao ser questionado, por exemplo, sobre uma situação complicada e difícil ou uma decisão que deva tomar, o cafre dirá “verei isso em sonhos”. Isso significa que o sonho é orientador de sua conduta, enquanto para nós, quem cumpre esse papel é o pensamento.

Com isso, vemos que os sistemas psicológicos são determinados sócio-historicamente pelas relações materiais e simbólicas que os produzem, a partir de que concluímos que o sistema de conceitos não é uma produção individual, mas social, permeada de elementos da consciência social. Dessa forma, o significado do sonho não vale apenas para o cafre isoladamente, mas para toda sua tribo ou sociedade, que foi quem produziu esse sistema conceitual.

Por outro lado, do ponto de vista do desenvolvimento individual, para inserirmo-nos nas práticas sociais, precisamos nos apropriar de um dado conjunto

³¹ Indivíduo de uma população africana banta, afim dos zulus, não muçulmana, do Sudeste da África. Fonte: Edição Eletrônica do Dicionário Houaiss.

das conquistas humanas de nosso momento histórico. Parece-nos que uma importante conquista é o pensamento por conceitos, que não existe a priori ao nascermos, mas precisa ser desenvolvido através da dinâmica da apropriação-objetivação. Ao desenvolver o sistema de conceitos, nos apropriamos de formas de compreensão da realidade (de uma concepção de mundo), o que ocorre através de nossa atividade sobre o mundo e que serve para significar nossas experiências. De tal modo, o sistema psicológico modifica-se no decorrer de nosso desenvolvimento. O papel do sonho, por exemplo, altera-se também conforme nossa idade, ou nosso grau de apropriação do desenvolvimento cultural. É diferente o papel do sonho para um bebê, uma criança de 10 ou uma pessoa de 30 ou 70 anos.

No seguinte trecho, Vigotski volta a demonstrar que as palavras, unidades de som e significado, têm sua origem nas relações vivas e concretas e surgem da necessidade de dar significado para comunicar, abstrair, generalizar a realidade:

No desenvolvimento da linguagem, as palavras não se originam arbitrariamente, senão sempre em forma de signo natural relacionado com uma imagem ou uma operação; na linguagem infantil, os signos não aparecem como inventados pelas crianças: os recebem das pessoas que os rodeiam e tão somente depois tomam consciência ou descobrem as funções de tais signos. (VIGOTSKI, 2000b, p. 179, tradução nossa).

Havendo uma relação intrínseca entre a palavra e a consciência - como diz Vigotski, “a palavra consciente é o microcosmo da consciência humana” (2001a, p. 486) - a história da palavra demonstra o caráter histórico da consciência.

Vimos através dos exemplos apresentados, que os sistemas psicológicos são constituídos por um sistema de significação – que é um sistema construído social e historicamente para compreensão da realidade e, portanto, permeado por suas contradições. Os significados são forjados no intercâmbio social e terão características das relações sociais, dos modos de vida, da base material que dão origem a esses significados. Sendo as relações sociais permeadas por contradições – no caso da sociedade capitalista, contradições de classe - os significados também estarão. Mas qual o impacto das contradições de classe na produção dos significados e em sua constituição como ideologia?

3.2 A CONCEPÇÃO DE MUNDO CONVERTIDA EM IDEOLOGIA

De acordo com o debate apresentado no capítulo 1, entendemos que a consciência social produzida em uma sociedade de classes converte-se em ideologia, concebida como as idéias da classe dominante e que contribuem - pela posição social daqueles que a produzem, a classe dominante - para justificar e naturalizar a ordem estabelecida, mantendo ocultos aspectos da realidade que possam levar à percepção das contradições sociais. Não quer dizer que a classe dominante faça isso necessariamente de maneira intencional, pelo contrário, por mais que a ideologia possa ser produzida de forma a distorcer o real, ela é também produzida para conhecer e explicar o real, ainda que da perspectiva e da posição da classe dominante.

Há, portanto, um discurso dominante em cada época histórica, que forjará determinados significados fixados na forma de consciência social. A concepção de mundo - presente no sistema de significação, nos signos, na palavra - está impregnada das idéias dominantes do momento em que é produzida. Para transformar a concepção de mundo, não se trata, porém, de trocar as idéias dominantes por outras idéias, já que estas são fruto das relações materiais dominantes, e não simples idéias. Há que transformar o próprio mundo material e suas relações que serão expressas em novas concepções de mundo.

Como vimos no capítulo anterior, as idéias dominantes serão apropriadas e assumidas pelos indivíduos, como as suas idéias. Ao falar da estética em *Psicologia da Arte*, Vigotski mostra como a consciência individual constitui-se tendo como referência a consciência social. Para tanto cita Pliekhánov:

A natureza do homem faz com que ele possa ter gostos e conceitos estéticos. As condições que o cercam determinam a transformação dessa possibilidade em realidade, por elas se explica que determinado homem social (isto é, dada sociedade, dado povo, dada classe) tenha justamente esses e não outros gostos e conceitos estéticos... (PLIEKHÁNOV apud VIGOTSKI, 1999b, p. 10, grifos no original).

Com isso, Vigotski nos remete novamente à idéia de que a personalidade se forma com base em sistemas sociais internalizados e que “os traços sociais e de classe formam-se no homem a partir de sistemas interiorizados, que nada mais são

do que os sistemas e relações sociais entre pessoas trasladados para a personalidade” (VIGOTSKI, 1999a, p. 133).

Não podemos esquecer, porém, que essas relações sociais e a realidade são contraditórias. A dinâmica social e, por conseqüência, a dinâmica da personalidade desenvolvem-se com essas contradições. Ao trasladarem-se para a pessoa, os sistemas sociais internalizam-se como sistemas psicológicos em luta. Ao choque dos sistemas em luta, que vai caracterizar a dinâmica da personalidade, Vigotski chama de *drama*. (Vigotski, 2000a, p. 34-37).

O drama é entendido como um conjunto múltiplo e contraditório de relações que se estabelece na vida social de cada pessoa e constitui-se, além de ação e um misto entre comédia e tragédia (tal como própria vida), de um choque de hierarquias divergentes entre funções vivenciadas pela pessoa nas suas diferentes relações. Tal conflito se dá tanto entre os significados divergentes dos papéis em confronto, que a pessoa desempenha nas diferentes relações, como entre os sentimentos e valores vinculados a elas. (MELO, 2001, p. 42-44). Essa nos parece ser uma chave para entender alguns conflitos entre a consciência individual e a consciência de classe, como mostraremos à frente.

Vigotski (1998a) discute ainda outro mecanismo psicológico que deve ser levado em conta no estudo das funções psicológicas: o do comportamento fossilizado. O comportamento fossilizado constitui-se de uma automatização ou mecanização dos processos psicológicos. Quer dizer que no decorrer do desenvolvimento, alguns processos que foram repetidos inúmeras vezes, tornaram-se mecanizados. A partir desse momento, sua aparência externa não revela mais sua natureza interna, já que o produto esconde o processo necessário à automatização. O comportamento fossilizado nega a etapa anterior de desenvolvimento e se configura como um aparente retorno, mas qualitativamente superior. Vigotski exemplifica esse processo com a atenção voluntária e a involuntária. A atenção voluntária, depois de estabelecida, *aparece* de forma igual à involuntária. Entretanto, há entre elas uma diferença qualitativa por conta da inserção dos signos no processo.

Se, como nos diz Vigotski, o mecanismo do comportamento fossilizado ocorre com as funções psicológicas, supomos que também acontece com a formação da consciência. Ou seja, alguns aspectos são internalizados e se automatizam, podendo naturalizar-se. Poderíamos pensar, então, que relações

sociais internalizadas na forma de concepção de mundo mecanizam-se ou naturalizam-se como explicações e representações automáticas da realidade. A concepção de mundo dominante na forma de ideologia é naturalizada como a consciência social e é internalizada pelos indivíduos dessa sociedade.

As relações sociais que predominam na sociedade capitalista são relações de pessoas umas com as outras como possuidoras de mercadorias. Dessa forma, cada relação social aparece como uma relação entre mercadorias, entre coisas. São os homens, em suas relações de produção, que criam as mercadorias. Os objetos produzidos na forma de mercadoria se personificam e o homem se coisifica. É como se a mercadoria ganhasse autonomia daquele que a produziu, caracterizando o fetichismo da mercadoria, quando “determinada relação social entre os próprios homens (...) assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 1988, p. 71). Esse tipo de relação histórica é naturalizada pelos membros dessa sociedade, como se não houvesse sociedades que tivessem sido diferentes, o que implica que também não deve haver a possibilidade de produzir uma organização social que elimine a relação coisificada. (MARX, 1988).

Assim como as relações coisificadas são mecanizadas ou naturalizadas – sua aparência não mostra mais o que lhe deu origem, o próprio trabalho humano –, as relações alienadas, decorrentes do processo produtivo e do modo de produção capitalista da existência, também se naturalizam. Naturalizam-se porque se encontram instituídas, naturalizadas e legitimadas nas relações de poder que se reproduzem.

Esse instituído reproduz-se no sistema de significação. Assim, o signo aparece como monovalente (com uma significação rígida), de acordo com a ideologia. Isso tem conseqüências na relação entre o significado social e o sentido, que sob relações alienadas cindem. O indivíduo produz sentidos correspondentes à sua atividade e que se cristalizam. Numa sociedade em que a prática material necessária à reprodução da vida produz os valores do individualismo, da competitividade, da propriedade e que estes predominam como significados, as ações das pessoas e seu sistema de conceitos são mediados por esses significados dominantes. Mas também circulam outros valores, fazendo com que o que se vive não necessariamente seja confirmado pelo que se diz.

Baseando-se nas elaborações de Marx e Engels e Volochinov³², Klein (2003, p. 37-39) levanta o debate em torno da relação entre a linguagem, a ideologia e a consciência. Em sua reflexão, reconhece que a consciência individual só pode ser explicada a partir do meio ideológico e social e aponta que o signo, na sociedade de classes, será ideológico, carregando a marca dessa divisão em classes. Dessa forma, revela-se o caráter não neutro da palavra. São os signos que alimentam e configuram a consciência individual, sendo território comum do psiquismo e da ideologia.

Na relação com a educação, dimensão de humanização pela apropriação e objetivação, a autora aponta que o aprendizado da linguagem em uma perspectiva transformadora “implica necessariamente a compreensão dessa natureza dividida do signo e o desvendamento do conteúdo ideológico da linguagem, a partir da própria compreensão da realidade contraditória do processo de produção classista.” (KLEIN, 2003, p. 40).

Essa passagem nos leva a pensar que a natureza contraditória das relações expressa nos signos, pode apresentar-se como contradição à consciência. A realidade não é linear, tampouco será linear a consciência dessa realidade. A ideologia é, portanto, permeável a contradições e também revela aspectos do real, ainda que de forma invertida. Em certos momentos do desenvolvimento da consciência, pode-se produzir um choque entre a concepção de mundo internalizada e uma realidade material contraditória. Vigotski (2001a) pressupõe a possibilidade de novas conexões, o que pode trazer, através da imaginação, a novidade, a possibilidade de estabelecer relações diferentes e de tomar consciência das contradições do real. Tendo isso em vista, permanece uma questão: como surgem os projetos revolucionários de ruptura com as relações sociais vigentes e seus significados?

3.3 DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE COMO PROCESSO

*E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra-mola que resiste*
João Ricardo e João Apolinário (Primavera nos dentes)

³² A autora reconhece Volochinov, e não Bakhtin, como verdadeiro autor da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, conforme extenso debate dos estudiosos das obras de Bakhtin.

Consideramos, até aqui, que a consciência social na sociedade de classes universaliza a consciência de uma classe, convertendo-a em ideologia. No caso da sociedade capitalista, a consciência social universalizada é da classe burguesa, internalizada como concepção de mundo e fixada em um sistema de significação da realidade. Mas como esta consciência social burguesa internalizada pelos indivíduos pode transformar-se em uma consciência revolucionária, isto é, que busque transformar e superar a ordem burguesa?

É importante reafirmar a tese materialista de que isso só é possível porque as condições materiais para a superação já estão dadas ou estão pelo menos em gestação na realidade. É isso que torna possível o surgimento de uma teoria revolucionária. Assim, a consciência de classe dos trabalhadores desenvolve-se pela sua luta como classe e pelo conhecimento sobre as contradições que levam ao movimento da realidade advindos dessa luta.

Marx mostra que se forjam representantes científicos das duas classes, sendo que na história do proletariado, a teoria revolucionária ganha um caráter científico à medida que a luta do proletariado como classe avança, constituindo-se como classe para si. Por Marx:

Assim como os *economistas* são os representantes científicos da classe burguesa, da mesma forma são os *socialistas* e os *comunistas* os teóricos da classe proletária. Enquanto o proletariado ainda não se desenvolveu o suficiente para constituir-se em uma classe e que, em conseqüência, a própria luta do proletariado com a burguesia ainda não tem um caráter político, e as forças produtivas não estão ainda bastante desenvolvidas no seio da própria burguesia, para permitir entrever as condições materiais necessárias à libertação do proletariado e à formação de uma sociedade nova, estes teóricos são apenas utopistas que, para opor-se às necessidades das classes oprimidas, improvisam sistemas e buscam uma ciência regeneradora. À medida, porém, que a história caminha e, com ela, a luta do proletariado se desenha com mais nitidez, não têm eles a necessidade de procurar a ciência em seu espírito, basta que se dêem conta do que se passa diante de seus olhos e que se tornem a voz desse movimento. Enquanto buscam a ciência e fazem apenas sistemas, enquanto estão no início da luta, vêem na miséria apenas miséria, sem nela ver o lado revolucionário, subversivo, que porá abaixo a sociedade antiga. A partir desse momento, a ciência produzida pelo movimento histórico, associando-se, com pleno conhecimento de causa a esse movimento, deixa de ser doutrinária, tornando-se revolucionária. (MARX, 2007, p.148-149).

Devemos analisar, então, a explicação dada ao fenômeno da consciência de classe pela própria teoria revolucionária, buscando explicá-los inseridos na totalidade do real.

Para isso, o autor húngaro Georg Lukács (2003) oferece uma preciosa

contribuição, por sistematizar e aprofundar esse debate em sua obra intitulada *História e consciência de classe*, de 1922. O próprio autor faz posteriormente uma análise crítica dessa obra, compilada no Prefácio publicado em 1967. Embora reconheça várias contribuições para o estudo no campo do marxismo, especialmente ao sistematizar o debate em curso na época, entende que o texto de 1922 tem alguns aspectos subjetivistas e não incorpora aspectos fundamentais da ontologia marxista. Ainda assim, entendemos que suas reflexões são úteis para fazer avançar o debate e o estudo de nosso objeto.

LUKÁCS (2003) faz uma análise histórica das consciências de classe, trazendo, por exemplo, a consciência estamentária presente na ordem feudal. Além disso, mostra o importante papel da consciência da classe burguesa, bem como seus limites a partir do capitalismo estabelecido.

Embora o capitalismo se constitua como a primeira forma de organização da produção que tende a penetrar de todos os lados da sociedade e estando a burguesia em condições, portanto, de ter consciência da totalidade do modo de produção; sua posição na produção e os interesses que determinam sua ação, tornam impossível dominar, mesmo teoricamente, sua própria organização da produção. (LUKÁCS, 2003).

(...) esta [a burguesia] age como classe no desenvolvimento econômico objetivo da sociedade, mas só pode tornar-se consciente do desenvolvimento desse processo que ela mesma efetua como um processo que lhe é exterior, submetido a leis e que ela só pode experimentar de modo passivo. (LUKÁCS, 2003, p. 163).

Levando em conta o caráter da consciência possível à burguesia, o autor húngaro traz outra reflexão, sobre o caráter distinto da consciência de classe do proletariado. Entende o proletariado como a classe que, nas relações sociais capitalistas, tem a possibilidade de desenvolver uma consciência revolucionária. Assim destaca que a consciência revolucionária não é o que pensam os indivíduos, mas constitui-se como uma possibilidade objetiva. (LUKÁCS, 2003; IASI, 2002)

Essa possibilidade é determinada, pois, objetivamente, o que leva Lukács a afirmar que a consciência de classe

Não é, portanto, nem a soma, nem a média do que cada um dos indivíduos que formam a classe pensam, sentem etc. E, no entanto, a ação historicamente decisiva da classe como totalidade é determinada, em última

análise por essa consciência e não pelo pensamento do indivíduo; essa ação só pode ser conhecida a partir dessa consciência. (LUKÁCS, 2003, p. 142)

Outra importante contribuição ao nosso estudo vem de um autor brasileiro, pesquisador do processo de consciência de classe segundo a perspectiva marxista. Iasi tem seus estudos concentrados nesse tema, inclusive seu mestrado e doutorado, dos quais resultaram as seguintes obras: *O dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência* (2002) e *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento* (2006). Nelas, o autor aponta sínteses fundamentais, que servirão para nós como orientação para o estudo. Entre elas, o próprio conceito de consciência de classe.

A consciência de classe deve ser entendida como a consciência de uma classe social, que é determinada por seu ser social. Sendo assim, a consciência burguesa também pode ser entendida como uma consciência de classe, da classe dominante e aquela que se universaliza como consciência social. No entanto, nosso interesse na presente pesquisa é sobre o processo de desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores como consciência revolucionária, na relação com a trajetória de seu ser social, amoldado ou como resistência à ordem estabelecida. Neste caso, um interesse especial pelas possibilidades de apropriação da visão social de mundo marxista pela consciência individual e sua importância na produção de ações que visem a superação da sociedade capitalista.

Para Iasi (2006), a consciência de classe tem relação direta com o ser social da classe. Bem como seu ser social, a consciência da classe se define pelos vários momentos de seu movimento. Olhando para diferentes momentos históricos, percebemos que a classe trabalhadora ora amolda-se à ordem do capital ora apresenta ações coletivas de resistência (às vezes mais e às vezes menos organizadas) e de busca pela superação dessa ordem, ou seja, seu ser social não se coloca de forma homogênea na relação com o capital. Assim, a consciência de classe dos trabalhadores não se define exclusivamente pela consciência fragmentada e alienada do indivíduo isolado, nem pela consciência da classe como sujeito revolucionário, mas pelo movimento que leva de um a outro.

A classe trabalhadora não é, segundo essa concepção, nem essencialmente subordinada e amoldada ao capital nem essencialmente revolucionária como alternativa histórica ao capital. Por essa definição, tanto a consciência alienada como a consciência da alienação ou a consciência

revolucionária expressam diferentes momentos do processo da consciência de classe, determinados por uma série de condições históricas. (Iasi, 2006, p. 320-322)

Uma dessas condições é a presença de contradições no próprio movimento do real, das quais a principal é a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas materiais e as relações sociais de produção, contradição essa já tratada anteriormente. O capitalismo possibilitou um desenvolvimento surpreendente das forças produtivas materiais, inserindo tecnologias que fazem com que hoje, por exemplo, haja terra, energia e água suficiente para produzir alimento para o dobro da população mundial (FAO, 2002). No entanto, com a apropriação privada dos produtos sociais, nem todos os seres humanos usufruem desse avanço. Segundo relatório da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação), cerca de 100 mil pessoas morrem por dia no mundo vítimas da fome; e no ano de 2002, por exemplo, estima-se que 852 milhões de pessoas sofreram de carências alimentares e de subnutrição.

Marx e Engels (2007, p. 41) argumentam que

No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbio que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção, mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro) – e, ligado a isso, surge uma classe que tem que suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens e que, expulsa da sociedade, é forçada à mais decidida oposição a todas as outras classes; uma classe que configura a maioria dos membros da sociedade e da qual emana a consciência da necessidade de uma revolução radical, a consciência comunista (...).

Nesse caso, as relações sociais capitalistas passam a apresentar-se como entrave ao desenvolvimento das forças produtivas, servindo à sua destruição (vide as guerras, miséria, poluição). Com esse impasse, a luta de classes acirra-se ainda mais, pois uma classe, o proletariado, suporta todos os ônus da sociedade, do que surge a consciência da necessidade da transformação radical das relações sociais, inclusive, para a sobrevivência da espécie humana.

Marx destaca que os seres humanos não renunciam ao grau de avanço das forças produtivas conquistado pelo gênero humano em detrimento da manutenção de certas relações sociais. Pelo contrário,

Para não serem privados do resultado obtido, para não perderem os frutos da civilização, os homens são forçados a modificar todas as suas formas sociais tradicionais assim que a forma de seu comércio [commerce] não corresponde

mais às forças de produção obtidas. (MARX, 1984, p. 433)

O capital, com sua força econômica, ideológica, política, jurídica e militar, tem grande poder de reconstrução e recomposição e busca a manutenção da ordem social. Todavia, esse sistema deixa uma grande massa da humanidade em situação de miserabilidade, impulsionando ao conflito. O resultado desse conflito dependerá também, além de outros fatores, da consciência de classe dos trabalhadores e de sua organização para enfrentar essa grande força.

Se a consciência de classe é determinada pelo ser social da classe, convém compreender como se define uma classe. Marx e Engels (2007) deixam claro que a classe é um processo. Ao mesmo tempo em que os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que devem travar uma luta contra outra classe; a classe torna-se independente dos indivíduos, já que estes são subordinados à sua classe, pois recebem dela sua posição na vida e seu desenvolvimento pessoal, tendo suas condições de vida determinadas antecipadamente.

Iasi (2001) sintetiza alguns aspectos conceituais levantados por Marx e aponta que a definição do fenômeno de classe se dá a partir de múltiplas determinações: 1) pela posição diante da propriedade – ou não propriedade – dos meios de produção; 2) pela posição no interior de certas relações sociais de produção; 3) pela consciência de classe, que se associa ou se distancia de uma posição de classe; 4) pela ação desta classe na luta concreta no interior de uma formação social. Assim, a classe conforma-se como uma síntese dos fatores objetivos (posição diante da propriedade e das relações sociais de produção) e subjetivos (ação e consciência de classe) na resposta a uma contradição histórica objetiva/ subjetiva que é a contradição entre as forças produtivas materiais e as relações sociais de produção. Como se vê, determinar a qual classe pertence determinado indivíduo particular não é uma questão simples. Ao olhar para o real, por exemplo, vemos relações contraditórias, que caracterizam algumas posições, que só podem ser definidas na dinâmica da luta de classes. (IASI, 2006, p. 343).

O proletariado ao mesmo tempo em que é parte constitutiva das relações capitalistas, existindo apenas nestas, sofre também com a exploração, a alienação e as contradições impostas por esse modo de produção da vida. O ser da classe forja-se, portanto, de maneira contraditória. Por vezes adapta-se e por outras reage e resiste. São as contradições da realidade material que permitem esse movimento.

Desse modo, não existe uma essência revolucionária ou reformista da classe trabalhadora, mas ela movimenta-se conforme a oscilação de seu ser social e que conforma sua consciência de classe.

E é nesse complexo processo que se forjam os sujeitos capazes de realizar a transformação social e emancipar a humanidade, superando o abismo existente entre a produção do ser genérico e sua apropriação pelos indivíduos. No entanto, é tão somente de forma coletiva, organizada e consciente que essa ruptura torna-se possível. Que mediações são necessárias entre a consciência de classe do indivíduo e a ação coletiva como classe?

Marx, em *A miséria da filosofia*, discorre sobre a formação da classe em si e da classe para si, com base em que Lukács formula os conceitos de consciência em si e consciência para si. Segundo Marx,

As condições econômicas tinham primeiramente transformado a massa do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum de interesses comuns. Assim, essa massa já constitui uma classe em relação ao capital, porém não para ela mesma. Na luta (...), essa massa se reúne, constitui-se em classe por si própria. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe. A luta, porém, entre classe e classe é uma luta política. (MARX 2007, p. 190-191).

Quem cria objetivamente a classe em si é o domínio do capital, que coloca a massa da população em condições iguais. Quem cria a classe para si é o movimento de resistência e luta política da própria classe. Podemos analisar esses conceitos através de duas trajetórias. A primeira é da análise histórica, quando a massa da população constitui-se como classe trabalhadora por sua relação com outra classe. Como condição de sobrevivência, à classe expropriada dos meios de produção resta a venda de sua força de trabalho. A partir da consolidação do sistema capitalista e da opressão voltada à classe trabalhadora pela burguesia, a classe trabalhadora começa a organizar-se e agir como classe, a partir das condições objetivas colocadas. Exemplo disso é a reunião de muitos trabalhadores num mesmo espaço de trabalho, sua articulação no processo produtivo etc. Percebemos então que historicamente a classe em si surge antes da classe para si. Quando a classe trabalhadora tem seus primeiros movimentos autônomos, organizada como classe com interesses próprios, é que se pode falar em classe para si.

No entanto, uma vez alcançada a posição de classe para si, não quer dizer

que o proletariado permaneça organizado na luta política e não volte a amoldar-se ao capital. Há dois movimentos em jogo: um é o de a classe colocar-se como autônoma pela primeira vez no movimento histórico, e o outro é o dela reconquistar essa posição em diferentes momentos, em busca da superação das relações capitalistas.

Iasi destaca esse movimento e retoma essas conceituações, afirmando que a classe em si define-se por ser determinada por suas relações com as outras classes, a classe trabalhadora na sua relação com a burguesia, é um ser-para-outro; enquanto a classe para si, além de ser uma classe do capital, se reconhece como tal, possui uma 'autoconsciência'. Além de saber para si mesma que vende a força de trabalho e produz valor, a classe trabalhadora sabe que pode interromper o processo de valorização. (IASI, 2006, p. 321-322).

Algumas aproximações nos parecem possíveis no desenvolvimento da consciência individual. Ao enunciar a lei geral do desenvolvimento cultural, Vigotski aponta que todo o desenvolvimento cultural passa por três estágios: em si, para outros e para si. Como exemplo, podemos citar o gesto indicativo. De início, o bebê estende o braço em direção a um objeto como um movimento mal sucedido de alcançar (em si). Sua mãe passa a entender o gesto como indicação, pois este movimento objetivo é significado pelo meio social como tal, e ajuda-o a alcançar o objeto (para outros). Só depois a criança começa a indicar, ou seja, internaliza o significado social e passa a usá-lo como mediador em sua ação (para si). (VIGOTSKI, 2000a, p. 24).

O mesmo ocorre em todo o desenvolvimento cultural, com os signos, com a linguagem, com as funções psicológicas. Assim também com o processo de formação da personalidade. Para Vigotski (2000a, p. 25), "a personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros." Daí explica-se que tudo que é interno e autoconsciente (para si), foi antes externo (para outros).

Parece-nos coerente dizer que movimento semelhante ocorre no processo de consciência de classe. Inicialmente, a consciência social na forma de ideologia é internalizada como consciência fragmentada ou consciência alienada. Se tomássemos os termos usados por Vigotski³³, poderíamos denominá-la como

³³ Note-se que os termos utilizados por Vigotski para o processo da consciência individual: em si, para outros e para si; não coincidem com os usados por Iasi para o processo da consciência de

consciência de classe em si. Em seu desenvolvimento, a consciência de classe pode tomar a forma de reivindicação: para outros. Por exemplo, quando reivindica ao capitalista o aumento do salário. E finalmente pode assumir a forma de consciência revolucionária: para si. Tal nomenclatura difere um pouco da convencionada por Lukács e Iasi, mas o sentido do movimento é correlato.

3.4 DA CONSCIÊNCIA ALIENADA E FRAGMENTADA

*Como às vezes
passa com os cães,
parecia o rio estagnar-se.
Suas águas fluíam então
mais densas e mornas;
fluíam com as ondas
densas e mornas
de uma cobra.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Já vimos que a consciência alienada é gerada por uma atividade material alienada e que a sociedade de classes, fonte da alienação, produz também uma consciência social na forma de ideologia. Mas que fatores contribuem para a perpetuação da alienação e que características a consciência alienada assume no indivíduo?

Tomando como base a teoria da vida cotidiana de Heller³⁴, buscaremos algumas contribuições importantes para o entendimento da consciência alienada, utilizando especialmente as leituras de Duarte (1993) e Rossler (2004; 2006b) sobre a obra de Heller.

Rossler (2004, p. 102-104; 2006b, p. 27-35) observa que Heller divide a vida social em dois grandes âmbitos, o da vida cotidiana e o das esferas não-cotidianas. A vida cotidiana constitui-se pelas objetivações genéricas em-si, ou seja, aquelas cuja apropriação está voltada à reprodução de nossa existência como indivíduos e à satisfação das necessidades básicas. São objetivações genéricas em-si: a

classe: consciência alienada, em si (como a para outros, reivindicatória) e para si (como a autoconsciente).

³⁴ Agnes Heller, autora húngara e discípula de Lukács, tem seus primeiros trabalhos situados no campo do marxismo, do qual se afasta posteriormente. Utilizaremos parte de suas discussões consideradas como contribuições à teoria histórico-social de formação do indivíduo (ver em DUARTE, 1993, p. 133)

linguagem, os objetos (instrumentos e utensílios) e os usos e costumes de cada sociedade. Outro aspecto fundamental para nossa discussão é que “a vida do homem nessa esfera, suas atividades, suas apropriações e objetivações, isto é, o processo de formação de sua individualidade, se dá essencialmente de forma espontânea, natural, não-reflexiva (...)”, reproduzindo assim sua cultura de forma também natural e espontânea. (ROSSLER, 2006b, p. 32).

Já o âmbito não-cotidiano embora tenha sua gênese na própria vida cotidiana, se estrutura a partir das objetivações genéricas para-si, isto é, das ciências, artes, filosofia, ética e política. Tais objetivações estão voltadas à reprodução da existência da sociedade e satisfazem a necessidades superiores. (Rossler, 2006b, p. 35).

Entende-se que o desenvolvimento pleno dos indivíduos não se dá enquanto ele estiver cerceado pela cotidianidade, é necessário que o indivíduo entre em relação com a genericidade para-si, que faz parte das conquistas da humanidade em seu desenvolvimento. Como diz Rossler,

O homem que não se apropriou das esferas não-cotidianas da vida social humana não pode conduzir sua vida quando assim se fizer necessário, guiado pela razão, pelo espírito crítico da lógica e da reflexão filosófica, pelos conhecimentos filosóficos e científicos produzidos e acumulados ao longo da história, pelas leis da ética e pela sensibilidade estética inerente a todas as formas de arte (como a literatura, por exemplo). (ROSSLER, 2006b, p. 43-44)

É aqui que entra a relação da cotidianidade com a alienação. O cotidiano não é necessariamente alienado, mas na sociedade de classes apresenta-se como terreno fértil à alienação, pois reduz os homens à reprodução da existência individual e satisfação de necessidades básicas, impedindo-os de se apropriarem de esferas do gênero humano, nesse caso, da genericidade para-si. O fenômeno da alienação depende, porém, de outras determinações materiais (a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção, tema que já tratamos no capítulo 1). Além disso, a estrutura da vida cotidiana penetra nas esferas não-cotidianas, quando as pessoas se mostram incapazes de romper com a vida cotidiana mesmo quando isso se faz necessário (ROSSLER, 2006b, p. 45).

A estrutura da vida cotidiana desenvolve um psiquismo cotidiano, com formas próprias de pensar, sentir e agir. Como nos diz Vigotski (2000a, p. 33), a toda ideologia social corresponde uma estrutura psicológica de tipo definido, no sentido

da assimilação subjetiva e portadora da ideologia e da construção das camadas, estratos e funções da personalidade.

Rossler (2006b, p. 61-72) fundamenta-se nas características sistematizadas por Heller e nos apresenta os esquemas de pensamento, sentimento e ação que compõe o funcionamento do psiquismo cotidiano, quais sejam:

1) *Espontaneidade*: é a característica dominante da vida cotidiana; as atividades são realizadas a partir de um pensamento abreviado e “quanto mais mecânica, automática, fixa, repetitiva e rigorosa for a realização de tal atividade, mais espontânea ela será” (2006b, p. 61). É uma característica necessária à vida e à reprodução individual, mas “pensar, sentir ou agir de forma espontânea significa aqui pensar ou agir sem o estabelecimento de uma relação consciente e refletida para com a causa, a forma, o motivo e o objeto desse pensamento, sentimento ou ação” (p. 62).

2) *Economicismo*: é o pensamento e a ação guiados pela lei do menor esforço; economia de esforço físico e mental pela abreviação, condensação, velocidade.

3) *Pragmatismo*: consiste numa unidade imediata entre pensamento e ação, que são determinados de forma teórica, reflexiva e crítica, mas por sua funcionalidade imediata. Ocorre uma identificação espontânea entre o funcionalmente correto e o verdadeiro.

4) *Probabilidade*: as ações são realizadas com base em avaliações probabilísticas e não por certezas científicas, pela unidade entre o economicismo, o pragmatismo e a repetição, e quando não se realiza, por algum imprevisto, são denominadas de catástrofes da vida cotidiana.

5) *Confiança e fé*: a fé é um acompanhante afetivo e impulsiona as ações, quando temos certas certezas subjetivas não baseadas na experiência ou na reflexão. A confiança se apóia em alguma forma de saber, sendo mais acessível aos âmbitos da experiência, moral, teoria, ciência, enquanto a fé está mais sujeita à alienação, pois não cede aos argumentos racionais ou dados da realidade.

6) *Ultrageneralização*: as ações são realizadas a partir de generalizações das próprias experiências particulares ou daquelas tradicionalmente aceitas e difundidas no meio social, por meio de um ‘manejo grosseiro do singular’. São tipos de ultrageneralização os precedentes, os preconceitos e a analogia.

7) *Imitação*: para a assimilação das objetivações genéricas em si, hábitos,

costumes, comunicação de uma sociedade e com o fim de comportar-se socialmente da forma mais adequada.

8) *Entonação*: é o ‘tom’ afetivo que é dado por cada pessoa em determinados contextos e que a associa a certas características e a um certo ambiente emocional que a envolve.

Todas essas características constituem as formas cognitivas, afetivas e comportamentais do indivíduo na vida cotidiana e configuram um psiquismo cotidiano, necessário à reprodução da sua vida (ROSSLER, 2006b, p. 74). Não são em si mesmas um problema, mas favorecem uma consciência fragmentada, colocando o psiquismo cotidiano como mais suscetível à alienação, especialmente porque um cotidiano alienado produz uma consciência alienada.

Assim,

O cotidiano torna-se alienado, portanto, quando a vida dos homens, quando seu ser, está preenchida quase que exclusivamente pelas características, pelo conteúdo e pela dinâmica da cotidianidade; quando a forma de o homem se relacionar com suas atividades, o sentir, o agir e o pensar do homem, não vai além da estrutura das formas de pensamento, sentimento e ação típicas da vida cotidiana, as quais tomam conta, assim, da totalidade de sua existência objetiva e subjetiva. Em outras palavras, alienação está presente quando, por conta de determinadas condições materiais, sociais e econômicas, a estrutura da vida cotidiana incha, hipertrofia-se, e penetra em todas as esferas da vida dos indivíduos. Nessas circunstâncias é raro que os indivíduos consigam distanciar-se, ainda que momentaneamente, das formas automáticas e espontâneas de agir, pensar e sentir da cotidianidade. Mais raro ainda é que eles cheguem a questionar a aparente naturalidade desse modo de ser. (ROSSLER, 2004, p. 112-113)

De forma geral, essa reflexão teórica parece coadunar com a apresentada por Iasi. Iasi (2007a, p. 13-20) chama a consciência alienada de *primeira forma da consciência* de classe e defende que a família tem um importante papel de mediação na formação dessa primeira forma de consciência, tanto por ser o primeiro grupo social do qual a criança faz parte, quanto por reproduzir e recriar continuamente os valores, normas, padrões sociais. Sendo assim, a família é entendida como fundamental na reprodução e recriação da consciência social burguesa, bem como na assimilação subjetiva de tal consciência pelo indivíduo.³⁵

³⁵ Concordamos que a família desempenha importante papel na manutenção e reprodução dos valores burgueses. No entanto, Iasi (2006; 2007) adota a perspectiva freudiana para explicação do mecanismo psicológico de apropriação desses valores pelos indivíduos, dizendo que os valores e normas são incorporados pela criança primeiramente como carga afetiva, tomando consciência deles somente depois. Em nosso entendimento, Vigotski incorpora de certo modo essas idéias, embora para ele, o processo de internalização suponha a unidade afetivo-cognitiva. Quer dizer que na

Iasi (2006, p. 198-199; 2007a, p. 18-19) também apresenta algumas características próprias da primeira forma de consciência. A primeira é que as relações preestabelecidas são vivenciadas pela criança como realidade dada e, com isso, aparece um segundo aspecto, em que a pessoa passa a entender essa relação através do mecanismo da ultrageneralização. Por ultrageneralizar, ou seja, tomar a parte pelo todo ou tomar *uma* realidade (a sua realidade imediata) como sendo a realidade, as relações sociais perdem seu caráter histórico e são tidas como naturais, terceira característica dessa forma de consciência. Em quarto lugar, está a dependência de outro para a realização de suas necessidades, isto é, a realização do desejo implica a aceitação de uma autoridade. Como quinto aspecto, Iasi levanta que as normas e exigências das relações sociais não permanecem externas, mas interiorizam-se e a pessoa assume-as como suas. A sexta característica é que diante do conflito entre a realização de um desejo e a satisfação de uma necessidade, o indivíduo tende a satisfazer sua necessidade e, por último, a pessoa além de assumir tais valores e normas como seus, zela por sua continuidade e reprodução.³⁶

Levando em conta essas características, poderíamos dizer que essa consciência alienada encarna a ideologia, na universalização e explicação das relações sociais. Haveria, a partir disso, uma tendência em entendermos, por exemplo, que a nossa escola é a única forma de escola possível, ou de que as relações de assalariamento são naturais. Tudo isso compõe o senso comum e reforça a ideologia, por naturalizar e justificar determinadas relações sociais que, apesar de alienadas, beneficiam uma das classes em luta, contribuindo para a sua manutenção. Além disso, o outro é visto como quem satisfaz as necessidades, assumindo uma posição importante nas relações de poder.

Essa forma de consciência pode ser confirmada e reforçada (o que ocorre na maioria das vezes) ou negada pelas novas relações que a pessoa estabelece no decorrer de sua vida nos mais variados lugares: na escola, no trabalho, na igreja, no sindicato, no movimento social.

incorporação de valores e normas pela criança (na brincadeira, por exemplo), há a mediação de um sistema de significação com que o outro opera, que tem sua dimensão cognitiva e afetiva e que se torna autoconsciente no curso do desenvolvimento. Por outro lado, mesmo considerando que Freud traga importantes contribuições à análise do psiquismo, vemos que sua perspectiva naturaliza e universaliza processos históricos.

³⁶ De certa forma, na quarta e na sexta características reaparece, de fundo, a concepção freudiana do desenvolvimento humano adotada por Iasi, com a qual já dissemos ter importantes diferenças.

Segundo Vigotski (2000b, p. 284), vemos apenas um fragmento do mundo, pois um olho que tudo visse, nada veria; assim como uma consciência que se desse conta de tudo, não se daria conta de nada. Para o autor, a consciência está encerrada entre certos limiares e no interior desses limiares não se capta toda a diversidade de mudanças e matizes, mas a percepção das mudanças depende de novos limiares. É como se a consciência fosse um órgão seletor, que seleciona pontos estáveis da realidade em meio ao fluxo geral. É uma peneira que filtra o mundo e o modifica de modo que seja possível agir.

A realidade converte-se em concepção de mundo fixada na consciência na forma de linguagem, o que lhe confere certa estabilidade. Essa concepção pode ser naturalizada ou ainda mecanizada, fossilizada (em analogia ao mecanismo psicológico do comportamento fossilizado) com base na alienação. Pensamos, com isso, que a alienação e a ideologia oferecem obstáculos ao avanço para novos limiares da consciência, já que dão uma aparência de ausência de movimento, quando a realidade é movimento contínuo. No entanto, a ideologia não pode impedir o movimento do real, pode no máximo lhe dar uma aparência estática.

Sob as relações sociais capitalistas, os limiares da consciência são determinados pela atividade alienada e pela consciência fragmentada da totalidade. Ou seja, são determinados pelas relações materiais dominantes e suas correspondentes idéias de dominação. Não apenas todos e cada um se inserem em algum ponto das relações capitalistas, como a consciência social universalizada é a consciência liberal burguesa.

Mas se a formação da consciência se dá pela internalização de certas relações sociais, devemos lembrar, em primeiro lugar, que as relações sociais são contraditórias e que a situação objetiva da classe trabalhadora lhe possibilita a percepção de aspectos contraditórios dessa realidade. Em segundo lugar, entendemos que a inserção da pessoa em novos contextos materiais (mudar de cidade, começar a trabalhar ou participar de uma greve, por exemplo) permite novas internalizações. Ocorre, então, que enunciados, normas, regras sempre aceitas por determinada pessoa, podem se somar às já internalizadas ou entrar em choque com essa nova realidade, a partir da percepção e da vivência de um contexto material que não corresponde, pelo menos em parte, à concepção anterior. Não quer dizer que a mudança no contexto material produza diretamente a internalização de outros valores, pois a pessoa pode (e tende a) entender a nova realidade a partir dos

velhos valores, internalizados como signos. Os signos são instrumentos psicológicos, inseridos pela pessoa em sua atividade, que ampliam significativamente as possibilidades dadas pelas funções psicológicas e que representam as suas relações reais.

Reportemo-nos ao processo de desenvolvimento de conceitos, entendidos como unidade do pensamento e da palavra. Nesse momento do processo de consciência, da consciência cotidiana alienada, predominam os conceitos espontâneos, isto é, aqueles que são resultado do aprendizado espontâneo na experiência pessoal e imediata, compreendendo processos que mobilizam as dimensões afetiva e cognitiva, constituindo uma unidade entre intelecto e afeto. Vale destacar que qualquer apropriação é sempre mediada socialmente e, de início, mediada pelo meio social mais próximo, a família. Vigotski (2001a) aponta que os conceitos espontâneos servem à atividade cotidiana, mas caracterizam-se pela ausência de um sistema, o que leva ao sincretismo, à justaposição e insensibilidade à contradição. Por aí vemos que há um mecanismo psicológico que contribui para que as normas e valores internalizados como conceitos espontâneos não sejam entendidos como sistemas em conflito ou contradição. Essa possibilidade se coloca, com o desenvolvimento dos conceitos científicos que terão importante papel na formação da consciência de classe para-si e do que trataremos adiante.

3.5 DA REVOLTA INDIVIDUAL

*Difícil é saber
se aquele homem
já não está
mais aquém do homem;
mais aquém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço
capaz
de ter a vida mastigada
e não apenas
dissolvida*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Segundo Iasi, “a chave do movimento das formas de consciência é uma contradição, ou um jogo de contradições, cuja síntese é uma não-correspondência entre a antiga visão de mundo e o mundo real em movimento.” (IASI, 2006, p. 231).

Por ‘antiga visão de mundo’, Iasi entende que no desenvolvimento da criança, em primeiro lugar, ela internaliza, pela mediação da família, em geral uma visão de mundo naturalizada que reproduz as relações sociais alienadas e que corresponde a certo contexto material. Com a realidade contraditória e em movimento, as pessoas vivenciam durante sua vida novos contextos materiais, que podem ser contraditórios com os vividos e internalizados anteriormente. E a partir do momento em que a consciência fragmentada e alienada entra em contradição com a realidade em movimento, abre-se a possibilidade de que essa contradição venha à tona na consciência. Em razão dos mecanismos ideológicos, de início, essa contradição é vivida subjetivamente, gerando um estado de *revolta*. Podemos citar como exemplo o caso da pessoa que aprende por toda a vida que a forma de enriquecer em nossa sociedade é através do próprio trabalho. Há, na realidade, vários exemplos que comprovam essa expressão ideológica. No entanto, essa pessoa trabalha muito e não enriquece. A ideologia oculta que nem todos aqueles que trabalhem muito, ficarão ricos e, além disso, oculta que a riqueza, na sociedade capitalista, não é fruto do próprio trabalho, mas da apropriação do valor produzido pelo trabalho alheio. Essa pessoa tem, fundamentalmente, duas formas de explicar sua situação: a primeira é entendendo essa realidade a partir dos valores ideológicos internalizados, atribui a culpa a si mesma por não trabalhar o suficiente. Nesse caso, a não correspondência deve se manifestar como uma revolta individual e a consequência é novamente naturalizar, anunciando que infelizmente “sempre foi assim” o que leva a um “sempre será assim”. (IASI, 2006; 2007a). A segunda é percebendo que aquele enunciado não corresponde diretamente à realidade. Nessa situação, ocorre um choque de sistemas, do sistema internalizado anteriormente e de um novo sistema que emerge. Esse choque, conforme apresentamos acima e como aponta Vigotski (2000a, p. 34-37), é vivenciado como drama, um conflito externo internalizado pelo choque de hierarquias divergentes vividas pela pessoa nas suas diferentes relações e que pode ou não avançar a outra forma de consciência, a depender de certas condições.

3.6 DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE EM SI

Eu pra mim é pouco. Algo se empenha em sair de mim como um louco.
Miaikovski

*O rio teme aquele mar
como um cachorro
teme uma porta entretanto aberta*
João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Segundo Iasi (2006, p. 258-261; 2007a, p. 28-29), uma importante condição para a passagem a uma nova forma de consciência de classe do proletariado é a superação da vivência do conflito como algo individual através do grupo, por meio de um processo de identificação com o outro e que leva a superação da vivência do conflito de forma apenas subjetiva. A partir do momento em que a injustiça vivida individualmente, por exemplo, é partilhada por um grupo, se produz, em maior ou menor grau, uma mudança qualitativa, já que a revolta individual funde-se e torna-se revolta coletiva, potencializando uma ação também coletiva. É quando eu passo a perceber a contradição existente em mim, presente no outro e a possibilidade de juntos conquistarmos algo que nos falta.

Apontaríamos ainda como outra condição importante o desenvolvimento de um sistema de conceitos, ainda que embrionariamente. Para que a percepção da contradição seja possível, é necessário que a pessoa comece a desenvolver um sistema de conceitos, baseado na apropriação de conceitos científicos e na ascendência dos conceitos espontâneos. Nesse movimento, essa pessoa passa a ter condições de notar incoerências e contradições entre velhas idéias e novas idéias, que expressam as contradições da realidade em movimento. Aqui, ao falarmos de conceitos científicos, o fazemos no sentido sugerido por Vigotski, situados em um sistema geral com certa hierarquia e que produzem a consciência reflexiva.³⁷

Dadas essas duas condições, a ação como grupo organizado que busca a

³⁷ Os conceitos científicos podem ser entendidos como um tipo de conceito não-cotidiano ou não-espontâneo, porém não os únicos. Podem haver os conceitos religiosos, por exemplo, que também exigem um sistema hierarquizada, graus de abstração etc. Não entraremos nesse momento no debate da questão da ciência como ideologia, embora saiba-se que a ciência, bem como as demais idéias produzidas na sociedade capitalista, possui uma perspectiva de classe. Como diz Löwy (1987, p. 195), “A realidade social, como toda realidade, é infinita. Toda ciência implica opção.”

satisfação de uma necessidade ou desejo, produz um salto na consciência, chamada de *consciência em si*. Os indivíduos que entraram em fusão no grupo se engajam em um projeto coletivo, mas ainda tem em vista o atendimento de uma necessidade imediata. Colocam-se em movimento, mas seus esforços ainda voltam-se à reivindicação de algo que atenda as suas necessidades. Mas reivindicar algo, mesmo que do capital e coletivamente, não é um processo que supera necessariamente o nível do em si, ou seja, o nível da ação espontânea. Essa forma traz ainda elementos da velha forma, como esperar de outro que satisfaça suas necessidades pela reivindicação. Por isso, é chamada também de consciência reivindicatória. É quando a classe sofre as conseqüências do modo de produção através de alguma situação vivida em sua realidade imediata, se engaja em um processo de organização, mas exige de outro suas reivindicações. Ou seja, constitui-se como classe na relação com outra classe, mas sem uma ação autoconsciente não rompe com aquilo que lhe coloca na condição de explorada, buscando apenas melhorias na realidade imediata e não uma transformação das relações sociais que produzem a condição de exploração. Como exemplo, podemos citar os mais variados movimentos reivindicatórios, desde os que lutam pelos direitos das mulheres ou dos negros, até movimentos de trabalhadores que entram em conflito mais direto com o capital, como os de trabalhadores que realizam greves, lutam por maiores salários ou pela diminuição da jornada de trabalho. É bom esclarecer que nem todos esses movimentos estão necessariamente nessa forma de consciência, pois essas várias particularidades podem fundir-se como classe, ascendendo a uma condição universal. (IASI, 2006).

3.7 DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE PARA SI

*Primeiro,
o mar devolve o rio.
Fecha o mar ao rio
seus brancos lençóis.
O mar se fecha
a tudo que no rio
são flores de terra,
imagem de cão ou mendigo.
Depois,
o mar invade o rio.
Quer o mar
destruir o rio
suas flores de terra inchada,
tudo o que nessa terra
pode crescer e explodir,
como uma ilha,
uma fruta.
Mas antes de ir ao mar
o rio se detém
em mangues de água parada.
Junta-se o rio
a outros rios
numa laguna, em pântanos
onde, fria, a vida ferve.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

A consciência de classe em si se produz no movimento das relações capitalistas articulada à ação da classe, quando os indivíduos vivenciam certas contradições não mais apenas em um âmbito subjetivo (característico da consciência alienada), mas ainda de uma forma espontânea. O nível da consciência de classe para si é o nível da ação autoconsciente, quando a classe trabalhadora desenvolve uma ação consciente de seus objetivos e de seus motivos. Na consciência em si está colocado um limite para o avanço e a conquista não só das reivindicações, mas da emancipação humana, que é o da manutenção das relações sociais capitalistas. Ao se colocar como classe e simplesmente reivindicar, o proletariado nega o capitalismo, afirmando-o. Mas por sua posição peculiar dentro das relações sociais, como já discorremos anteriormente, afirma-se não apenas como um grupo com interesses particulares dentro da sociedade capitalista, mas fica diante da tarefa histórica de superação dessa ordem. Iasi mostra esse movimento ao afirmar que:

A verdadeira consciência de classe é fruto dessa dupla negação: num

primeiro momento, o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe, para depois negar-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital. (IASI, 2007a, p. 32)

A *consciência para si* surge da emergência da classe como sujeito, é um salto em direção à ação autoconsciente da classe. Caracteriza-se por ser uma consciência em que o proletariado além de se perceber como classe na relação com outra classe, coloca-se em movimento na busca da superação das relações capitalistas e, mais do que isso, da abolição das classes. Essa forma de consciência pode ser chamada também de consciência revolucionária, pois surge da constatação de que a sociedade precisa ser transformada radicalmente para superar as condições de alienação e exploração. (IASI, 2006).

Podemos dizer, então, que a consciência de classe para si diz respeito a uma consciência da classe de sua posição nas relações sociais e de sua possibilidade de intervir sobre a sua dinâmica. É a classe trabalhadora com autoconsciência, entendendo, por exemplo, que é fonte de mais-valia e, por isso, o centro da reprodução do capital e a partir dessa consciência saber que pode parar o capital. Para que a classe tenha produzido essa percepção, foi necessário colocar-se como classe para si na luta política contra o capital (vide item 3.3 deste capítulo) e a partir disso desenvolver uma teoria que levasse ao conhecimento do real para além de sua aparência.

A consciência, de um modo geral, surge da relação sujeito-objeto e é, portanto, sempre produção de conhecimento. A consciência de classe para si é produto da ação política da classe trabalhadora e se constitui como uma consciência que impulsiona a ação revolucionária. Tem sua origem na ação da classe e passa a orientar essa ação, modificando-a qualitativamente, pois à medida que se conhece melhor a realidade, melhor se organiza a ação para intervir nessa realidade.

Aqui, mostra-se com clareza o papel fundamental do conhecimento. Assim como é necessário conhecer as leis da natureza para submetê-la à vontade humana, é necessário conhecer o movimento e as leis das relações sociais para submetê-los também à sua vontade. Ainda que os homens estejam também submetidos às leis da sociedade, tais leis estão em movimento, que não é pré-determinado, pelo contrário, pode mesmo ser determinado, a partir das possibilidades materiais colocadas, pela ação autoconsciente humana. Nesse

sentido, destacamos a seguinte passagem de Duarte,

A concepção histórico-social não se limita a responder o que o gênero humano *é*, mas, na resposta ao que ele *é*, procura os elementos para responder o que ele *pode vir-a-ser* e dentre as alternativas possíveis, a concepção histórico-social elege aquelas que considera como constitutivas do que o gênero humano *deve vir-a-ser*. (DUARTE, 1993, p. 69)

Pensamos, com isso, que para eleger um *deve vir-a-ser* dentre as possibilidades, é preciso conhecer as alternativas do *pode vir-a-ser*. O processo de conhecimento ocorre mediado pelos conceitos, pela linguagem. Quando mediado por conceitos espontâneos, o conhecimento tem um grau de generalização mais imediato, é mais permeável à ideologia, à tradição, à ultrageneralização. Para romper com modos de pensar, agir e sentir cotidianos, é necessário superar os conceitos espontâneos, desenvolvendo o que Vigotski chama de conceitos científicos. Os conceitos científicos passam também a mediar a relação do sujeito com o mundo, com um grau de generalização superior que permite operações mais complexas, através da formação de um sistema de conceitos organizado e que busque apreender a realidade para além de sua aparência, percebendo suas relações, conexões e contradições. Com isso se produz a consciência reflexiva e o controle deliberado sobre as próprias funções psicológicas, que permite um distanciamento da realidade (externa e interna) para avaliá-la.

O desenvolvimento da consciência de classe rompe com a ideologia por meio da produção de um sistema teórico que busque desvelar as contradições do real, suas leis e suas relações. Para fazer avançar o processo de consciência da classe trabalhadora e conseqüentemente, transformar a realidade, é necessário conhecer cada vez mais o real, o que exige uma tomada de consciência dessa realidade. O desenvolvimento dos conceitos científicos permite uma tomada de consciência mais elevada do que os espontâneos, além de maior arbitrariedade, levando ao desenvolvimento da consciência reflexiva. Para reafirmar a importância dos conceitos científicos no processo de tomada de consciência, repetimos uma citação de Vigotski colocada no capítulo 2: “Descobrimos que a tomada de consciência dos conceitos se realiza através da formação de um sistema de conceitos, baseado em determinadas relações recíprocas de generalidade, e que tal tomada de consciência dos conceitos os torna arbitrários.” (VIGOTSKI, 2001a, p. 295).

No entanto, não podemos esquecer que também a produção do conhecimento científico é um processo marcado pelas contradições do processo de humanização e alienação e pela luta de classes.

Para Chauí (1984, p. 80-81), o papel da teoria revolucionária não é conscientizar ou criar uma consciência verdadeira, para se opor à falsa, mas desvendar os processos reais e históricos enquanto resultados e condições da prática humana em situações determinadas, prática que dá origem à existência e à conservação das relações de dominação. A teoria precisa apontar os processos objetivos que levam à dominação e à exploração e os que podem levar à liberdade.

Nesse sentido, Löwy defende que a visão de mundo proletária é mais favorável ao conhecimento social do que a das outras classes. Para o autor, a contribuição mais importante de *História e consciência de classe* de Lukács foi de mostrar que o proletariado foi colocado pela história diante da tarefa de uma transformação consciente da realidade; por isso conhecer a realidade objetivamente é uma necessidade para a sua ação. (LÖWY, 1987, p. 126).

Löwy (1987, p. 197) afirma que “à cada época é a classe revolucionária que representa o máximo de consciência possível; este privilégio, que era no passado da burguesia revolucionária (filosofia do Iluminismo, economia política clássica, etc.), pertence agora à classe revolucionária de nossa época: o proletariado” e acrescenta que

o ponto de vista potencialmente mais crítico e mais subversivo é o da última classe revolucionária, o proletariado. Mas não há dúvida de que o ponto de vista proletário não é de forma alguma uma garantia suficiente do conhecimento da verdade social: é somente o que oferece a maior possibilidade objetiva de acesso à verdade. (LÖWY, 1987, p. 208-209).

Com isso, aponta para as especificidades do proletariado como classe revolucionária, que difere das demais classes revolucionárias da história. Em primeiro lugar, por ser a primeira classe revolucionária cuja visão social de mundo tem a possibilidade objetiva de ser transparente. Diferente da burguesia, que tinha interesses particulares a defender diferentes da massa e, portanto, o que ocultar, o interesse do proletariado de abolir a dominação de classes coincide com o da grande maioria da humanidade. Em segundo lugar, porque o proletariado só pode tomar o poder, transformar a sociedade e construir o socialismo por uma série de ações deliberadas e conscientes, por isso precisa conhecer objetivamente a

realidade. (LÖWY, 1987, p. 199-200).

O conhecimento da realidade se coloca, portanto, como necessidade objetiva para a ação revolucionária e para o desenvolvimento da consciência de classe para si.

No entanto, o processo da consciência não é linear ou regular, e pode em qualquer dos momentos de seu movimento avançar ou retroceder a outras formas de consciência. Um importante motivo para que isso ocorra é o fato de que, até o momento, em nenhuma das oportunidades históricas produzidas pelo desenvolvimento do capital e construídas pelo proletariado para a superação da sociedade de classes foi possível sustentar uma sociedade sem classes. Foge aos objetivos de nossa pesquisa avaliar as determinações e causas para que isso ocorresse, mas o fato é que o modo de produção capitalista é ainda hegemônico mundialmente e não foi superado.

O movimento da consciência não leva, portanto, automaticamente à transformação das relações sociais, pois isso depende de uma série de fatores, inclusive os relativos à estabilidade ou instabilidade do capital e da burguesia e da capacidade de organização e ação do proletariado. Para que haja uma transformação social é necessário que da conjugação das condições objetivas e subjetivas surja a atividade autônoma do proletariado que culmine na eliminação da propriedade privada dos meios de produção e das relações de assalariamento. É absolutamente necessário, portanto, que haja uma relação intrínseca entre teoria e prática revolucionária.

Se no decorrer da história, a classe trabalhadora constitui-se como classe para si e produziu uma teoria revolucionária, o indivíduo pode desenvolver também uma consciência de classe para si, tanto na inserção no movimento da própria classe como classe autoconsciente, em momentos revolucionários, por exemplo, quanto pela apropriação das experiências, polêmicas e conhecimentos condensados na teoria revolucionária. Isso torna possível que o indivíduo desenvolva uma consciência de classe para si em um momento em que a classe esteja estagnada. É sobre isso que trataremos no item a seguir.

3.8 DA CONSCIÊNCIA PARA SI E SUAS CONTRADIÇÕES NO INDIVÍDUO

*Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo*

*Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia
Que yo cambie no es extraño*
Julio Numhauser (Todo cambia)

No tópico acima, vimos como a classe chega à consciência para si. Mas não podemos esquecer que a classe não deixa de ser uma categoria que existe concretamente através dos indivíduos que fazem parte dela. Embora a consciência de classe não seja a média nem a soma da consciência dos indivíduos, devemos considerar que a diferença qualitativa produzida na ação coletiva da classe que produz uma nova consciência ocorre sempre a depender do engajamento de indivíduos concretos nessa ação.

Acontece de alguns indivíduos chegarem à consciência revolucionária enquanto a classe está em um momento de amoldamento à ordem. O ser da classe produz a possibilidade da consciência de classe revolucionária, mas se não há movimento da classe, essa consciência não transforma a realidade. O processo da consciência de classe é produzido a partir de uma necessária inserção em projetos coletivos da classe (reivindicatórios ou revolucionários), mas que se dá necessariamente pelo indivíduo concreto. Ou seja, a transformação da sociedade não se produz pela ação e consciência de um indivíduo, pois só se realiza como consciência capaz de transformar a sociedade, na ação com a classe. Por outro lado, se realiza necessariamente no indivíduo. O indivíduo sozinho não transforma a sociedade e se chega à consciência revolucionária sem a classe, muitas vezes é ‘pressionado’, por meio da ideologia e das práticas sociais necessárias à reprodução de sua vida, a retroceder às outras formas de consciência. (IASI, 2007a).

Vemos aqui, possíveis contribuições de Vigotski, no que se refere à formação da consciência pelas mediações da atividade humana, quando o autor afirma que se chega ao ‘para si’ quando se é capaz de ter autodomínio sobre a conduta, quando se é capaz de inserir intencionalmente signos para mediar sua

atividade psicológica. O domínio da conduta é conseguido através do domínio dos meios que influenciam na conduta.

O indivíduo que toma consciência dos aspectos velados pela ideologia, especialmente quando a classe não realizou este movimento no mesmo momento, é um novo indivíduo em conflito. Está sob a constante pressão da sociedade que lhe diz para “pensar em si mesmo”, “cuidar da própria vida”. Entra aqui o que Vigotski chama de luta de motivos no processo volitivo. O motivo é produto de um sistema complexo de estímulos que age na eleição volitiva. A luta entre motivos está presente no processo de escolha, pois a pessoa consegue dominar sua conduta a partir da eleição de um motivo. No processo volitivo, um estímulo mais forte pode se transformar em um motivo débil e vice-versa. A vontade não é puramente livre, mas dependente de motivos externos. Como diz Toassa (2004, p. 5), referindo-se a Vigotski: “A vontade não é uma função psíquica, mas o comando das diferentes funções e do estabelecimento de intenções concretas pelas quais a pessoa converte a ação condicionada em ação livre.”

Parece-nos relevante que no processo de consciência haja um ato volitivo que eleja certos motivos e não outros. Para Vigotski (2000b, p. 289), o livre arbítrio não consiste em estar livre de motivos, mas tomar consciência da situação, tomar consciência da *necessidade de eleger*, que o motivo se impõe e que sua liberdade nesse caso é uma necessidade gnoseológica.

Elegemos algo livremente quando criamos a instrução, e não apenas realizamos a instrução dada por outro. Enquanto inicialmente a eleição é feita com a ajuda da atenção ou da memória; na eleição livre entre duas possibilidades, a escolha não é determinada de fora, por outro, mas pela própria pessoa, na escolha entre motivos, levando em conta, é claro, as possibilidades materiais colocadas. Ao dominar os meios que influem sobre nós (especialmente os signos), é que passamos ao autodomínio dos processos psicológicos, quando a vontade desenvolvida pela escolha passa a constituir a atividade humana. (VIGOTSKI, 2000b).

Outro aspecto não pode ser eliminado da livre escolha: o processo de conhecimento. Se para intervir sobre a realidade (externa ou interna) é necessário conhecê-la, e se em grande parte a humanidade está alienada do conhecimento produzido socialmente, por este ser propriedade privada de uma classe, podemos concluir que os processos de livre escolha sob o capitalismo ficam bastante

comprometidos. Segundo Toassa:

As condições de reação existentes nos experimentos de livre-escolha – por mais simples que sejam – são raridade em tempos de alienação. (...) O processo de desenvolvimento da livre-escolha demanda tanto a necessidade concreta de escolher quanto a possibilidade de definir novas opções, mas, no capitalismo, o poder econômico determina as possibilidades de escolha existentes. (TOASSA, 2004, p. 8).

A autora refere-se a uma falsa escolha, presente nas relações capitalistas, que é a entre morrer ou viver explorado. “A necessidade de sobrevivência deforma e descaracteriza todas as outras necessidades, sobrepujando-as pela carência de opções concretas na realidade concreta.” (TOASSA, 2004, p. 9). Uma questão se coloca para nós: a consciência de classe pode ser entendida como um momento em que há uma luta de motivos e um processo de livre escolha?

Para responder, é necessário notar que a consciência de classe é própria da sociedade de classes, e, com isso, traz também suas contradições. Embora a ideologia imponha uma consciência social dominante, a realidade com suas contradições apresenta-se para ser apreendida pelos diferentes grupos sociais. A apreensão da realidade se dá a partir da perspectiva de quem a olha, tornando possível que a classe que vive no centro das contradições sociais, desenvolva uma concepção de mundo, com modos de pensar, sentir e agir que integrem tais contradições, que as faça visíveis.³⁸

Uma das condições para que isso ocorra é que a classe trabalhadora aproprie-se do conhecimento científico, filosófico, ético e político mais desenvolvido pela humanidade até o momento para o entendimento da realidade social. A partir dessa apropriação emerge a luta entre a concepção de mundo alienada - internalizada e enraizada, assumida como a própria concepção de mundo – e a concepção de mundo revolucionária - baseada no sistema de conceitos filosófico-científicos do marxismo e que busca captar as contradições do real que produzem seu movimento para intervir sobre ele.

Devemos lembrar que diante dessa ‘livre-escolha’ está colocada a necessidade da escolha e do querer escolher e que na atividade prática real inserida

³⁸ O marxismo desenvolve-se revelando aspectos da realidade material velados pela ideologia porque parte de uma determinada perspectiva, fundada materialmente, que determina seu panorama da análise.

em relações alienadas, nem sempre a escolha é feita com conhecimento de todas suas determinações, possibilidades e conseqüências. Determinadas situações fazem com que as pessoas ou grupos fiquem impelidos a agir de uma e não outra forma. Como se fosse a falta de opção que levasse à escolha e a consciência disso que levasse à livre-escolha.

A luta e a eleição de motivos implicam a pessoa integral, total. O autodomínio do pensamento, necessário à livre-eleição, supõe conhecer os motivos, os interesses e as necessidades do pensamento pela pessoa.

Somente no para si é possível ampliar o autodomínio sobre a conduta a partir da autoconsciência. Buscar ativamente unidade e coerência no sistema de significação que explica a realidade. Mas sob relações capitalistas, esse autodomínio será sempre limitado pela alienação material, que só se rompe pela transformação do modo de produção da vida. Não podemos esquecer que enquanto perduram as relações capitalistas, a consciência social universalizada é burguesa e a consciência de classe funciona, no máximo, como contra-ideologia. Uma nova consciência social só pode ser fruto de um novo ser social, baseada em novas relações.

Toassa (2004, p. 4-5), ao sintetizar algumas idéias de Vigotski, afirma que tomar consciência de uma operação significa recriá-la na imaginação para que seja possível exprimi-la em palavras. Tal processo é destacado da atividade geral da consciência, tornando-se, ele mesmo, objeto consciente, quando se apreende os próprios processos psíquicos através da generalização e sistematização existente no conhecimento científico. A autora destaca que o que há de essencial no conceito de liberdade para Vigotski, conforme visto no segundo capítulo, é a tomada de consciência da necessidade, processo constituído em uma relação dinâmica entre pensamento e linguagem.

A tomada de consciência surge como uma importante chave para a análise do processo de consciência de classe, por ser entendida como uma relação ativa de compreensão ou conhecimento do meio social. Demanda uma consonância entre fatos internos ou externos ao sujeito e sua representação, mesmo que inconclusa ou imperfeita, na palavra. (TOASSA, 2006, p. 73-75).

Na sociedade capitalista, a tomada de consciência deve passar pelo entendimento de que a sociedade é dividida em classes com interesses antagônicos, pelo entendimento do movimento dessa sociedade provocado por suas

contradições e quais as possibilidades de intervir nesse movimento. Ao falar da tomada de consciência, Toassa (2006, p. 74) expõe ainda outras duas classes desse fenômeno. Uma é a tomada de consciência motivacional, que se refere à livre-escolha entre vários motivos. Outra é a tomada de consciência das operações semióticas e conceituais. Parece-nos que aquela, inclui a compreensão da relação entre a atividade da classe como necessária para a superação do capital e a ação individual dentro do projeto da classe; e esta, a compreensão dos significados sociais produzidos no movimento das relações de produção no sistema de conceitos científicos.

Outro aspecto relevante ao nosso objeto, do processo da consciência de classe na relação com a consciência individual, diz respeito à realização do projeto de transformação social. A superação de modos de produção da vida não acontece de forma rápida nem espontânea. Cabe lembrar que os homens fazem a história e, embora as condições necessárias à superação sejam dadas pelo desenvolvimento das leis dialéticas, é necessária uma ação organizada e intencional da classe revolucionária para a superação. Coloca-se, como vimos enfatizando, de forma premente a necessidade da classe se apropriar do conhecimento que desvela as leis de movimento da sociedade. A partir do entendimento do que significa a transformação de uma sociedade, surge outro conflito no indivíduo, exposto de forma bastante interessante por Iasi (2007a): o tempo de transição de um modo de produção a outro é, sem dúvida, maior que o tempo de uma geração, ou, maior que o tempo de vida de um indivíduo.

Segundo Iasi (2007a, p. 40-41),

A concepção da potencialidade da classe, a consciência da possibilidade da vitória, é parte integrante da consciência de classe. Essa tarefa exige outro tipo de indivíduo, não o moldado pelos valores burgueses e liberais correspondentes às representações ideológicas das relações de exploração da sociedade capitalista, ou seja, o individualismo pequeno-burguês e todas as suas matizes. Essa tarefa exige um novo indivíduo capaz de compreender sua temporalidade além dos limites de si próprio, compreender esse esforço como esforço coletivo de sua classe e além dela. A consciência que, ao fazer a segunda negação, expressa o movimento essencial da classe ao se superar como classe.

Tal indivíduo é forjado no próprio movimento da classe e pelo conflito desencadeado no plano pessoal e vivido de forma singular. É um processo complexo, em que se produz uma luta de motivos, em função de algumas razões.

Em primeiro lugar, porque os indivíduos ao engajarem-se em projetos coletivos de transformação social, não eliminam as influências da ideologia, já que continuam sendo seres dessa ordem, que lhe exige certas práticas materiais para a produção social de sua vida. O que é possível é colocar a própria consciência sob uma reflexão crítica permanente e ao agir buscando criar novas relações produzem mudanças na consciência, ainda que incipientes. Com isso, só gostaríamos de reforçar que a pessoa não pode simplesmente abandonar a concepção de mundo baseada em modos de pensar, sentir e agir da classe dominante, mas pode eleger diante de uma luta de motivos na ação concreta, ir contra tal consciência. Em segundo lugar, devemos destacar que na luta de motivos, a negação da consciência alienada e a busca pela superação do capitalismo levam os indivíduos a renunciar a certos valores, normas, características sociais e ideológicas, como o individualismo, a competitividade etc., dando lugar ao companheirismo, solidariedade, ainda que de forma limitada e contraditória. Em terceiro, porque diante da compreensão do alcance da tarefa de transformação da sociedade, o indivíduo necessita transcender sua ação individual, que não é capaz de tamanha empreitada. É ao relacionar, nos termos de Leontiev, a sua ação individual com a atividade da classe, que a pessoa torna-se capaz de perceber que seu projeto transcende sua existência e que a única forma de dar continuidade a essa projeto é inserir-se no projeto histórico e na atividade organizada da classe. É pela formação de um sentido pessoal conectado ao significado produzido pela classe que o indivíduo é capaz de se perceber como uma contribuição no processo.

O movimento da consciência de classe e a consciência revolucionária levam a pessoa a reorganizar sua conduta, sua atividade e seu sistema de conceitos de acordo com novos parâmetros. Vigotski, ao tratar da reorganização dos sistemas psicológicos, remete-se a Spinoza e destaca que

(...) o homem pode com certeza reduzir a um sistema não apenas funções isoladas, mas também criar um centro único para todo o sistema. Spinoza mostrou esse sistema no plano filosófico; existem pessoas, cuja vida é um modelo de subordinação a um fim, que mostraram na prática que isso é possível. (VIGOTSKI, 1999a, p. 134)

Essa passagem nos leva a refletir que a consciência de classe revolucionária possa ser um centro único, que reorienta a conduta do indivíduo.

3.9 DA SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO

E se o oceano incendiar
Chico Buarque e Francis Hime

Já discorremos sobre o processo ontológico de apropriação e objetivação, que produz como consequência o desenvolvimento das forças produtivas. Isso se dá no interior de certas relações sociais, em nosso caso, relações sociais capitalistas. Junto disso, devemos destacar que no desenvolvimento do capitalismo não surgiu uma nova classe que pudesse suplantar as classes existentes e fundar uma nova sociedade de classes, como foi até agora o desenvolvimento histórico. Pelo contrário, as condições materiais criadas pelo desenvolvimento das forças produtivas inviabilizam o surgimento dessa nova classe, entre outros motivos, pelo fato de cada vez mais deixar os homens em igual situação de expropriação. Esse é o fato que torna possível o argumento da sociedade sem classes.

A consciência revolucionária torna-se um poder material para a superação da alienação na medida em que se transforma em ação revolucionária, que busque eliminar essa situação de expropriação. A superação da alienação supõe que deixe de haver o abismo entre a produção do ser genérico e a apropriação individual do gênero humano. Marx e Engels apontam que a superação da contradição entre o interesse individual e o coletivo se dá com a superação da divisão do trabalho entre manual e intelectual, o que acontece somente dadas algumas condições práticas, com o que fechamos o capítulo 1, mas que retomamos aqui:

Para que ela [a alienação] se torne um poder 'insuportável', isto é, um poder contra o qual se faça uma revolução, é necessário que ela tenha feito da massa da humanidade uma massa totalmente 'privada de propriedade', que se ache ao mesmo tempo em contradição com um mundo de riqueza e de cultura realmente existente, ambos pressupondo um grande aumento da força produtiva, isto é, um estágio elevado de seu desenvolvimento. Por outro lado, esse desenvolvimento das forças produtivas (...) é uma condição prática prévia absolutamente indispensável, pois, sem ele, a *penúria* se generalizaria, e, com a *necessidade*, também a luta pelo necessário recomeçaria, e se cairia fatalmente na mesma imundície anterior. (MARX; ENGELS, 1998, p. 30-31)

No sentido da construção de condições para a superação da alienação, vemos uma importante reflexão trazida por Duarte (1993). O autor mostra que no

desenvolvimento histórico da humanidade foi o capitalismo que criou as possibilidades de uma individualidade livre e universal, pois rompeu com a fusão natural anterior entre o indivíduo e sua comunidade natural. Deixa claro ainda que não se trata de retroceder às sociedades pré-capitalistas, mas de superar a individualidade capitalista, resignada à forma mercadoria pela conquista da individualidade para-si. O indivíduo para-si é aquele que busca permanentemente relacionar-se de forma consciente com sua própria vida e sua própria individualidade, mediado pela busca constante da relação consciente com o gênero humano. (DUARTE, 1993).

O autor demonstra ainda que

No processo de formação da individualidade para-si, isto é, da síntese consciente entre particularidade e genericidade, o indivíduo desfetichiza sua relação com o mundo, o que significa que ele desfetichiza tanto sua relação com a sociedade e com o gênero, quanto a relação consigo próprio. Nesse processo com frequência surgem os conflitos entre as motivações particulares das quais se apropriou de forma espontânea ao longo de sua vida e as motivações genéricas que elegeu conscientemente como valores fundamentais para sua vida. (DUARTE, 1993, p. 192).

Vigotski, em seu texto *A transformação socialista do homem*, levanta três fontes fundamentais para a transformação da personalidade humana. A primeira é a libertação do homem pela destruição das formas capitalistas de produção e organização e as formas de vida social advindas dessa organização. A segunda é a libertação do potencial existente na grande indústria, colocando-o a serviço do desenvolvimento humano, e não da acumulação de capital. A terceira é a mudança nas relações entre as pessoas e por conseguinte nas idéias, padrões, gostos, isto é, uma mudança totalizante do comportamento humano. (VIGOTSKI³⁹, p. 6).

Esse é o caminho traçado pela transformação. Entendemos, porém, que enquanto imperarem relações de alienação é necessário que haja uma busca ativa por sua superação e pela emancipação humana.

Sob as relações alienadas, a individualidade para-si consiste em buscar as máximas possibilidades existentes, pela construção de uma hierarquia individual consciente das atividades cotidianas, mediada pela relação consciente com as objetivações genéricas para-si (DUARTE, 1993). Tal processo, em nossa opinião,

³⁹ VIGOTSKI, L. S. **A transformação socialista do homem**. (Trabalho original de 1930). Disponível em: <www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.doc>. Acesso em: 25/01/2007.b

passa pelo processo de objetivação-apropriação da consciência de classe, que ao desenvolver-se pode chegar à consciência revolucionária.

*Espesso,
porque é mais espessa
a vida que se luta
cada dia,
o dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu vôo).*
João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Porque é muito mais espessa
a vida que se desdobra
em mais vida,
como uma fruta
é mais espessa
que sua flor;
como a árvore
é mais espessa
que sua semente;
como a flor
é mais espessa
que sua árvore,
etc. etc.*

João Cabral de Melo Neto (O cão sem plumas)

Como vimos, a consciência da classe trabalhadora se constitui como expressão de seu ser social, é a consciência de ocupar um determinado lugar nas relações sociais e a possibilidade de agir conforme essa consciência. Esse lugar não é estático, já que o ser da classe trabalhadora se constitui no movimento produzido pela contradição de estar integrada ao capital como sua parte constitutiva e ao mesmo tempo suportar o ônus dessa relação. Dessa forma, dependendo do momento do movimento da classe para o qual se olhe, ela aparece alienada e amoldada à ordem ou reivindicando direitos do capital ou ainda tomando as rédeas de sua história e produzindo o salto qualitativo necessário à superação do capitalismo.

Esse movimento relaciona-se e interfere em outro processo, o da formação da consciência individual. Embora a consciência de classe não possa ser considerada a soma da consciência dos indivíduos que compõem a classe trabalhadora, mas como uma síntese produzida por seu ser social, tal consciência somente se realiza nos próprios indivíduos, por seus modos de pensar, sentir e agir, que constituem sua concepção de mundo. Essa concepção de mundo é também um produto histórico e que varia conforme os modos de produção social da vida. Na sociedade de classes, é produzida pelas classes, como vemos na seguinte passagem de Marx,

Sobre as diferentes formas de propriedade, sobre as condições sociais, maneiras de pensar e concepções de vida distintas e peculiarmente constituídas. A classe inteira os cria e os forma sobre a base de suas condições materiais e das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, que as adquire através da tradição e da educação, poderá imaginar

que constituem os motivos reais e o ponto de partida de sua conduta. (MARX, 2002, p. 51-52).

As classes sociais produzem maneiras de pensar relativas à sua posição na sociedade, da forma como apreendem o mundo de sua perspectiva. É com base no seu poder de dominação, material e intelectual, que a classe dominante faz com que sua perspectiva se universalize. A partir disso, compreendemos como os indivíduos da classe trabalhadora, imersos em sua cotidianidade, apropriam-se espontaneamente, pela tradição e pela educação, de certos modos ideológicos de pensar e os naturalizam. No entanto, a posição da classe trabalhadora no mirante das relações sociais lhe oferece um horizonte mais amplo e com isso a possibilidade de melhor apreender a paisagem e captar aspectos das relações materiais que os colocam de frente com contradições importantes e fundamentais para o curso da história. (LÖWY, 1987).

Nesse sentido, nossa pesquisa buscou contribuir no entendimento de como aquela consciência alienada, fruto de relações sociais alienadas, pode tomar consciência de sua alienação e movimentar-se na direção de uma consciência revolucionária, que vise à superação de tais relações. Esse movimento precisa ocorrer, sem dúvida, nas consciências individuais, mas não de forma isolada senão necessariamente na relação com o acúmulo teórico e prático produzido pela classe em sua trajetória, sintetizado na consciência de classe.

Diante disso, devemos analisar a questão da superação das relações capitalistas e da construção do socialismo como um novo modo de produção. No que se refere à superação do atual modo de produção, retomaremos alguns elementos.

Sabemos que para a superação da sociedade de classes é necessária uma ruptura radical com as atuais formas de produção e organização da sociedade por meio de uma revolução. Isso se dá pela conjugação de dois tipos de condições, as objetivas e as subjetivas. Em primeiro lugar, analisemos as condições objetivas.

Marx⁴⁰ aponta que

Ao chegar a uma determinada fase de desenvolvimento, as forças produtivas

⁴⁰ MARX, K. Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política. [1859] Marxists Internet Archive, mar. 2007. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio_crit_eco_pol.htm> Acesso em: 20 set. 2007.

materiais da sociedade se chocam com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais se desenvolveram até ali. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações se convertem em obstáculos a elas. E se abre, assim, uma época de revolução social.

Assim sendo, a primeira condição objetiva necessária à superação é o choque entre o desenvolvimento das forças produtivas materiais e as relações sociais de produção, que abre uma época revolucionária. Isso quer dizer que as forças produtivas “que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam, ao mesmo tempo, as condições materiais para a solução desse antagonismo.” (MARX, *idem*). No entanto, tais condições abrem somente uma possibilidade objetiva de revolução do modo de produção.

Além dessa condição objetiva presente na estrutura do sistema, é necessário, segundo Lênin, a conjugação em um âmbito conjuntural de outros três aspectos, que configuram, dentro dessa época de revolução social, uma situação revolucionária, quais sejam:

- 1) impossibilidade de as classes dominantes manterem a sua dominação de forma inalterada; crise da “cúpula”, crise da política da classe dominante, o que seria uma fissura através da qual o descontentamento e a indignação das classes oprimidas abrem caminho. Para que a revolução estoure não basta, normalmente, que “a base não queira mais” viver como outrora, mas é preciso que “a cúpula não o possa mais”;
- 2) agravamento, além do comum, da miséria e da angústia das classes oprimidas;
- 3) desenvolvimento acentuado, em virtude das razões indicadas acima, da actividade das massas, que se deixam, nos períodos “pacíficos”, saquear tranquilamente, mas que, em períodos agitados, são empurradas tanto pela crise no seu conjunto como pela da própria “cúpula”, para uma acção histórica independente. (LÊNIN, 1979, p.27-28).

Tais situações revolucionárias são produzidas pelo próprio desenvolvimento do capitalismo, que em certos momentos oferece essas condições de forma combinada. Não são condições dadas permanentemente, mas que se produzem no movimento do capital. Por serem resultado do movimento do capital e não da vontade da classe revolucionária, essas condições são consideradas objetivas. Diante disso, aponta-se que sem essas condições não é possível uma revolução, ou seja, a superação da ordem capitalista.

No entanto, nem toda situação revolucionária resulta em uma revolução. Isso ocorre porque, embora a situação revolucionária seja um produto do

desenvolvimento do capital, a revolução exige uma ação organizada e consciente da classe revolucionária. Nas palavras de Lênin,

(...) a revolução não surge em toda situação revolucionária, mas somente nos casos em que a todas as alterações objetivas acima enumeradas vem juntar-se uma alteração subjetiva, a saber: a capacidade, no que respeita à classe revolucionária, de conduzir ações revolucionárias de massa suficientemente vigorosas para quebrar completamente (ou parcialmente) o antigo governo, que não cairá jamais, mesmo em época de crise, sem 'ser derrubado'. Essa é a concepção marxista da revolução (...). (LÊNIN, 1979, p. 28).

É aqui que entram as condições subjetivas do processo revolucionário. Nesse sentido, pensamos que o processo da consciência de classe tem fundamental importância, já que seu desenvolvimento para formas mais avançadas contribui no amadurecimento das condições subjetivas, para que quando se apresente uma situação revolucionária, seja possível a transformação social. As possibilidades de superação podem se converter em realidade na medida em que a classe se coloque em movimento, produzindo não só uma consciência revolucionária, mas uma ação capaz de revolucionar a sociedade. Ocorre somente se a ação organizada e autoconsciente da classe revolucionária, no momento em que se apresentam as condições objetivas, seja suficiente para abolir as relações capitalistas e iniciar a construção do socialismo. É necessário que a classe trabalhadora transcenda a reação espontânea ao capital e entre em um processo autoconsciente que leve à ação revolucionária intencional e organizada. Para isso, é necessário que os indivíduos que fazem parte da classe apropriem-se das experiências práticas e da teoria revolucionária produzidas pela classe trabalhadora em sua história. Como já dito antes, todo processo de apropriação e objetivação é um processo educativo.

Nesse sentido, voltamos à questão da relação da consciência da classe com a consciência individual. No que diz respeito às condições subjetivas para a superação da alienação, coloca-se uma contradição, a consciência de classe para se efetivar deve estar em relação com a ação da classe, mas essa consciência só se realiza no indivíduo. Segundo Vigotski (1999a, p. 368), "cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais". O autor afirma ainda que o caráter de classe, a natureza de classe e as distinções de classe são responsáveis pela formação dos tipos humanos e que as contradições internas dos sistemas sociais encontram sua expressão acabada no tipo de personalidade e da estrutura do

psiquismo humano de cada período histórico.⁴¹

A partir disso, o autor soviético ressalta que a produção capitalista ao mesmo tempo em que mutila os indivíduos das possibilidades de desenvolvimento produzidas pela humanidade, contém em si as forças para sua destruição, como vemos na passagem a seguir:

Não importa qual traço particular – que caracteriza o tipo psicológico humano dado – escolhamos, seja nos períodos iniciais ou mais recentes do desenvolvimento capitalista, por toda parte encontraremos sempre naturezas e significados duplos, em cada característica crucial. A fonte da degradação da personalidade das pessoas, na forma capitalista de produção, também contém, em-si mesma, o potencial para um infinito crescimento da personalidade humana. (VIGOTSKI, idem, p. 5)

Assim, completa Vigotski, o crescimento da grande indústria traz dentro de si o potencial oculto para o desenvolvimento da personalidade humana, sendo o capitalismo responsável pelo desenvolvimento unilateral e deformante da personalidade.

O autor retoma o fato de que a contradição entre o poder crescente do homem e sua degradação, entre o crescente domínio da natureza e sua liberdade, de um lado e a escravidão e dependência crescente das coisas produzidas por ele mesmo, de outro; esta contradição parcial está subordinada a outra mais geral e totalizante: a contradição entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais. Vigotski afirma que esta contradição se resolve pela revolução socialista e pela transição a um novo modo de produção. Ao longo do processo revolucionário ocorrem transformações no homem e em sua personalidade, decorrentes de três fatores:

1) a destruição das formas capitalistas de organização da vida social que leva à libertação do homem, ou seja, a personalidade se liberta daquilo que oprimia seu desenvolvimento;

2) a libertação do potencial positivo da grande indústria, que ao invés de se colocar contra as pessoas, estará a seu benefício;

3) uma mudança nas próprias relações sociais, entre as pessoas, que traz mudanças às idéias, padrões de comportamento, exigências, gostos. (VIGOTSKI, idem, p. 6).

⁴¹ VIGOTSKI, L. S. **A transformação socialista do homem**. (Trabalho original de 1930). Disponível em: <www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.doc>. Acesso em: 25/01/2007.

Aqui, retomamos a idéia já bastante exposta no decorrer de nosso trabalho de que a consciência do indivíduo se forma de acordo com as relações sociais em que está inserido. Assim, transformando as relações sociais, transformam-se os modos de pensar, sentir e agir sintetizados na concepção de mundo, transformando de forma significativa a consciência humana.

Devemos lembrar que no processo de internalização, o que internalizamos não é o mundo, mas uma concepção de mundo, pela mediação de um sistema de conceitos. Esse processo foi uma das chaves que encontramos na análise da relação entre a consciência de classe e a consciência individual. Parece-nos ainda ser um terreno bastante fértil para aprofundamentos posteriores.

Outra importante contribuição de Vigotski é sobre o processo de imaginação, que se mostra fundamental na produção da consciência e, em especial, da consciência de classe revolucionária. Segundo VIGOTSKI (1998b), no processo da imaginação é importante a direção da consciência, que consiste em se afastar da realidade, em uma atividade de abstração que se diferencia da cognição imediata da realidade. Junto com as imagens que se criam durante o processo da cognição imediata da realidade, o indivíduo cria imagens que são reconhecidas como produto da imaginação, pela combinação criativa de imagens existentes. Com base nas imagens produzidas na relação ativa com as condições materiais apresentadas na realidade, podemos criar novas imagens que não estão prontas na realidade circundante imediata. É no processo de abstração e da comprovação da abstração na realidade, que se produz o conhecimento sobre suas contradições e que a imaginação se inscreve como uma função psicológica fundamental para a produção de uma consciência revolucionária.

As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão intimamente ligadas com a imaginação, ou seja, à tão peculiar disposição da consciência para com a realidade, que surge graças à atividade da imaginação. (...) Toda penetração mais profunda da realidade exige uma atitude mais livre da consciência para com os elementos dessa realidade, um afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária, a possibilidade de processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VIGOTSKI, 1998b, p.129)

A imaginação permite, portanto, certo afastamento pela consciência do véu ideológico encontrado na aparência imediata das relações reais na sociedade de classes. Esse afastamento produz, de outro lado, uma aproximação da realidade em

suas verdadeiras relações e conexões, aproximação possível graças à posição privilegiada da classe trabalhadora na produção do conhecimento das contradições do real. Para realizar uma análise da realidade, por meio da consciência, utilizamos de todo o sistema interfuncional, a imaginação, a emoção, os conceitos, as funções e sistemas psicológicos. Nesse campo, percebemos preciosos subsídios de Vigotski.

O movimento de construção de uma nova sociedade exige um projeto que deve se delinear pelo movimento coletivo da classe trabalhadora. Vigotski se engaja nessa busca, inspirado também pelo momento histórico de ebulição revolucionária em que vive, e procede ao estudo da consciência, do desenvolvimento humano e de um homem novo.

Ao longo de nossa pesquisa, pudemos confirmar nossa hipótese inicial, de que Vigotski tem valiosas contribuições ao estudo da consciência de classe e sua relação com a consciência individual. Mais do que nunca, devemos reafirmar a atualidade desse admirável psicólogo, suas proposições teóricas que tanto valorizam o processo de aprendizado sistemático e científico, em busca do desenvolvimento de um processo educativo que leve à apropriação pelos indivíduos das máximas possibilidades conquistadas pelo gênero humano na explicação da realidade.

Sublinhamos, ainda, que sua obra é muito rica e certamente ficam ainda muitas possibilidades de caminhos a serem percorridos. Reconhecemos que existem questões que poderiam ter sido abordadas com mais profundidade neste trabalho, tais como a relação entre o sentido e o significado na produção da consciência de classe e da consciência individual, ou a teoria do cotidiano de Agnes Heller, mas que por limitações das mais variadas, pessoais e de tempo por exemplo, não puderam ser feitas. Há ainda outras questões que não foram abordadas por extrapolarem a delimitação de nossa pesquisa, mas que se constituem como possibilidades futuras de estudo bastante interessantes e férteis, como o papel da educação escolar na formação da consciência alienada e da consciência revolucionária da classe trabalhadora. Admitimos que seja o resultado de uma investigação, parcial e limitado, daquilo que foi possível apreender de nossa perspectiva e nas condições de realização dessa pesquisa. No entanto, se o processo de conhecimento é também um movimento de aproximação da realidade, esperamos ter contribuído, aproximando-nos um pouco mais desse fenômeno.

Já que, como diz Duarte (1993, p. 114), a relação consciente com o gênero

humano é apenas uma possibilidade que pode se concretizar com a superação das relações sociais capitalistas, entendemos, como Vigotski, que se coloca cada vez de forma mais premente, a necessidade de engajar-se na luta contra a alienação produzida pela sociedade capitalista e na luta pela emancipação humana, para que todos os indivíduos possam se apropriar das conquistas da humanidade e desenvolver-se omnilateralmente.

Assim sendo, fechamos com as palavras de Vigotski, por que

Ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não for dona da verdade sobre a sociedade e da própria sociedade. Ao contrário, na nova sociedade nossa ciência se encontrará no centro da vida. “O salto do reino da necessidade ao reino da liberdade” colocará inevitavelmente a questão do domínio de nosso próprio ser, de subordiná-lo a nós mesmos. (VIGOTSKI, 1999a, p. 417)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria "consciência". **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 110, 2000.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000200005&lng=pt&nrm=iso>

CHAUÍ, M. S. **O que é ideologia**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004a.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Caderno CEDES**. Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 44-63, 2004b.

DUARTE, N. Significado e sentido. **Viver Mente & Cérebro**. Coleção Memórias da Pedagogia, n. 2, p. 30-37. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

DUARTE, N. “Vamos brincar de alienação?” A brincadeira de papéis sociais na sociedade alienada. In: ARCE, A.; DUARTE, N. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil**: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Ekonin. São Paulo: Xamã, 2006a.

DUARTE, N. A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais: por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo ou relativismo cultural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 3, p. 607-618, 2006b.

ENGELS, F. **Ludwig Feuerbach y el fin de la filosofía clásica alemana**. [1886] Marxists Internet Archive, nov. 2000.
Disponível em: <<http://www.marxists.org/espanol/m-e/1880s/feuer/index.htm>>
Acesso em: 10 de setembro de 2006.

ENGELS, F. **Discurso no funeral de Karl Marx**. [1883] Marxists Internet Archive, jan. 2006.

Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1883/03/22.htm>>

Acesso em: 19 de novembro de 2007.

FURTADO, O. **Da consciência crítica e da consciência fragmentada**: um estudo sobre a classe operária. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1992.

GERMER, C. M. As forças produtivas e a revolução social revisitadas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 11, 2006, Vitória – ES. **Anais...** Vitória: UFES - Departamento de Economia, 2006. CD-ROM.

GERMER, C. M. **O proletariado 'invisível': a centralidade da classe trabalhadora e a transição para o socialismo**. Curitiba, 2008. Texto não publicado, elaborado para o debate 'A centralidade da classe trabalhadora e a revolução socialista' realizado em junho de 2008 em Curitiba.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IASI, M. L. **O dilema de Hamlet**: o ser e o não ser da consciência. São Paulo: Viramundo, 2002.

IASI, M. L. **As metamorfoses da consciência de classe** (O PT entre a negação e o consentimento). São Paulo: Expressão Popular, 2006.

IASI, M. L. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

IASI, M. L. **Classes sociais e a reestruturação produtiva do capital**. São Paulo, 2007b. Texto não publicado, elaborado para o debate '140 anos d'O Capital' realizado em agosto de 2007 na PUC-SP.

KLEIN, L. R. Trabalho, educação e linguagem. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 1, Edição especial, p. 15-42, 2003.

KLEIN, L. R. **Fundamentos para uma Proposta Pedagógica para o Município de Campo Largo**. Campo Largo, PR: PM/SED, 2007.

LÊNIN, Vladimir I. U. **A Falência da Segunda Internacional**. São Paulo, Kairos, 1979.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUNA, M. D. **Atividade reflexiva e regulação da conduta: um estudo sobre crianças com baixo rendimento escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MARTINS, L. M. A natureza histórico-social da personalidade. **Caderno CEDES**, Campinas, SP, v. 24, n. 62, p. 82-99, 2004.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. Crítica a Proudhon (Carta a P. V. Annenkow). In: FERNANDES, F. (org.) **K. Marx e F. Engels: História**. São Paulo: Ática, 1984.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro Primeiro. (t. 1) 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, K. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MARX, K. **Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política**. [1859] Marxists Internet Archive, mar. 2007.

Disponível em:

<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/01/prefacio_crit_eco_pol.htm>

Acesso em: 20 set. 2007.

MELO, D. M. **A construção da subjetividade de mulheres assentadas pelo MST**. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A., SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F (orgs.). **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E A ALIMENTAÇÃO (FAO), 2002. Disponível em:

<http://www.fao.org/documents/show_cdr.asp?url_file=/docrep/007/y5650s/y5650s00.htm> Acesso em: 18 out. 2005.

ROSSLER, J. H. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. **Caderno CEDES**. Campinas, v. 24, n. 62, 2004.

ROSSLER, J. H. O papel da brincadeira de papéis sociais no desenvolvimento do psiquismo humano. In: ARCE, A.; DUARTE, N. **Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Ekonin**. São Paulo: Xamã, 2006a.

ROSSLER, J. H. **Sedução e alienação no discurso construtivista**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006b.

TOASSA, G. Conceito de liberdade em Vigotski. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, vol.24, n.3, p.2-11, 2004. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 Out 2006.

TOASSA, G. Conceito de consciência em Vigotski. **Psicologia USP**. São Paulo, vol.17, no.2, p.59-83, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772006000200004&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1678-5177. Acesso em: 10 Jan 2008

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, nº 71, p. 21-44, jul. 2000a.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VIGOTSKI, L. S. **A transformação socialista do homem**. Disponível em: <www.pstu.org.br/cont/subjetividade_vigotski.doc>. Acesso em: 25/01/2007. (Trabalho original de 1930).

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. (v. I) 2. ed. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas.** (v. II) 2. ed. Madrid: Visor, 2001b.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas.** (v. III) 2. ed. Madrid: Visor, 2000b.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas.** (v. IV) 2. ed. Madrid: Visor, 2006.